NELSON DE SENNA
DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

DISCURSO

pronunciado como orador official, na sessão inaugural, da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fora, a

13 DE MAIO DE 1910

BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas
1910

Off. do autor.

Coelho

NELSON DE SENNA
DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

DISCURSO

pronunciado como orador official, na sessão inaugural, da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fora, a

13 DE MAIO DE 1910

BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas
1910

Sr. presidente da Academia Mineira de Letras,

Sr. presidente da Camara de Juiz de Fora e digno representante do Governo do Estado,

Srs. academicos,

Senhoras e senhores

Com esta é a segunda vez, dentro do espaço de um anno (1) que, por nimia bondade de duas instituições juiz-de-foranas, aqui venho tomar parte nas justas do Saber, nos torneios da Intelligencia, nesta formosa e tão culta, como rica cidade de Minas Geraes.

Chamastes de novo, num captivante convite, ao humilde orador e elle até cá se dirigio, alegre e submisso, para palestrar comvosco no festival da solenne inauguração desta nascente Academia de Letras.

Pena, e grande é, entretanto, a minha, senhores e senhoras, por bem me sentir mesquinho

---

(1) A primeira vez, em 25 de abril de 1909, por occasião de inaugurar-se o Instituto Polytechnico, annexo á Academia de Commercio de Juiz de Fora, como paranympho daquelle.

de engenho e arte, para melhor corresponder á vossa sempre fidalga espectativa e mais airoso me conseguir safar do aperto desta conjunctura em que me collocastes—obrigado aos moldes classicos de um discurso official, de accordo com o papel que me distribuistes, na abertura deste magno sodalicio das letras mineiras.

Escusae-me dos logares communs a que o assumpto me possa conduzir: que isto de ser original e inedito não é obra ao alcance dos que, como eu, (lisamente, o confesso) rastejam na planicie rasa de uma fraca mentalidade...

A's vezes, os que amam o passado fazem o auditorio que os escuta respirar idéas poentas, ou, como naquelle dizer macio e erudito de Herculano, (2) dão-lhes a ouvir «algumas cousas antigas que estavam já postas de parte, conjecturando que ordenadas e vestidas de novas côres podiam tornar á praça e não parecer mal, como arvores de outomno com seo renovo».

O risco, porém, do enfado aos meos ouvintes acaso me distanciaria do intento de penetrar comvosco pelas éras afastadas de nossa literatura e lá ir buscar as justificativas historicas da creação deste esperançoso cenaculo de homens de letras, aqui agrupados desde a memoravel data de 25 de dezembro de 1909 e

---

(2) Vide G. Estaço, no prologo dos «Varões antigos», cit. por A. Herculano, no prefacio do *Monge de Cister*.

collimando os seguintes nobilissimos fins: «*a cultura da lingua e da literatura nacional, o estudo dos costumes, formação da historia da literatura mineira e, especialmente, o congraçamento da intellectualidade mineira.*» (3).

E si resquicio de merito encontrardes na minha oração, antes o deveis attribuir ao temor de não querer eu me afundar pelas brumas do passado para do fundo dos archivos e bibliothecas extrahir algo com que vos viesse gastar a resignada paciencia em me ouvirdes.

Preferi deletrear comvosco nas linhas indecisas dos tempos vindouros, pedindo ao patriotismo vidente que me aclarasse o que porventura nos aguarda nesse *amanhã* de incognitas e esperanças, quanto ao dominio geral do progresso no meio physico e no ambiente moral desta Terra, que nossa é pelo berço e pelo amor...

Prescrutemos, pois, dos fados amigos se a accelerada evolução material matará de vez ou, ao contrario, fará crescer *pari passu* o desenvolvimento da cultura intellectual em nossa Patria.

Senhores e senhoras.

Seja qual fôr o futuro que nos espera—e de certo os nossos votos e os nossos esforços de bons patriotas são por que nos sorria o mais

(3) Vide art. 1.º dos Estatutos da Academia Mineira de Letras.

ditoso porvir—póde-se de ante mão augurar para esta terra de Minas Geraes espantoso e irreprimivel surto ascendente na escala industrial da civilisação.

Do ventre metallico das nossas serras têm de sahir em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenaes, enriquecendo o commercio e aperfeiçoando as artes e os officios em nosso paiz.

Uma nova fase de expansão do trabalho e da industria exigirá tambem um novo scenario para a actividade material das gerações, que nos forem succedendo, aqui, nestes valles amplissimos do Brasil central.

Ferro-vias enroscarão o seo traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre territorio de Minas, sem temor de obstaculos nos pontos de maior encurtamento de seo percurso; hão de se construir ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, tunneis e viaductos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas se estenderão sobre as correntes de tantos rios nossos, e obras d'arte infinitamente multiplicadas irão affeiçoando os mais asperos e bisarros trechos da nossa decantada natureza, para que em toda parte o homem colha proveito immediato e util da terra, da agua, da montanha, da floresta, da luz e do ar, conseguindo aqui o caminho, alli o movimento, acolá o espaço, mais além a materia prima, o calor, a vida...

Em vez de cinco milhões de habitantes, dentro de alguns lustros, teremos o duplo, o tri-

plo, o quadruplo, talvez, dessa população; e pedaço não haverá da nossa superficie, neste territorio que faz de Minas pelo tamanho a «França Sul Americana», e que pela paisagem montanhosa Réclus chamou tambem a «Suissa Brasileira»; trecho ou palmo de chão não haverá em nossa terra, onde não explúa a vida intensa dos grandes centros industriaes, com toda a vertigem do aproveitamento do tempo e do dinheiro, na preoccupação de nutrir e confortar a toda uma densa colméia humana, aqui disputando a terra, e alli o espaço, já no sub-solo das minas, já no intermundio dos ares, nessa pertinaz cobiça do trabalho humano, sempre intelligente e audacioso.

Grandes metropoles mineiras contaremos então: esta de JUIZ DE FÓRA, abrindo-se como imponente «salão de visitas», na fronteira alcantilada do Parahybuna, á continua corrente de *touristes* e homens de negocios, que da formosissima Capital maritima do Brasil demandem o curioso e opulento «paiz das Minas»; cem mil almas aqui formigarão, accentuando melhor ainda o feitio de uma cidade de academias e de fabricas—mixto de officinas em que haverá legiões de operarios, uns buscando illuminar o cerebro no livro e no laboratorio, outros movimentando o capital com o trabalho, no tear e na forja; e toda essa convergencia de energia, no ensino e na manufactura, dará a esta cidade, onde o Christo Redemptor derrama a sua benção ao povo—do alto illuminado

da fragosa collina de Dom Pedro (4)—esse duplo aspecto de uma *Boston* e *Pittisburg*, em pleno Brasil: cidade de collegios afamados e de ruidosos centros fabris...

Na vasta rechã mineira, outras muitas cidades surgirão, de tão intensa actividade, como esta filha de Halfeld e Mariano Procopio, e dominando, cada uma, as respectivas zonas de Minas, com a feição especial de seo clima, de seos usos, de sua população e labor.

A Sudéste, na dupla linha limitrophe, que pela empinada serra da «Chibata» a prende ao Espirito Santo e pelas aguas outr'ora «temidas» do «Muriahé» e pelo macisso verde das «Frecheiras», lhe dá intimos approxes com o territorio fluminense, se levantará Carangola o emporio maximo do rei—café, nestas Minas; a animada cidade do commercio da Matta, celebre por ser o nucleo de convergencia dos caminhos de ferro inglezes que - como tentaculos de um polvo benefico—darão vida e impulso áquella feraz secção agricola do Estado, a ella indo ter um feixe de linhas derivadas para Manhuassú, Campos e Porto Novo, por seo turno mercados opulentos da mesma região brasileira, tão forte no assucar e no café.

Na raia meridional, na visinhança paulista, fulgirá Poços de Caldas, a perola desse temperado e suavissimo meio-dia europeo, que é o Sul de Minas, com as suas thermas, sanato-

(4) Refere-se ao morro do Imperador, que domina a cid. de Juiz de Fóra, com o seo monumento de Jesus-Christo Redemptor.

rios e cassinos, com os seos parques, jardins e hoteis, e que será um adoravel refugio do luxo e prazer, de provisão de saude e bem estar para quantos, nacionaes e extrangeiros, alli busquem as aguas maravilhosas da estancia bem fadada, rival então, neste continente, das grandes hydropolis européas.

Ainda neste chão sul-mineiro, que a natureza prodiga tão ditoso fez, dando-lhe, nos valles bem povoados do Sapucahy e Rio Verde, magnificas terras de pão e vinho, para nutrirem a gente sadia e laboriosa que os habita, ahi vereis um nucleo de cidades opulentas: umas remoçadas pela industria, CAMPANHA e POUSO ALEGRE; outras transformadas pelo esforço tenaz do homem moderno e vivendo de sua futura e fortissima producção de trigo, de uva, de lãs, como OURO FINO ou ITAJUBA', ás quaes um nobre e insuperavel estimulo de progredir fará caminhar sempre para deante.

No Triangulo, dominando o commercio das carnes e do gado, emporio dos dilatados sertões mineiros e goyanos, do Rio Grande e Paranahyba, sera UBERABA, refulgindo pelo poder e riqueza, qual outra *Chicago*, sem os lagos, mas esmaltada pela pradaria verde das chapadas cheias de nédios rebanhos, que lhe alimentarão a industria dos matadouros e xarqueadas, em toda uma região cortada por uma systematisada rêde de caminhos de ferro.

No Oéste, estendendo a sua influencia pelo valle do rumoroso rio das Mortes e adjacentes terras, até e além do Alto-São Francisco, como mercado de permutas de uma larga zona—onde

ainda a industria pastoril e o intenso cultivo dos cereaes e do algodão lhe darão sobejos titulos de valor e poderio—será SÃO JOÃO D'EL-REY, maviosamente cantando o hymno da civilisação pelo apito de cem comboios diarios, nas estações urbanas do seo perimetro, já então estendido pela *Varzea do Marçal* e abas da poetica serra do *Lenheiro*.

No Centro, e como eixo de toda a velha região mineral, renascerá VILLA RICA, já por essa época renovada pelo trabalho potente da electricidade, gerada no esforço titanico da «hulha branca»—captada em dezenas de saltos e quedas—para movimentar cincoenta usinas siderurgicas e outras tantas minas de ouro e explorações de manganez, num raio de vinte legoas. Empunhará de novo o sceptro do primado metallurgico a lendaria e sagrada OURO PRETO, collectando o esforço e a producção de centenas de officinas e machinas, installadas nos seos mais afastados arredores, e rejuvenescida ao calor dos fornos e dynamos, ao bater dos pilões e malhos, fornecendo para todo o mundo, por uma rêde de vias em rumo de beira-mar, o ferro e o aço arrancados de nossos magnificos minerios, quasi inexgotaveis, da cadeia do *Espinhaço*, no limite sul-norte das duas ITABIRAS, a do *Campo* e a do *Matto Dentro*.

Ao Norte, arrebanhando toda a vida mediterranea do médio e baixo S. *Francisco*, surgirá PIRAPORA, emendando o mar e o deserto pelas parallelas da ferro-via de novo e com justiça chamada PEDRO II e pela navegação fluvial... A esse tempo, a prophecia de Joaquim Felicio

estará realisada nessas paragens, onde o *Guaicuhy* paga o tributo copioso de suas aguas ao grande rio brasileiro por excellencia ; ahi, por entre os auspicios de Ceres e Mercurio, no meio de arsenaes e estaleiros, de docas e armazens, de numerosa flotilha de vapores e barcos, surgirá, soberba, ás duas margens do S. Francisco, ligadas por notavel ponte, outra *Buda-Pesth* brasileira, imperando na vastissima bacia de seo rio, por linhas ferreas auxiliares do movimentado trafego fluvial. PIRAPORA será uma verdadeira *cosmopolis*, centro do activo e fecundo labor de milhares de individuos de todas as raças, para alli attrahidos pelo iman encantado da vida facil e da rapida fortuna.

Além, no centro famoso dessa *Golconda* do *Jequitinhonha*, reviverá a DIAMANTINA, a jocunda terra tijucana, no esplendor da mineração de diamantes, cobrindo de custosas gemmas o mercado mundial e enviando para toda parte as pedras, que os seos lapidarios tão delicadamente facetam e as joias de oiro, prata e côco, que a sua ourivesaria tão finamente produz.

Bem mais ao septentrião, senhores, uma na caudal ainda do S. Francisco, outra nas proximidades do baixo Jequitinhonha, se ostentarão exhuberantes de vida, aos olhos dos nossos filhos, mais duas cidades notaveis : JANUARIA, porto fluvial frequentadissimo, com as chaminés de cem paquetes de commercio, enfumaçando os ares, emquanto sobre o bôjo dos porões desses navios os seos entrepostos des-

pejarão fortes carregamentos (de gado, borracha, sola, peixe, fumo, crystal e algodão), vindos dos longes campos goyanos e tambem desse chapadão famoso do *Urucuia*, ou das terras ubertosas de beira-rio ; — e ARASSUAHY, então centro do fortissimo commercio allemão, para compra de turmalinas, berylos e aguas marinhas ; ARASSUAHY, com suas mattas desbravadas pela colonisação germanica e o territorio de sua comarca — tão vasto como *Sergipe* — cortado de ferro vias economicas, que terão penetrado a contigua fronteira bahiana, facilitando o intercambio dos dois povos amigos e visinhos.

Tambem lá, nas bandas orientaes de Minas, nos confins com o solo espirito santense, onde o *Rio Doce* impetuoso corre, como divisa amiga e approximadora, lá terá surgido, senhores, nova *urbs*—a FIGUEIRA, defrontando a escarpa negra da *Ibituruna*, como outra cidade famosa do paiz, dominando a mysteriosa floresta virgem e nella installando poderosas serrarias para o seo largo commercio de madeiras ; açambarcando, como entreposto geral, os productos varios dessa faixa de Matta fertilissima que vem do *Peçanha* a *Theophilo Ottoni* — celleiro do café e do toucinho, sem falar na vinha, no trigo, no assucar, generos outros que já os valles dos dois *Suassuhys*, do *Guanhães*, do *Correntes*, do *Mucury* estarão produzindo em copiosa escala, mercê da colonisação italiana e teutonica, para lá encaminhadas.

Naquellas paragens abençoadas estará a nossa *Canaan*, onde o bom Deos semeou, *á flux*,

thesouros incomparaveis : no cascalho aurifero dos seos rios ; nas bétas de pedras coradas, tão finas e seductoras como a legitima saphyra indiana e a verde esmeralda da Birmania ; nas essencias vegetaes mais cotadas no commercio (o sandalo, a poaia, o velame, a quina, a copahyba); no alto teor metallico dos minerios de ferro das suas cordilheiras ribeirinhas ; na linda plumagem das aves mais canoras ; na seiva adubada de um terreno, que deixa a perder de vista a mancha escura da *toundra* slava, ou que eguala á afamada terra rôxa paulistana...

E todos esses emporios, essas magnificas e populosas cidades, contemporaneas das gerações de amanhã, serão, senhores e senhoras, serão apenas vassallas de uma só rainha — Bello Horizonte, centro politico da quintupla divisão cantonal administrativa, que terá então o poderoso Estado de Minas Geraes ; Bello Horizonte – a Urbs suprema da terra dos Inconfidentes, a «cidade vergel», engastada na moldura magestosa das montanhas e escampados sobre que se reclina, no manso valle do Arrudas, no meio do planalto central do Brasil !

Alli tereis a metropole da Terra Mineira, esta já então grande como uma nação e mantendo-se ainda presa ao colosso brasileiro pelos laços politicos da federação, pelos sentimentos indissoluveis de communhão da raça, da lingua e do direito, mas tendo peculiaridades necessarias de governo interno, para me-

lhor attender á variedade e diversidade de suas zonas e climas e ao algarismo elevado de sua mesclada população de vinte milhões de habitantes, seguramente, por essa época.

Alli tereis, senhores, a Capital das Minas — qual nova *Madrid* — equidistante de todos os pontos cardeaes das nossas fronteiras; cidade já então de duzentas ou trezentas mil almas, e cujo amplissimo perimetro terá a esse tempo engulido as velhas povoações coloniaes das cercanias; —suas torres e palacios serão atalayas da civilisação mais completa, em pleno coração do nosso paiz, a seiscentos kilometros do oceano; suas innumeras escolas e academias formarão o nucleo universitario de nossa activissima vida intellectual, sempre e cada vez mais cuidada, nas boas tradições luso-latinas, através da vertigem a que o trabalho e a industria condemnarão o homem moderno, neste maravilhoso «Paraiso Terreal», que é o Brasil...

Senhores e senhoras. Ao delinear o bosquejo deste painel do nosso progredir, eis que vimos de ferir, na sua agudez torturante, o problema que nos preoccupa o espirito, a saber:

¿O excesso da actividade material entorpecerá as producções da intelligencia, nessa Patria do futuro, que viemos descortinando?

¿O requinte do conforto, a intensa lucta industrial, o progresso economico, o triumpho definitivo da era mercantil, no Brasil de amanhã, entibiarão as energias do cerebro nacional

e farão apoucada a nossa cultura artistica e litteraria ?

Multiplas questões essas, cuja indagação minuciosa escapará aos limites estreitos de uma oração academica, por entenderem com a materia transcendente de alguns capitulos scientificos, desde o estudo physiologico do homem, sob a influencia da fadiga corporal e do amollecimento muscular, gerando a incapacidade relativa para os labores espirituaes ; até ás complicadas theses da anthropologia, da ethnographia, da sociologia, em geral, para a analyse subtil dos factores que possam contribuir para amesquinhar o senso delicado da Poesia e do Bello, nesse homem das raças caldeadas no maximo esforço do combate pela agitadissima existencia contemporanea ; nesse homem affeito ao ambiente actual—tão aquecido pela paixão tenaz das riquezas, da volupia e do goso ardente da vida...

Sem descer á solução que um moralista ou um philosopho pudéra dar á these, eu me abalançaria, senhores, a ficar nos dominios do sonho, da fantasia, talvez ; a embalar a alma, com o affago da esperança e com o alento da fé : Esperança de que, ainda em meio á aspera lucta de uma éra industrial, hão de sobrar corações, que amem a belleza e a bondade ; hão de surgir poetas que cantem a gloria e o amor; hão de apparecer espiritos, que se refugiem no palacio encantado das illusões e timbrem no proposito alevantado de não deixar perecer os ideaes de uma raça meiga e sonhadora... Fé, senhores, nesse poderoso instincto que leva os

povos a conservarem as suas crenças mais sentidas e as suas mais caras tradições; fé, senhores, nesse *quid* inconsciente mas eterno, que orienta o homem para a região sublimada dos céos, impellindo-o sempre ao culto da graça e do bem, ao culto da luz e da estrella, ao culto da flor e do aroma, ao culto da mulher e do affecto, ao culto do lar e da Patria!

E como, senhores, «deixar de luctar é começar a morrer», (já o disse Maudsley), luctemos todos, agora e sempre, porque a vida intensa, que se começa a viver no Brasil do seculo XX, não mate, não estiole, não enfraqueça a espiritualidade, o culto da arte e das letras, a graça sempiterna da poesia e da legenda.

Somos um pugillo de companheiros ligados pelo juramento symbolico desta hora solemne; trinta missionarios das letras, uns publicistas e prosadores, outros poetas e chronistas, alguns professores e homens de sciencia, mas todos irmanados numa cruzada commum:—de pelo livro, pelo jornal, pela palavra, mantermos perenne a tradição gloriosa dos nossos avoengos, tão amigos sempre do convivio selecto das MUSAS, a tal ponto que Minas Geraes teve a sua *escola literaria* typicamente accentuada no seculo dezoito; e ainda agora, para a escolha dos patronos da Academia, a nossa difficuldade esteve na selecção embaraçosa entre a centena de nomes de tantos Mineiros, egualmente illustres, que honram o Pantheon da litteratura nacional.

¿Pois haveriamos nós, meos amigos, de deslustrar em dias de hoje as tradições de «Clau-

dio, Basilio, Durão e Gonzaga, que foram os maiores espiritos poeticos do seo tempo na lingua portugueza?», no conceito de um grande e severo critico? (5).

¿Não seria desdouro vir apagar por nossas mãos o brilho desse estemma literario com que a terra das Minas se adornou, dos tempos coloniaes aos nossos dias, com os poemas do *Caramurú*, do *Uruguay* e de *Villa Rica*? com as estrophes satyricas das *Cartas Chilenas*? com as rimas virgilianas da lyra bucolica de Dirceu e os madrigaes suaves de Silva Alvarenga? com os sonetos raros de «Glauceste Saturnio» e os carmes sentidos de Barbara Heleodora? E evocando este ultimo nome, senhoras, a vós—patricias de Beatriz Brandão—a vós mais que ninguem compete o preito de homenagem devida á inditosa mãe de Maria Iphygenia, á poetisa suavissima que foi a mulher mineira mais culta de sua época!

¿Como esquecermos, senhores, os nomes mineiros, que mais illustraram as sciencias naturaes, neste paiz, desde Alvares Maciel e frei José Mariano, desde Velloso de Miranda e Vieira Couto, desde Bittencourt Camara e Pires Sardinha, até Capanema e Barbosa Rodrigues? ¿Como deixarmos que se occultem na penumbra triste do olvido os mais originaes dos nossos pensadores e jornalistas politicos, desde Bernardo de Vasconcellos, Firmino Silva e Theo-

(5) Vide Sylvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira», tomo 1.º, pag. 217.

philo Ottoni, desde J. Felicio dos Santos, Flavio Farnese e Xavier da Veiga, até Cesario Alvim, Aristides Maia e João Pinheiro?

¿Não seria, porventura, abastardarmos a nossa geração, fazendo-a ingratamente esquecida para com os nossos melhores e mais espontaneos poetas, dessa geração romantica dos dois Queirogas, de Aureliano Lessa, de João Julio, de Lucindo Filho, de Sapucahy, de Araxá, de Pedro Fernandes, de Americo Lobo, de José Sena, de Stockler, de Kubitscheck, de Corrêa de Azevedo?

De Minas ninguem dirá em tempo algum que possa ter sido pobre de talentos e de magnificas vocações artisticas.

A poesia moderna aqui teve cultores da envergadura de Arthur Lobo, Edgard Matta, Oscar da Gama, Arthur França; e assim como a poesia, nas nuanças e matizes de tantas escolas, houve tambem—em Minas—para a prosa, para o romance e para a novella um Bernardo Guimarães, um Julio Ribeiro, um Josaphat Bello, um Azevedo Junior, um José Braga...

¿Quereis publicistas e escriptores de pulso? dar-vos-ei de prompto os nomes inesqueciveis do Conde de Prados, de Ferreira Penna, de Silva Pontes, de Gomide, do Bispo d. João, do conego Marinho, do general Couto de Magalhães, de Baptista Caetano, de Paula Candido, de Perdigão Malheiros, de Franklin Masséna, de Aureliano Pimentel, de Christiano Ottoni, de Baptista Martins, de Estevam Lobo, de Augusto Franco, que peregrinaram pelas provincias mais diversas do saber humano, na histo-

ria, na medicina, na astronomia, na mathematica, na philologia, na jurisprudencia, na critica.

¿Que poeta satyrico maior do que o nosso *Juvenal* ou *Tolentino* brasileiro, o saudoso padre-mestre Corrêa de Almeida ?

¿Quem no Brasil foi superior, no lyrismo religioso, ao dulcissimo José Eloy Ottoni ?

¿Quem excedeo a mordacidade do *Piron* mineiro, o dr. Francisco de Mello Franco, au or do poema heroi-comico intitulado *O Reino da Estupidez* ?

Se na Arcadia poetica, no jornalismo, na publicistica, na historia, na sciencia tivemos tantos vultos em destaque, não menor, senhores, foi a galería de cultores das artes em Mina Geraes, onde bastam na musica sacra e profana os nomes de um João de Deos, um Lino Fleming, um *Púruruca* (João Baptista Macedo), um João da Matta, um José Maria, um F. Raposo ; e na pintura e na esculptura, os de um mestre Valentim, um Aleijadinho, um padre Viegas, um H. Caron... para attestarem a todo o sempre que já tivemos tambem uma especie de «renascença» artistica, no recesso deste «peito de ferro e coração de ouro» do Brasil.

Agora, comvosco, meos confrades e amigos.

Aqui, neste terreno neutro da Academia, lidemos todos sem rancores e nem prevenções, mesmo aquelles dentre nós que, «*muitas vezes, collocados em campos oppostos na politica, tenhamos cruzado com azedume o ferro dos combates*».

Não nos amargurem—para possivel desanimo na lucta intellectual— o aleive ephemero, a passageira violencia de um adversario acrimonioso; lembremo-nos todos desta verdade contida num pensamento do arguto conhecedor de homens, que foi o doutissimo padre Antonio Vieira:—*um grande delicto muitas vezes achou piedade; mas nunca faltou inveja a um grande merecimento* (6).

Não se desinteressando das questões sociaes da nossa épcca, (e nem o poderia fazer sem grave risco para o papel que lhe compete na formação do caracter do nosso povo), a literatura é um riquissimo filão para os que nella tentarem a fortuna do renome, estudando-a com o carinho e a pertinacia que demanda o seo objecto.

Não duvidemos, senhores academicos, de que *tudo se póde esperar da imaginação impetuosa e do espirito activo que caracterisa os Mineiros*, conforme a nosso respeito opinou um insuspeitissimo viajante inglez, mr. Walsh (7).

E si vos agrada mais extenso conceito apreciativo do «caracter mineiro», dignae-vos de ouvir este formulado por Ferdinand Denis, um «pesquisador consciencioso e viajante incançavel», como o qualificou o Visconde de Taunay e que consagrou a melhor porção da sua vasta obra de escriptor ao Brasil:

---

(6) Vide «Sermões» do padre Antonio Vieira, ed. de 1679-92.

(7) Revd. R. Walsh. »Notices of Brasil», 1830. 2 vols.

«Pela maior parte descendentes dos antigos Paulistas, tão famosos por seo valor; em geral, menos misturados que a maior parte das povoações do littoral com a raça preta; sujeitos a um clima mais temperado que o de beira-mar; favorecidos pela abundancia do sólo e riqueza das suas producções; os Mineiros constituem, por assim dizer, um povo a parte entre a povoação do Brasil, o qual não só se distingue por sua sagacidade natural, franqueza e costumes hospitaleiros, mas, depois do Rio de Janeiro, nenhuma região, daquelle dilatado paiz, apresenta reunidos, como em Minas, tantos elementos proprios para desenvolver um movimento industrial favoravel, e isto graças a um juizo são, a uma perspicacia pouco vulgar dos seos habitantes.» (8)

Eis ahi, senhores, o conceito que de nós fazia e das nossas aptidões um escriptor francez de 1837.

Da feição que possamos continuar a imprimir á literatura nacional, se bem trabalharmos, escutae ainda da bocca de um eminente historiador patrio, Varnhagen, nobre filho de S. Paulo, estas palavras egualmente insuspeitas:

« Deixemos por ora só em prophecia que, sendo Minas o estomago do Brasil, nunca será vigorosa

---

(8) Ferdinand Denis (1798-1890), vol. 2.º de sua conhecida obra—«Descripção Historica do Brasil». no cap. «Caracter dos Mineiros»,— pags. 224 e 225.

e genuina a litteratura que dahi não tire as forças, o vigor e a origem.» (9)

¿Porque duvidar, então, do exito desta creação e não confiar antes que ella preencha, cabalmente, os altos fins a que se destina ?

Quanto a mim, companheiros e amigos desta Academia, ficae certo de que não desertarei da pugna começada ; porfiarei junto de vós com o mesmo ardor e a mesma fé com que —obscurissimo soldado—venho pelejando pela causa sagrada das letras, a que tanto vos devotaes.

Já não devo me extender mais; a fadiga vos assalta, e com razão, bem o vejo.

Entretanto, quero sempre dizer vos:

«Quando me escolhestes para interprete do vosso jubilo, para orgam do vosso sentir na festa espiritual que aqui hoje nos congrega, neste dia que é tambem o da redempção nacional de uma raça, (10) estaveis convencidos de que para fazer uma oração sincera não era preciso um orador: bastava um coração». E foi com o coração, senhores e senhoras, que vos vim falar.

Um dia, que já vae bem longe ! foi quando pelas ruas da faceira «Veneza do Brasil», (11) marchavam para o embarque, ao estrugir das ovações do povo, as levas dos voluntarios do

(9) F. A. de Varnhagem (1846), na biographia do poeta mineiro Frei J de Santa Rita Durão, em prefacio ao poema «Caramurú».

(10) Refere-se á data da aurea lei de 13 de maio de 1888, da Abolição dos Escravos.

(11) Cidade do Recife, capital pernambucana.

Norte, que iam liquidar pela metralha as affrontas cuspidas ao pavilhão sagrado da Patria pelo tenebroso despota paraguayo...

Dos oradores que então falavam com o fogo do patriotismo aos bravos legionarios, um já era grande pelo talento e depois sabio morreu, o extraordinario mestiço, gloria da Intelligencia brasileira, Tobias Barreto.

Pois, senhores academicos, como remate de meo discurso e augurando-vos o melhor exito desta campanha literaria, de que sois os estrenuos lidadores, eu vou colher de Tobias, para vol-as applicar, as palavras com que saudava elle os que de Pernambuco partiam para o theatro distante daquella guerra tremenda:

« *Soldados, ide, na bençam de vossa bandeira, receber os acenos da gloria, os incitamentos do porvir!* »

Tenho dito.

II

NELSON DE SENNA

BELLO HORIZONTE

1905

TRABALHOS DO MESMO AUTOR

I. «Memoria Historica e Descriptiva da cidade e municipio do Serro» (Minas)—edição de 1895—Ouro Preto. Typ. Ferreira Lopes & C.ª, rua Tiradentes—Folheto in-8º, 22 pags.

II. «Discursos» (tempos academicos)—ed. de 1895—Ouro Preto. Typ. Silva Cabral, rua do Bobadella, 41—Folheto in-8º, 29 pags.

III. «Paginas Timidas» (Contos e Escriptos)—ed. de 1896—Ouro Preto. Typ. Silva Cabral, rua do Bobadella, 41—1 vol. in-4º—176 pags.

IV. «Discurso Official» (No Gymnasio Mineiro)—ed. de 1897—Ouro Preto. Typ. do *Minas Geraes*. Folheto in-8º, 15 pags.

V. «Discurso Civico» (No Club «União Republicana», de Ouro Preto)—ed. de 1896—Ouro Preto. Typ. do *Estado de Minas*.

VI. «Ephemerides e Factos Mineiros»—1896 e 1898. Na *Rev.* do Arch. Publ. Min. 120 pags.

VII. «Discurso de Saudação» (ao Dr. Bias Fortes)—ed. de 1899—Cidade de Minas. Typ. do *Minas Geraes*. Folheto in-8º, 10 pags.

VIII. «As Nosssas Questões Internacionaes»—ed. de 1900—Cidade de Minas. Na Imprensa Official de Minas—1 vol. in-8º, 58 pags.

IX. «Memorial» (questão forense)—ed. de 1901—Bello Horizonte. Na Imprensa a vapor Joviano & C.ª Folheto in 8º 12 pags.

X. «Santa Ifigenia» (Prefacio ao livro de sua *Vida*)—ed. de 1902—Bello Horizonte. Typ. do *Minas Geraes*, In-8º, 18 pags.

XI. «Contos e Fragmentos»—ed. de 1902—Porto. Typ. Universal de A. Figueirinhas. 1 vol. in-8º peq. 249 pags.

XII. «Perdas e damnos em direito civil» (questão forense)—ed. de 1903—Bello Horizonte. Typ. Beltrão & Comp. In-8º, 20 pags.

XIII. «O Estado de Minas Geraes na Exposição Universal de São Luiz (Notas Estatisticas)—ed. de 1904—Imprensa Official de Minas—1 vol. in-8º, 62 pags.

XIV. «Discurso de defesa» (questão forense)—ed. de 1904—Typ. do *Minas Geraes*. In-8º, 16 pags.

XV. «Serranos Illustres» (esboços biographicos)—Na Rev. do Inst. Hist. Brasil. (1904) e ed. de 1905. Impr. Off. do Est. de Minas. 1 vol. in-8º gr., 40 pags.

XVI. «A Edade da Pedra no Brasil» (Memoria apresentada ao 3º Congresso Scientifico Latino-Americano, no Rio de Janeiro)—ed. de 1905—Typ. Beltrão & C.ª Bello Horizonte. In-8º. XIII e 29 pags.

XVII. «Os Indios do Brasil» (Estudos de ethnographia americana apresentados ao mesmo Congresso, em agosto de 1905).

XVIII. «O Rio Doce» (estudo completo sobre as riquezas naturaes da bacia d'esse rio em Minas e Espirito Santo). Em elaboração.

Off. do autor

TERCEIRO
CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO

These IIa da Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas

A edade da pedra no Brasil: o nosso periodo neolithico

Archeologia e monumentos prehistoricos no Brasil

MEMORIA APRESENTADA PELO MEMBRO DO CONGRESSO

Dr. Nelson C. de Senna

(NATURAL DE MINAS GERAES)

Lente cathedratico de Historia do Gymnasio Mineiro, Bacharel em sciencias juridicas e sociaes, Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (do Rio de Janeiro), do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Instituto Historico de S. Paulo, da Academia Pernambucana de Lettras, da Asociacion de la Prensa (Santiago do Chile), do Gremio Literario da Bahia, do Centro de Sciencias, Lettras e Artes (de Campinas), membro do 3· Congresso Scientifico Latino-Americano, etc., etc.

BELLO HORIZONTE

Typ. Beltrão — Ruas do Espirito Santo e dos Carijós

1905

A' MEMORIA DE

Pedro Guilherme Lund

O SABIO EXTRANGEIRO QUE FOI O CREADOR
DA PALEONTOLOGIA NO BRASIL

E DE

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA

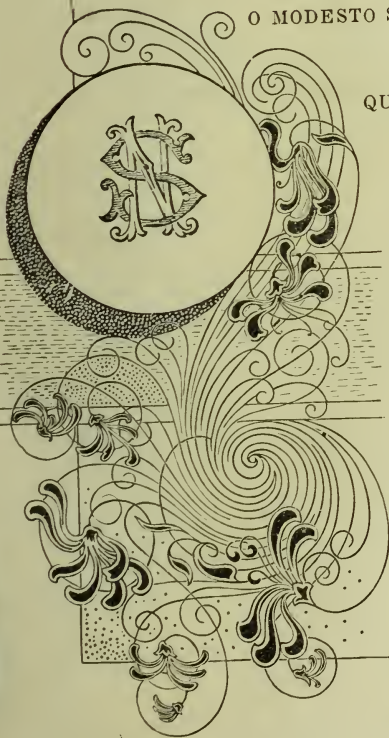
O MODESTO SCIENTISTA
BRASILEIRO
QUE FOI O SEU
CONTINUADOR

O. D. C.

ESTE ESTUDO

O AUTOR

MINAS GERAES

MCMV

ADVERTENCIA

«Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
«Et lapides, et item sylvarum fragmina rami;
«Posterius ferri vis est, œrisque reperta,
«Sed prius œris erat quam ferri cognitus usus».
(LUCRECIO—*De Rerum natura*).

*

«Os homini sublime dedit, cœlumque tueri
«Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus».
(OVIDIO—*Metamorphoses*, I, 85).

*

Abrindo esta insignificante *Memoria*, com o patrocinio tutellar de dous dos maiores poetas e pensadores latinos, fazemos a nossa profissão de fé, na affirmação de que ainda e sempre serão a latinidade e os estudos classicos o fundamento substancial da cultura intellectual perfeita entre modernos.

Máu grado o vaticinio agoureiro de que a latinidade perece, nestes tempos actuaes, em que o *fa presto* (trabalhar depressa) é a nota dominante de todos os espiritos vestidos á moda coéva—pensamos, e comnosco uma legião de escriptores occidentaes, qual mais eminente, que a volta ao seio fecundo das letras gréco-romanas importa num *renascimento*, sob todos os pontos de vista.

Não foi debalde que invocámos Lucrecio e Ovidio.

O primeiro, Titus Lucretius Carus de nome, nascido quasi um seculo antes de Christo (658-700), viveo nos tempos agitadissimos de Mario e de Sylla, abeberou o seu espirito na cultura philosophica dos Hellenos, estudando com Zenon, discipulo da escola philosophica de

Epicuro, e, depois de compôr o seu genial poema didactico, *De natura rerum*, em seis livros (56 annos antes do nascimento de Jesús), já saturado das amarguras da vida, afundou na escuridão do tumulo pelo suicidio, aos 42 annos de existencia...

No seu poema, dedicado a Memmius, e hoje entre nós vulgarisado, principalmente pelas traducções francezas (De Pongerville, abbade de Polignac, Sully-Prudhomme, André Lefévre) se encontram verdades scientificas, hoje generalisadas, mas que naquelle tempo representavam intuição verdadeiramente genial.

O infinito do espaço e do tempo ; a eternidade e a indestructibilidade da materia ; as primeiras edades da terra e a gradual evolução dos seres organisados ; os aspectos da vida selvagem do *homo primigenius*, que habitava no sombrio dos bosques e no interior das cavernas (*nemora cavosque montes*, segundo Lucrecio); emfim, todos os grandes problemas da Natureza estão alli, nos versos admiraveis do poema latino, desvendando-nos, ha perto de 2.000 annos, os segredos famosos da historia da creação.

O delicado Sully-Prudhomme traçou (1869) um bello e completo estudo analytico sobre Lucrecio e a sua obra ; é ainda o melhor commentario do *De Natura rerum*, em que pése a Lefévre, para quem Lucrecio não passou de um eloquente interprete de Epicuro, e de um seguidor de Zenon de Eléa, de Empedocles e Xenophonte, versado que era no conhecimento da seductora philosophia grega.

Vide André Lefévre, *La nature des choses*, Paris, 1878, na «Bibliothéque des Sciences Contemporaines», volume : *La Philosophie.*

*

Tambem Ovidio (Publius Ovidius Naso de nome, nascido em Sulmo, 48 annos antes de Christo), e que experimentou os dissabores do exilio no Ponto-Euxino, onde morreo, nos descreve o ente racional da creação, levantada a fronte para o Creador (*os sublime*), e já dotado de intelligencia, como um ser perfeito de faculdades (*mens capacior altae*), no seio da Natureza primitiva. Sem o descortino genial de Lucrecio, embebeo-se, entretanto, Ovidio nos ensinamentos da philosophia de Pythagoras, e chegou a vasar, no canto XV.º das *Metamorphoses*, a concepção da unidade da materia, debaixo das transformações successivas, que esta soffre. Tirámos de Nisard a traducção d'esse formoso canto :

«Tudo muda, nada perece : o sôpro vital erra de um logar para «outro, anima todos os corpos, o animal após o homem, o homem depois «do animal, e não morre nunca. Assim como a cêra docil que recebe «todas as moldagens e permanece sempre a mesma, sob as fórmas mais «diversas, a alma tambem fica sempre immutavel, debaixo das differentes apparencias dos corpos para que ella emigra. Toda fórma é ephemera».

E assim, si no canto XV° Ovidio lançava a «doutrina do transformismo», que hoje domina toda a sciencia moderna (Paul Mougeolle, *Les Problèmes de L'Histoire*, Paris-1886), exemplificando o seu verso com as mutações do scenario social do mundo antigo, e por outro lado affirmando o principio da «Unidade da materia»; já, no canto I° do mesmo poema mythologico (*Metamorphoses*), o poeta tivéra a intuição—imitada de Hesiodo—da divisão das edades pelos *metaes*, correspondendo aos 4 estadios de uma vida superior, decahindo sempre para o gráu inferior : a edade do *ouro*, a da *prata*, a do *bronze* e a do *ferro*. Ahi, porém, é que está a differença entre as divisões das edades, na cosmogonia poetica, e na sciencia moderna.

Na primeira, a ordem é descendente; na Prehistoria é o contrario : o movimento da cultura humana é ascendente. Da edade da *pedra* attinge-se o andar superior da edade do *bronze* (proto-historica) e desta ao periodo quasi ou definitivamente historico : a edade do *ferro*.

Tal a classificação das tres edades prehistoricas, segundo a materia de que os homens primitivos fabricavam os seus rudes e grosseiros instrumentos, armas e utensilios, na evolução humana constatada no Velho e Novo Mundo pelas pesquizas e descobertas da Archeologia, a partir do começo do seculo XIX até hoje.

Não poderá, todavia, negar a Sciencia o contingente, que recebeo das doutrinas de Lucrecio, de Epicuro, de Zenon, de Plinio, de Theophrasto, de Ovidio e de outros classicos e sabios latinos e gregos.

Está justificada a nossa *Advertencia*. Passemos ao assumpto desta *Memoria*.

Bello Horizonte (Minas-Brasil)—Maio de 1905.

Nelson C. de Senna

BIBLIOGRAPHIA

DOS

Principaes autores citados nesta Memoria e dos que devem ser consultados para o estudo do assumpto

Dr. Julio Trajano de Moura—*Do homem americano* (brilhante these de concurso).

General dr. José Vieira Couto de Magalhães—*O Selvagem*- Rio de Janeiro, 1876—e *Ensaio de anthropologia* (sobre as raças selvagens do Brasil)—In *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 36 (1873).

Florentino Ameghino—*La Antigüedad del hombre en el Plata*—Buenos Aires.

Dr. Ferraz de Macedo—*Ethnogenia brasilica*—Lisboa, 1886.

Dr. Sylvio Roméro—*Ethnographia Brasileira* (estudos criticos e scientificos, abrangendo a *Ethnologia Selvagem*)—Rio—1888.

Visconde de Porto Seguro—*Historia Geral do Brasil* (1.ª ed. com estampas) Rio—1854—1 vol.

A. De Quatrefages—*L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels*, na obra *Hommes fossiles et hommes sauvages*, Paris, ed. de 1883.

Marquis De Nadaillac—*L'Amérique Préhistorique*—Paris, ed. de 1883.

Dr. Paul Topinard—*L'Anthropologie* (4.ª ed. prefaciada por Paul Broca)—Paris, ed. C. Reinwald.

Major Annibal Mascarenhas—*Curso de Historia do Brasil*—Rio (Quaresma & Comp.ª)—1898, 1.º vol.

Dr. João Ribeiro—*Historia do Brasil*—Rio (2.ª ed.)—1900 ; e na *Historia Antiga*, 2.ª ed.—Rio (Alves & Comp.ª), 1894—o cap. *O Homem Prehistorico*.

ALFREDO R. WALLACE—*O Amazonas e o Rio Negro.*

PROF. CARLOS FRED. HARTT—*Geology and physical Geography of Brasil* (*1870*), ed. de Boston (Fields).

SPIX UND MARTIUS (Dr. Joh. Bapt. von Spix und Dr. Karl. Fried. Phil. von Martius).

Reise in Brasilien (Viagem ao Brasil)—Ed. de München, 1828. Ha uma edição ingleza de Longmans, London, 1829—*Travels in Brazil.*

VON MARTIUS—*Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasiliens* (Sobre a Ethnographia da America e principalmente do Brasil)—Leipzig, 1867.

DR. HEINRICH HANDELMANN—*Geschichte von Brasilien*—Berlin (ed. Julius Springer), 1860. É uma excellente« Historia do Brasil».

DR. PAUL EHRENREICH—*Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*—Berlin, 1891 (Contribuições para o conhecimento dos Povos do Brasil).

EHRENREICH—*Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse* (Divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual de nossos conhecimentos) Berlin, 1891—Vide trad. portug. do prof. João Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro).

DR. KARL VON DEN STEINEN—*Durch Centralbrasilien. Expedition zur Erforschung d. Schingú im Iahre 1884*—ed. de *Leipzig*; e *Unter den Naturvölkern Centralbrasiliens, Reiseschilderung und Ergebnisse der II. Schingú—Expedition 1887 bis 1888*, ed. de Berlim, 1894. Esta obra foi traduzida pelo prof. J. Capistrano de Abreu : *Entre os Povos naturaes do Brasil Central*, &—Ed. brasileira, do Rio de Janeiro.

M[me] ET M. LOUIS AGASSIZ—*Voyage au Brésil* (trad. de l'anglais par Félix Vogeli)—1 vol. com gravuras—Paris (ed. Hachette & Comp[a].)—1869—O titulo inglez da obra de Agassiz é : *A Journey in Brasil.*

CONEGO RAYMUNDO ULYSSES DE PENNAFORT—*Brasil Pre-Historico*—1 vol.—Fortaleza (Typ. Studart)—1900.

J. E. WAPPAEUS—*Die Physische Geographie von Brasilien* (refundida e condensada na trad. brasileira de J. Capistrano de Abreu e A. do Valle Cabral, sob o titulo *A Geographia Physica do Brasil*) — 1 vol. Rio (ed. G. Leuzinger & Filhos)—1884

ERNEST RENAN—*L'Avenir de la Science* (*Pensées de 1848*)—6[a] ed.—Paris—1890.

ALEXANDRE DE HUMBOLDT—*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*—Paris (trad. do allem. por Galusky).

DR. ORVILLE DERBY—*As Investigações Geologicas do Brasil*—(In *Rev. Brasil.*, Rio de Janeiro, Maio 1895).

HENRY KOSTER — *Travels in Brasil from Pernambuco to Seara ; also a voyage to Maranham ; etc.*—2 vols. London (ed. de

1817). Ha uma trad. francesa da obra de H. Koster por A. Jay, Paris—1821, com o titulo, *Voyages dans la Partie Septentrionale du Brésil (1809 a 1815)* ; e uma trad. brasileira de Antonio C. de A. Pimentel (Pernambuco), sob o titulo *Viagens no Brasil & por Henry Koster.*

Prof. J. Barbosa Rodrigues (Director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro). Vide os seus trabalhos : *La Vallée des Amazones* (1872-75); *Idolo amazonico, achado no rio Amazonas* (1875) ; *Antiguidades do Amazonas* (1876-1880) ; *O Muirakytan, precioso coévo do homem anti-columbiano* (1882), *O Muirakytan ou aliby* (1884) ; A *necrópole de Mirakanguera* (1887) ; *Les reptiles fossiles de l'Amazone* (1889) ; *Os idolos symbolicos e o Muirakytan* (1891), havendo sobre este ultimo trabalho nova ed. de 1899, em 2 vols. Na *Rev. Amazonica*, na *Rev. Anthropologica*, na *Rev. do Museu Nacional*, se vêem esses e outros trabalhos do laborioso scientista brasileiro.

Dr. Carlos Rath—*Noticia ethnologica sobre um povo, que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu anterior, antes do diluvio universal.* No tomo 34, anno de 1871, da *Rev. do Inst. Hist. Bras.*

Barão Guilherme L. von Eschwege—*Jornal von Brasilien* (1818), *Geognostisches Gemälde von Brasilien* (1822), *Beiträge zur Gebirgskunde rasiliens* (1832) e *Pluto Brasiliensis* (1833).—Vide as traducções das *Notas Geognosticas e Montanisticas*, de Eschwege, pelo Dr. Rod. Jacob, nos tomos II e III (1897-1898) da *Rev. do Arch. Publ.* de Minas Geraes.

Johann E. Pohl—*Reise im Innern von Brasilien*—Wien, 1832.

Henry Walter Bates—*Naturalist on the River Amazons.* London (ed. de Murray), 1863.

George Gardner (Superintendent of the Royal Botanical Gardens of Ceylon, India)—*Travels in the Interior of Brasil*—1846.

Henri Coudreau—*Voyage au Tapajoz* (com vinhetas e estampas)—Paris (Lahure), 1897.

Dr. Hermann Von Ihering (Director do Museu do Ipyranga)—*O Pithecanthropus* (artigo in-*Rev. Brasileira*, tomo IX, 1897, Rio de Janeiro).

Dr. Alfredo de Carvalho—*O Zoobiblion de Zacharias Wagner* (estudo in *Rev. do Instituto Archeol.* (do Recife)—Vol. XI, n. 60, 1903).

Auguste de Sainte-Hilaire—*Voyages dans les Provinces de Rio-Janeiro et de Minas Geraes*—Paris (Grimbert & Dorez), 1830.

Dr. João Severiano da Fonseca—*Viagem ao redor do Brasil* (1875-1878)—2 vols. ed. de 1880-82, Rio de Janeiro (com estampas e cartas).

Dr. E. Goeldi—*Os Mammiferos do Brasil* (1º vol. das monographias brasileiras)—ed. de Alves & Compª—Rio de Janeiro—1897.

Carlos von Koseritz—*Subsidios ethnologicos*—Porto Alegre, 1885.

Na *Revista do Archivo Publico* (Minas Geraes)—Vide os seguintes estudos nos tomos V, VI, VII e VIII (de 1900 a 1903) :

Dr. M. Basilio Furtado—*Contribuição para o estudo da Zoologia no Brasil* ; e

Prof. Leonidas Botelho Damasio—*Traducções dos trabalhos do Dr. P. G. Lund.*

Dr. John C. Branner—*Inscripções em rochedos do Brasil* (in *Rev. do Inst. Archeol. e Geogr. Pernambucano*, 1903).

Franz Keller Leuzinger—*Os rios Amazonas e Madeira.*

Captain Richard F. Burton—*The Highlands of the Brazil*—2 vols. (com estampas)—London, 1869—editores : Tinsley Brothers.

Gaspari Barlaei (Gaspar Barlaeus ou Gaspar van Baerle)—*Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritii, Nassovii comitis, historia.* Ed. de Amsterdam (*Amstelodami*, 1647), com estampas.

J. Barbosa Rodrigues—*A Pacificação dos Crichanás*—1 vol. Rio, 1886.

Dr. Henri Gorceix—*Memoria sobre o Dr. Lund e suas obras no Brasil* (in *Annaes da Esc. de Minas*, n. 3, de 1884).

Robert Southey—*Historia do Brasil*—ed. brasileira de 1862—Rio de Janeiro—6 vols., trad. do Dr. Luiz J. de Oliv. e Castro.

Dr. J. Franklin Massena—*Geologia de Minas Geraes* (in *Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras.*, tomo XLVII, de 1884).

Paul Allard—*L'Archéologie* (in 2º vol. da obra *Un Siecle, & —1800-1900*—Paris, Goupil et C.ie, 3 vols.).

Jules Trousset—*Nouveau Dictionnaire Encyclopédique.* Paris.

P Manoel Ayres de Casal—*Corografia Brasilica*—Rio de Janeiro, ed. de 1817.

Dr. João Mendes de Almeida—*Algumas Notas Genealogicas*—São Paulo, 1886.

José Verissimo—*D. S. Ferreira Penna* (estudo biograph. in nº I do *Boletim do Museu Paraense*, 1895).

Nos *Archivos do Museu Nacional* (do Rio de Janeiro)—Vide os seguintes estudos e memorias:

No vol. I (1876)—Carlos Wiener, *Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil* ;

Carlos Hartt, *Tangas de barro cosido dos antigos Indigenas da ilha de Marajó* ; e *Descripção dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional* ;

Drs. Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas no Brasil*, havendo, no fasciculo do 4º trimestre de 1876, novo estudo do Dr. Lacerda ; e

D. Ferreira Penna, *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará.*

No vol. II (1877)—D. S. Ferreira Penna, *Apontamentos sobre os ceramios do Pará*, com um Appendice : *Urnas de Maracá* ;

Orville A. Derby, *Contr.buições pura a Geologia da região do Baixo-Amazonas* ; e

Dr. Ladisláu Netto. *Apontamentos sobre os Tembetás da collecção archeologica do Museu Nacional* (esclarecendo esses adornos labiaes de pedra, usados pelos Indios do Brasil).

No vol. III (1878, Diversos estudos sobre a Geologia do Brasil pelos srs. Leandro Dupré, Luiz Ad. C. da Costa, Orville Derby e Richard Rathbun.

No vol. IV (1879), Dr. Lacerda, *Craneos de Maracá* (contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas da Guyana Brasileira).

No vol. VI (1885), Prof. Carlos Hartt—*Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas* ;

Dr. Ladisláu Netto—*Investigações sobre a Archeologia brasileira* ;

Dr. João Bapt. de Lacerda—*O Homem dos Sambaquis : Contribuição para a anthropologia do Brasil* ;

D. S. Ferreira Penna—*Os Indios de Marajó* ; e

Dr. J. Rodrigues Peixoto—*Novos estudos craniometricos sobre os Botocudos.*

No vol. VII (1887), Dr. Charles A. White, *Contribuições á Paleontologia do Brasil* (texto em inglez e portuguez).

No vol. X (1897-1899), John M. Clarke, *A fauna siluriana superior do rio Trombetas* e *Molluscos devonianos do Estado do Pará* (esclarecendo a era dos fósseis) ; e

D. Maria do Carmo de Mello Rego, *Artefactos Indigenas de Matto Grosso.*

No vol. XI (1901), Carlos Moreira, assistente do Museu, publicou as *Contribuições para o conhecimento da Fauna Brasileira.*

*

Dentre os autores extrangeiros por nós citados, (principalmente por edições francezas, as mais divulgadas no Brasil) e que mais alargaram o conhecimento da Sciencia da Terra e suas connexas, resumiremos aqui os nomes e trabalhos, a partir dos mais antigos para os contemporaneos, dos precursores aos continuadores :

Barão Alexandre de Humboldt, no *Cosmos* (1799-1804), nas *Viagens ás Regiões Equinoxiaes do Novo Continente* e nos *Ansichten der Natur* (Aspectos da Natureza), de que Galusky fez uma excellente ed. franceza—*Tableaux de la Nature*. Latino Coelho, no elogio academico de Humboldt, cita a melhor obra sobre a vida, viagens e trabalhos scientificos do sabio do *Cosmos*, a obra de Karl Bruhns : *Alexander von Humboldt eine wissenschaftliche Biographie*—3 vols., ed. de

1872—Leipzig. Em todas essas obras se vê o genio precursor de Humboldt.

KARL RITTER, no *Erdkunde* (1817-1818)—*De la géographie dans son rapport avec la nature et l'histoire de l'homme.* (Obra notabilíssima).

HORACE B. DE SAUSSURE, nas *Lettres physiques et morales sur les montagnes.*

LAMANON—*Journal de Physique*—(1780).

JEAN ET. GUETTARD (1715 a 1786) — Varias *Memorias* na Academia das Sciencias de Paris.

COMTE DE BUFFON—*Histoire Naturelle de l'Homme* (1749).

BARON GEORGES CUVIER—*Discours sur les Révolutions du globe.*

CHARLES DARWIN—*Origem da especie humana* (1859).

CHARLES LYELL—*Elements de Géologie* e *Ancienneté de l'homme prouvée par la géologie* (traducções francezas).

JOHN EVANS—*Les Âges de la pierre de la Grande-Bretagne.*

BOUCHER DE PERTHES—*Antiquités celtiques et ante-diluviennes.*

JOHN LUBBOCK—*L'homme préhistorique.*

A. DE QUATREFAGES—*L'Espèce humaine* (1877).

BOISSIER—*Promenades archéologiques.*

GABRIEL DE MORTILLET—*Le Préhistorique, antiquité de l'Homme* (1882).

JACOLLIOT—*La gènèse de la terre et de l'homme.*

LOUIS FIGUIER—*La vie avant le dèluge.*

CAVERNI—*Dell'antichitá dell'uomo, secondo la scienza moderna* (1879).

ALFRED RUSSELL WALLACE—*The geographical distribution of animals, with a study of the relations of living and extinct faunas, as elucidating the past changes of the earth's surface*—London, 1876.

MARCEL DE SERRES —*La gèologie préhistorique.*

BARON J. DE BRAYE—*L'archéologie préhistorique*—Paris, 1880.

J. D'ESTIENNE (A. Ardouin)—*Comment s'est formé l'Univers*—Paris, 1880.

LEHON—*L'homme fossile.*

ABEL HOVELACQUE— *Notre ancêtre : recherches sur le précurseur de l'homme* (1878).

DE BONNSTETTEN—*Recueil d'antiquités suisses.*

PAUL BROCA—*Les troglodytes de la Vezère* e *Recherches sur l'Ethnologie* (1880).

N. JOLY—*L'Homme avant les métaux.*

MARQUIS DE NADAILLAC—*Les Premiers Hommes et les temps préhistoriques*—Paris, 1880.

P.[e] MONSABRÉ—*La genèse du Monde* (*Conférences, XIII*), Paris, 1875.

PAUL TOPINARD—*Eléments d'anthropologie générale*—Paris, 1885.

A Edade da Pedra no Brasil

§ I

O estudo desta these é superior á média geral dos conhecimentos scientificos, nas gerações letradas do nosso paiz.

Repetir noções bebidas nos compendios classicos, que nos vêm do extrangeiro, nada adeanta á solução do caso.

Citar as brilhantes investigações geologicas de um Charles Lyell, de um Prestwich, de um John Evans, de um Flower, de um Albert de Lapparent, de um Paul Broca, hoje repetidas entre outros por um Jacolliot, um Paul Gervais, um Louis Figuier...; sobre a formação e a génese da Terra e as suas relações com o apparecimento do homem, neste planeta, seria ocioso e banal, uma vez vulgarisados como se acham taes estudos, ao alcance de todas as bolsas,em edições populares, e de todas as intelligencias applicadas, em livros a cada passo citados.

O que conviria seriam estudos originaes, de procedencia e assumpto brasileiros, sobre o vasto e curioso assumpto da EDADE DA PEDRA em nosso paiz, no desdobramento dos dous periodos: PALEOLÌTHICO e NEOLITHICO, em relação ao estado de cultura e industria das primitivas populações, autochtonicas, ou transmigradas, em remotos periodos prehistoricos, para esta banda do Continente americano.

O Brasil — *Eden do naturalista*, na frase tão conhecida de Achille Richard—offerece vasto campo aos scientistas.

Demais, a importancia de tal ordem de estudos é indiscutivel.

Já o erudito Cesar Cantú, em sua ultima obra, teve disto clara intuição : « A paleontologia, a archeologia prehistorica, a nova theoria geogenica, impõem ao historiador de hoje o dever de lançar o olhar para além dos limites do tempo e das tradições, para ir estudar a arvore genealogica da natureza».

C. Cantú—*Os ultimos 30 annos* (1848-1878), pag. 320-21, da trad. portug. do Visconde de Castilho, Lisboa, 1880.

No momento presente, o estudo do homem não póde mais ser feito isoladamente do estudo da Terra : andam em parallelismo scientifico a doutrina moderna da formação do Globo e a da successiva evolução da especie humana.

Ao *prolem sine matre creatam,* de Ovidio Nasão (e que foi a divisa de Montesquieu, no *Espirito das leis),* juntou-se a fórmula celebre do sabio escossez Guilherme Hutton (1797), quando sobre as transformações cyclicas do globo escreveu :

«NO TRACE OF A BEGINNING, NO PROSPECT OF AN END».

Correm mundo agora verdades axiomaticas, como esta de Salomon Reinach : « A humanidade é mais antiga que a historia, e a legenda não tem chronologia».

A luz scientifica destruiu a fabulosa *Natura mendax*...

E agora tudo se desvenda tanto no mundo physico, como nos primeiros dias millenarios da vida do homem primitivo.

Os precursores desbravaram as urzes do caminho: na archeologia prehistorica, um Mahudel (1734), membro da Academia das Inscripções de Paris, um Boucher de Perthes (1841), um Keller (1853), um Thomsen e um Warsaae, um Lartet (1860), um Caverni (1879), um De Braye (1880); e assim tambem na epigraphia moderna, nomes como o do seu fundador, o illustre italiano Borghesi (de Savignano, 1781-1860), e Grüter, um flamengo, Mazzocchi, um napolitano, Fabretti e Marini, estes patricios e continuadores de Borghesi.

Paul Allard, em um excellente estudo, *L'Archéologie* (pag. 276 do 2º vol. da notavel obra franceza, *Un Siécle, mouvement du monde de 1800 a 1900*—Paris, Goupil & Comp.), fez justiça á seriedade dos estudos desses sabios.

> Diz elle : « Em contraste com as fantasias de Gabriel de Mortillet, a archeologia prehistorica lembrará com honra os sobrios e solidos trabalhos de Nadaillac, Bertrand, De Baye, D'Acy, Arcelin, Hamard, Fergusson, e de muitos outros verdadeiros sabios, inimigos das generalisações prematuras e que teriam todos podido inscrever á testa de suas obras a epigraphe adoptada por um delles : *Res, non verba*».

Alargando ainda as citações, vemos em Jules Trousset *(Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*, vol. 1º, pag. 245) o seguinte resumo de nomes aureolados na sciencia, de que ora nos occupamos nesta *Memoria :*

> « Os autores que se têm occupado de archeologia prehistorica: Christy, Lartet, Boucher de Perthes, de Mortillet e Quatrefages, na França ; Schaffhausen, Virchow e Lindenschmit, na Allemanha ; Thomsen, Engelhardt, Steenstrup e Nilsson, na Dinamarca ; Troyon, Keller, Morlot, Vogt e Desor, na Suissa ; Gastaldi, Ca-

nestrini e Foresi, na Italia ; Schoolcraft, Squier, Foster, Davis, Whittlesey e Wyman, nos Estados Unidos; Crawford, John Evans, Prestwich, Boyd Dawkins, na Inglaterra, e principalmente Lyell em sua obra *Antiquity of Man*, e Lubbock em seus *Prehistoric Times*».

E toda essa pleiade brilhante de scientistas de todos os crédos e matizes, é frequentemente citada no Brasil, muitas vezes com ignorancia do assumpto por parte de quem os invóca.

Elles e muitos outros (Lamarck, Buffon, Darwin, Haeckel, Fouillé, Wallace, Huxley, Hartmann, Lehon, Capellini, Buchner, Max e Otfried Müller, Spencer, Joly...) são por ahi a todo momento relembrados, como guias de autores estereis, que se dilatam nos assumptos mais complicados da paleœthnologia e da ethnographia comparada, da geologia e da paleontologia, da linguistica e da sociologia, sem que, entretanto, desçam á minima particularidade de um facto, de um nome, de um accidente siquer do que é do Brasil.

Os exemplos são innumeros, o caso é de todos os dias, e nisso não convem insistir. E' balda velha dos nossos escriptores.

Quanto a nós, de antemão garantimos, não vivemos devorados por esse morbido desejo de copiar : por conseguinte, sem as afflicções de uma aura de notoriedade scientifica, que não podemos jámais pretender—vamos abordar—como nos permittio um sério e paciente exame da materia—o estudo da these brasileira, proposta ao 3º Congresso Scientifico Latino-Americano pela illustrada Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas.

§ II

A partir de Lund e uma vez despertado entre nós o gosto pelos estudos da prehistoria americana, os achados e descobertas fósseis se multiplicaram, desde a segunda metade do seculo findo.

A divulgação dos trabalhos de tantos scientistas eminentes, europeus e norte-americanos, cujos nomes já citámos, se accentuou nas gerações dos ultimos trinta annos, no seio das nossas Escolas superiores, Institutos scientificos e centros de maior cultura do paiz (Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Ouro Preto e S. Paulo).

Já não era um mytho, no Brasil, a antiguidade do homem prehistorico, de que se recolhiam vestigios e rudes instrumentos da sua industria primitiva, armas e utensilios de pedra, ossadas do seu esquelêto e dos animaes d'elle contemporaneos.

De direito, cabe-nos aqui dizer que a paleontologia brasileira é creação incontestavel do dr. Peter Wilhelm Lund, o sabio dinamarquez que vivêo, como um cenobíta, em um quieto arraial mineiro, a Lagôa Santa (a 8 legoas da actual capital de Minas, Bello Horizonte), de 1834 a 1880, e alli falleceo a 5 de maio deste ultimo anno.

Nascido em Copenhague (Kjobenhavn), a 14 de junho de 1801, bacharel em sciencias e letras (1818), doutor em philosophia (1827), vindo pela primeira vez ao Brasil, tres annos depois da Independencia, aqui esteve de dezembro de 1825 a fevereiro de 1826, retornando segunda vez, em janeiro de 1833, e definitivamente, pois desde então nunca mais sahio do nosso paiz.

Os despojos d'essa obscura éra prehistorica brasileira, os *fósseis* da época *quaternaria* no planalto mineiro, os thesouros da ignóta paleontologia nacional, foram arrancados por Lund no recinto das 250 cavernas, grutas e lapas por elle pacientemente visitadas, exploradas e descobertas, na zona de terrenos calcareos da bacia do Rio das Velhas. Zaborowski e Z. Moindron, citados pelo sr. Dr. Sylvio Roméro, elevaram, exaggeradamente, a *oitocentas* o numero das cavernas exploradas por Lund.

Na Lagôa Santa, as grutas dos arredores do arraial ; e mais outras diversas grutas e cavernas, nos municipios mineiros, convisinhos, de Santa Luzia, Sete Lagoas e Curvello—como sejam as grutas do Sumidouro e Fidalgo, da Cêrca-Grande, do Mosquito, do Sacco-Comprido e, entre todas, a vasta, formosa e labyrinthica Lapa do Maquiné, a 6 kilometros da actual estação ferrea de Cordisburgo (Vista Alegre) ; attestam quanto nellas sondou, pesquisou, arrecadou, o genio investigador do eminente naturalista da Jutlandia, que, pelo coração e pelo fecundo labor scientifico, foi mais um sabio do Brasil do que da Dinamarca.

O que ainda sabemos de melhor sobre os *fósseis* do Brasil, na região central mineira, e sobre o *homem das cavernas* ou o nosso homem prehistorico, devemos ás sabias investigações de Peter Lund, communicadas, originalmente, em idioma dinamarquez, ás revistas e sociedades scientificas da Escandinavia e da Dinamarca, sua patria (vide a obra *Antiquitates Americanae*, editada em Copenhague), e d'ahi divulgadas pelos centros cultos da Europa e da America, medeante versões em allemão, francez e inglez.

O sr. Dr. Sylvio Roméro, cultissimo espirito, que, do II ao VI capitulos da sua *Hist. da Litterat. Bras.*, tomo 1º, Rio, 1888 — ventilou com abundante saber a questão da raça, do meio, e do typo brasileiro, diz que (pag. 20) foi o Dr. Lund «o homem que melhor conheceo a prehistoria do Brasil». Das theorias do sabio dinamarquez—exaradas nas celebres *cartas* publicadas na *Rev. do Inst. Histor.* (vols. 7º e 11º, principalmente a do tomo de outubro de 1844)—dá o professor sergypano um breve resumo ; e, baseado na autoridade de Peter Lund, accredita na grande antiguidade da raça autochtonica americana, acceitando por conseguinte «a *origem polygenista* do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca», mas que (dizemos nós) é fortemente combatida pelos «grandes nomes de Linneu, Buffon, Cuvier, Lamark, Humboldt, Geoffroy Saint-Hilaire, De Quatrefa-

ges»—partidarios estrenuos da *unidade da especie humana, composta de varias raças* (J. De Crozals, *Hist. de la Civilisation*, vol. I, pag. 23). E um outro professor sergypano, o sr. Dr. João Ribeiro, em posição opposta á assumida pelo seu sabio conterraneo, escreve que o «*monogenismo* é a doutrina que reune a seu favor até hoje o maior numero de testemunhos da observação». (No cap. *As Raças humanas*, pag. 47, da *Hist. Antiga*, op. cit).

Fechada a digressão, voltemos ao «Solitario da Lagôa Santa».

Liga-nos ao nome de Lund uma enorme sympathia, de modo que se justifica o demorarmos sobre elle, rememorando—n'este selecto Congresso de sabios de toda a America Latina, agora reunidos no Rio de Janeiro—os inestimaveis serviços prestados pelo saudoso europeu do Norte ao grupo das sciencias prehistoricas, no Brasil.

Ao visitarmos (julho 1904) a imponente Lapa do Maquiné — de que demos longa descripção em um diario bello-horizontino *(A Folha Pequena)*—evocámos, sob as abobadas deslumbrantes daquelle palacio de fadas, as pesquisas do Dr. Lund, no interior das galerias subterraneas da extensa caverna, de onde elle extrahio curiosos *specimens* da nossa fauna primitiva.

Antes de nós, já o illustre professor da Escola de Minas de Ouro Preto, sr. Dr. Antonio Olyntho, tinha-se occupado da Lapa do Maquiné e da estada do Dr. Lund, nella.

Ao tempo em que Peter Lund enviava do Brasil para o seu paiz de nascimento os resultados das suas pesquisas, nas grutas ossiferas do planalto Mineiro, lá—na Dinamarca—se creava, sob a direcção de Thomsen, o Musêu Ethnographico de Copenhague, e os estudos prehistoricos caminhavam illuminados pelo saber de Nilsson (professor da Universidade de Lund, cidade dinamarqueza) e dos professores Forchammer, Worsaae e Steenstrup, que foram por muitissimos annos os directores dos afamados musêus da capital Jutlandica.

No pequeno reino do Norte, a efficaz protecção do Parlamento e do velho soberano Christiano IX não deixava perecer a obra d'esses eminentes sabios ; e alli eram cotadas como de subida valia as contribuições scientificas do Dr. Lund.

Dous professores da nossa Escola de Minas, os srs. Drs. Henri Gorceix (valiosa *Memoria* sobre Lund, no n. 3 dos *Annaes* da dita Escola, 1884) e Leonidas Botelho Damasio (este em varias versões do francez para portuguez, de algumas das principaes *Memorias* do sabio dinamarquez), iniciaram a divulgação, entre nós, dos estudos do Dr. Lund.

As traducções do professor Leonidas constam da *Revista do Archivo Publico Mineiro* (tomo V, pag. 3 a 90 ; tomo VI, pag. 27 a 88 ; tomo VII, pag. 767 a 809 ; tomo VIII, pag. 853 a 877).

Pertencem as 4 *Memorias* traduzidas e já publicadas, ao importantissimo trabalho de Lund : «Estudo summario do Reino animal

NO BRASIL ANTES DA ULTIMA REVOLUÇÃO DO GLOBO—reputado «o escripto capital do sabio Lund», no juizo do traductor.

Deve-se ao magnanimo sr. Dom Pedro II a trasladação d'essas *Memorias* do original dinamarquez para a lingua franceza, tendo aquelle soberano offerecido a versão em francez ao sr. professor H. Gorceix, para que as referidas *Memorias* fossem publicadas nos *Annaes* da Escola de Minas, depois de convenientemente passadas ao vernaculo ; e, de facto, sahiram duas d'ellas nos fasciculos 3º e 4º (1884 e 85) dos *Annaes*, em Ouro Preto.

Interrompidas durante annos a traducção portugueza e a respectiva publicação, o sr. professor Leonidas as continuou, muito recentemente, como já vimos, na *Rev. do Archivo Mineiro.*

A 1ª memoria (*Introducção*), o Dr. P. Lund datou-a de 14 de fevereiro de 1837 ; a 2ª (*Mammiferos*), de 16 de novembro ainda de 37 ; a 3ª (ainda *Mammiferos*), de 12 de setembro de 1838 ; e um *Supplemento* á 2ª e á 3ª *Memorias*, em 7 de abril de 1839.

Vêm depois um *Appendice ás observações sobre os animaes fósseis do Brasil*, em 27 de março de 1840 ; a 4ª Memoria (continuação dos *Mammiferos extinctos do valle do Rio das Velhas*), em 30 de janeiro de 1841, seguida de *Notas*, *Lista de Fósseis* e um novo *Appendice.*

Todas estas *Memorias*, já o dissemos, o Dr. Lund as remettia, em original, á *Academia de Sciencias* e á *Sociedade dos Antiquarios do Norte*, ambas em Copenhague.

Quem quizer vêr outros trabalhos de Lund, como por exemplo : *Cavernas existentes no calcareo do centro do Brasil, algumas das quaes encerram ossadas fósseis*, terá de perder tempo a catar revistas, nas collecções de bibliothecas.

Nos tomos 4º (1842) e 6º (1844) da *Rev.* do Instituto Historico, do Rio de Janeiro, ha, por exemplo, as duas interessantes e já citadas cartas de Lund, referindo as suas descobertas de ossadas fósseis, nas grutas da Lagôa Santa e Sumidouro.

Pena é que se não tenha ainda reunido, em edição definitiva, o formidavel trabalho do debil «Solitario da Lagôa Santa»—homenagem posthuma a que elle faz jús, por tardia que venha ainda a se realisar. (Vide *in-fine*, nota A, no Appendice desta *Memoria*).

§ III

A paleœthnologia brasileira—na sua verdadeira significação de estudo da raça primitiva, que habitou o nosso paiz nos tempos prehistoricos—ainda não se constituio, definitivamente. O complicado estudo das edades ou periodos prehistoricos ainda mais se aggrava pela muito incerta determinação dos typos anthropologicos primitivos ; ou, mais propriamente, pela carencia de uma regular classificação paleœthnologica do «homem das cavernas».

Quantos problemas postos em equação pelos sabios !

¿ O homem só appareceu no periodo *quaternario*, ou já tinha surgido na epoca *terciaria* ?

¿ Como fixar a nebulosa chronologia d'esses recuadissimos tempos, coévos do homem fossil (*homo primigenius*, *homo diluvii testis*, segundo o flamengo Scheuchzer, *préadamita*, segundo Darwin e outros) ?

¿ Qual o verdadeiro criterio scientifico para a demarcação de cada éra ou edade prehistorica ?

A vida e o regimen do *troglodyta*, do *anthropolitha* (o homem fossil) ; a fixação do typo humano primitivo—si o *Homem-Primate*, de Linneu (no seu *Systema naturae*) ; si o *Anthropopithécus*, de Gabriel de Mortillet, ou o *Homem-macaco* ou *Pithecóide*, de Ernesto Haeckel ; si o *Gibbon* (macaco anthropoide oceanico, da ordem dos catarrhynianos, ou sem cauda), do allemão W. Dames ; si o *Pithecanthropus erectus*, determinado em Java pelo paleontologista hollandez Eugenio Dubois : que de incertezas a desafiarem o exforço dos competentes ?! (Vide nota B, *in-fine*).

E nem só isto. Outras magnas questões, como a theoria da *geração espontanea*, de Pouchet de Rouen (1800-1872) ; a do *ovo cosmico*, aventada por Durand ; os debates sobre a nomenclatura anthropologica de Blumenbach, baseada na craneologia ; a lucta viva entre o *monogenismo* e o *polygenismo* ; e quanto a nós, neste continente, a lucta entre o *autochtonismo* e a procedencia *asiatica* do «homem americano» : são outras tantas incognitas, que chamam á discussão ethnólogos e anthropologistas. Resta que os sabios nunca tentem explicar estas *incógnitas* por outras *incógnitas*, como ironicamente já observava Cesar Cantú, na Italia.

Quando o illustre barão Georges Cuvier (de Montbéliard, 1769-1832) e seu irmão Frederico Cuvier, ambos naturalistas eminentes da França, escrevendo as *Suites à Buffon*, classificavam o homem, sob o ponto de vista zoologico, como um *animal bimano*, da «1ª familia da Ordem dos *mammáes fissipedes*», longe estavam de suppôr a que disparatadas audacias não chegariam outros sabios, no correr do seculo XIX, para acertarem em mil e uma differentes classificações d'esse ser racional, tido como centro do Universo e «rei da creação», e que, entretanto, não passa de um átomo no espaço, de um instante ephemero na duração do Cósmos.

E no Brasil o problema do «homem primitivo» quasi que só offerece arèstas inabordaveis por todas as suas faces.

Não que nos faltem os bons elementos de estudo, pois, em uma citação do dr. Paul Ehrenreich, vemos que Bastian já dizia que na Ethnographia dos povos naturaes da America não existe o «hiato entre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no Velho Mundo, e, entretanto, preenchido realisticamente em nosso continente, pelo facto de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes, de que brotaram as raizes cuja flôr são os povos historicos». Faltam-nos, to-

davia, os estimulos do ambiente social em que vivemos: o Brasil é mais um meio politico do que scientifico.

Em todo o caso, parece assentado que o nosso *homem fóssil* viveo no periodo *archeolithico*, com as transições naturaes e concebiveis de uma lenta evolução da *pedra lascada* para a *pedra polida*.

A subdivisão já consagrada da edade da pedra em periodos: EOLITHICO (origem da pedra), PALEOLITHICO (pedra antiga), MESOLITHICO (periodo intermediario entre o paleolithico e o neolithico) e NEOLITHICO (nova pedra, coincidente com a pedra polida, como o paleolithico se ajusta ao periodo da pedra lascada) ; não deve ser recebida sem umas tantas restricções, que o estudo sociologico das raças inferiores (africanas, oceanicas e precolombianas americanas) justifica ainda hoje.

Assim, por exemplo, o *homem das cavernas* do Sumidouro, cujo esquelêto foi encontrado por Lund, perto da Quinta do Fidalgo (município de Santa Luzia do Rio das Velhas), parece ser contemporaneo do periodo *paleolithico ;* e já o *homem dos Sambaquis*, hoje representado pelo *Bugre* das mattas do Paraná, e estudado, craniometricamente, pelo sr. Dr. Rodrigues Peixôto, parece pertencer ao periodo *mesolithico*, isto é, a um periodo de evolução ou de transição. O sr. Dr. Sylvio Roméro, op. cit., pag. 79, suppõe que «estavam os indigenas do Brasil no periodo da pedra polida, edade que se segue á da pedra lascada e é seguida pela dos metaes». D'esse parecer é o professor Mattoso Maia (*Lições de Hist. do Bras.* pag. 44, ed. de 1895), aceitando a versão corrente de que o selvagem do Brasil estava no periodo da civilisação chamado da *Pedra Polida*», no tempo da descoberta do paiz pelos portuguezes, ha 405 annos.

São esses os dous typos constatados, scientificamente, do nosso *homo primigenius* ou do *homo americanus*, no Brasil, ambos do periodo *quaternario* e ambos contemporaneos de *megathério* — o grande mammifero sul-americano com esse nome classificado por Georges Cuvier, á vista do esqueleto d'esse animal monstruoso da fauna primitiva dos *pampas* argentinos, descoberto, em 1789, perto de Buenos Ayres.

O Dr. Florentino Ameghino, na sua *Antigüedad del hombre en el Plata*, elucida bem a historia do *megatherium* sul-americano, que corresponde no seu tamanho gigantesco, ao *mammouth* do Velho Mundo. O celebre, naturalista Carlos Darwin já havia explorado, em 1835-36, os desertos da Patagonia e o Pampa Argentino, na descoberta de fosseis; e Francisco Moreno (o sabio director do Museu Anthropologico e Archeologico de Buenos Ayres) renovou, de 1876 a 1880, as explorações anteriores de Darwin e de Ameghino, já admiravelmente orientadas pelo grande Burmeister (de 1868 a 1892) e pelo Dr. Carlos Berg, antecessor do Dr. Ameghino, na direcção do Museu platino. Na *Origem das especies*, o sabio naturalista inglez allude aos seus trabalhos, na America do Sul.

Vide : *On the origin of species by means of natural selection* (London, 1859). A escriptora franceza Clémence Royer traduzio a obra famosa de Darwin, em Paris (1866).

Entretanto, deante das sabias conclusões do Dr. Lund sobre o «troglodyta da Lagôa Santa» (como ficou conhecido o homem das cavernas do Sumidouro), ainda ficaram pairando duvidas ; pois é certo que o estudo do «homem fossil do Brasil» ainda não chegou a formular affirmações positivas, como insinuam alguns escriptores brasileiros. E a este respeito remettemos o leitor a uma obrinha do sr. Dr. João Ribeiro, *Historia Antiga*, Rio, 2ª edição, *in-8º*, onde no fim do capitulo *O homem prehistorico*, pag. 36, encontrará sérias objecções ao assumpto.

Outros ainda querem crêr que o typo do homem prehistorico de Lund seja o grande simio por elle classificado no genero *Protopithecus brasiliensis*, muito parecido com o homem e contemporaneo de outros generos de mammiferos completamente extinctos, e que habitavam o planalto central mineiro (valle do Rio das Velhas), antes da ultima revolução do Globo. Ao *Protopithecus*, Lund attribuia uma altura média de 1,^{m}30.

D'este modo, o *Protopithecus brasiliensis* seria coêvo do *Euryodon*, do *Héterodon*, do *Chlamydotherium*, do *Hoplóphorus*, do *Pachytherium*, do *Megalonix*, do *Coelodon*, do *Leptotherium* e do *Mastodon* : os representantes mais vultuosos da nossa fauna prehistorica, no periodo quaternario.

E razões não faltam para taes duvidas, como em verdade reconhecemos.

Cada dia, novas descobertas—no terreno da archeologia prehistorica—augmentam o cabedal de estudos e augmentam tambem as incertezas da Prehistoria.

¿ Quantos desmentidos já não têm soffrido os archeologos e os paleontologistas ?

Por demais grande é o inventario das faúnas e floras antigas do globo, nol-o diz Albert de Lapparent.

Trata-se, além de tudo, de sciencias novas, em plena evolução e de nenhum modo constituidas.

E no Brasil as difficuldades se avolumam, deante da nossa geral e já classica indifferença por essa ordem de estudos. O vandalismo tem destruido, de parceria com a ignorancia, muitos monumentos da industria primitiva dos aborigenes, dos primeiros occupadores do solo, em remotas edades. A esse respeito narraremos aqui um facto passado em Minas Geraes.

O velho e modesto naturalista mineiro, sr. Dr. M. Basilio Furtado, na sua *Contribuição para o estudo da Zoologia do Brasil* (*Rev. do Arch. Publ. Min.*, tomo VII, pag. 595 a 645), conta que pretendia fazer, na estação sêcca, uma excursão proveitosa á gruta da Serra de

São Geraldo (entre Rio Branco e Viçosa), para nella arrecadar interessantes specimens da nossa fauna e industria prehistoricas ; porém, deixou de o fazer, porque soube com grande magua que «um grupo de desoccupados e ignorantes, chefiados por um pharmaceutico (!), dirigira-se ao logar da gruta e tudo inutilisára, fazendo rolar pela montanha abaixo as urnas funebres, os craneos», etc. *Rev.* cit., pag. 645.

Quantos factos identicos a este não terão occorrido pelo interior do nosso paiz, de norte a sul ? !

§ IV

De differentes pontos do Brasil procedem os nossos escassos e mal estudados monumentos prehistoricos.

Peter Wilhelm Lund—a quem o sr. Dr. Emilio Augusto Göeldi, o notavel Director do Museu Paraense (de Belém), deu o justo titulo de *Pae da paleontologia brasileira*—remetteu para a Dinamarca, como já vimos, as melhores collecções dos *fósseis* por elle obtidos em Minas Geraes, em varias cavernas e lapas.

O Museu de Antiguidades Americanas, de Copenhague (que tem mais de 30 mil objectos prehistoricos) guarda interessantes e valiosos fósseis idos do Brasil, e os conserva com carinho na *Secção Lund.*

Foi fundado, como se sabe, pela Real Sociedade dos Antiquarios do Norte.

O nosso Museu Nacional de São Christovam, na antiga Quinta Imperial (Rio de Janeiro), tem importantes collecções devidas á dedicada e intelligente contribuição dos professores Ladisláu Netto, Baptista de Lacerda, Carlos Hartt, Rodrigues Peixoto, Orville Derby, Barbosa Rodrigues e de varios viajantes e correspondentes do Museu, como os srs. Carlos Rath, Ferreira Penna, Basilio Furtado, A. de Miranda Ribeiro, senador Manoel Barata, Charles White, etc.

Deveriamos, entretanto, possuir na Capital Brasileira um *Museu Préhistorico* especial, modelado pelo typo do seu congénere francez, existente em *Saint-Germain-en-Laye,* perto de Paris, e do qual lemos uma interessante descripção dada por Salomon Reinach, em uma publicação franceza.

As pesquisas paleontologicas, no Brasil, foram—chronologicamente—anteriores a Lund, como elle proprio reconheceo, apontando, no fim da 2.ª Memoria sobre os Mammiferos (datada de 16 de novembro de 1837), o contingente fornecido ao assumpto por diversos naturalistas.

Lund deu corpo, vida e alcance scientifico a essas pesquisas ; mas, a verdade é que a tradição dos animaes gigantescos (genero *Mastodon*) é muito antiga em nosso paiz.

O P.^e Manoel Ayres do Casal (*Corografia Brasilica*, tomo I, pag. 78), fala de ossos gigantescos encontrados perto do Rio de Con-

tas, no actual Estado da Bahia ; os drs. Joh. Bapt. Von Spix e Carlos Fr. Phil. Von Martius não só indicaram, posteriormente, que esses restos fósseis procediam de um ser animal, certamente do *Mastodonte*, como ainda referiram a existencia de outros restos fósseis do genero *Megalonix*, nas cavernas do Rio São Francisco (em Minas), por onde andaram (1817-1820) esses dous celebres viajantes e naturalistas. Vide *Reise in Brasilien*-München, 1823-31, por Spix e Martius.

A crença popular, arraigada na massa ignorante, era de que taes ossadas, de tão anormaes proporções, pertenciam a homens-gigantes ; hoje, porém, essa lenda já foi banida pela Sciencia, tanto no Brasil, como nos outros paizes (mesmo europeus), onde ella tinha ingresso nas camadas do vulgo ingenuo.

Auguste de Sainte-Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*—Paris, Grimbert et Dorez, 1830, tom. 2º, pag. 314) cita por sua vez um grande *dente molar* achado no sertão do rio São Francisco e ainda procedente do genero *Mastodon*, diz o Dr. Lund.

O sr. Dr. Orville Derby, em seu folheto já cit. *As Investigações Geologicas do Brasil*, menciona os sabios extrangeiros que mais devotadamente se preoccuparam com a geologia do paiz, «tomando a paleontologia como base da classificação scientifica dos terrenos brasileiros». Os allemães enchem todo o primeiro periodo das investigações, começadas com Eschwege e Varnhagen, na segunda década do seculo passado, e proseguidas depois com estudos varios de Spix, Von Martius, Johann Pohl, Dr. Olfers, Franz Sellow, Dr. Weiss, Dr. Virgil von Helmreichen, Heusser, Dr. Henrique E. Bauer, Carl Von den Steinen, Claus, etc.

Os francezes, egualmente, deixaram traços de suas observações geologicas no Brasil : A. de Saint-Hilaire, Alcide d'Orbigny, E. Pissis, Castelnau e d'Oséry, Dr. Perigot, Prof. H. Gorceix, Paul Ferrand, A. Thiré, E. Liais. Assim tambem os inglezes : John Mawe, Darwin, Chandless, Rich. Burton, Williamson, Woodward, etc. Madeiras, vegetaes e reptis fósseis, ossadas de animaes contemporaneos dos terrenos de transição, são contribuições que a Paleontologia brasileira deve a esses viajantes e especialistas europeus. (Vide nota B *in-fine)*.

O sr. Dr. Rodrigues Peixoto descobrio, nos monticulos de ostreiras, conchas e restos de cosinha (os nossos *kjokkenmœddings*, segundo o nome dado na Europa do Norte a esses monticulos ou cômoros formados pela dupla collaboração da Natureza e do homem primitivo) do littoral de Santa Catharina, as ossadas com que reconstituio o typo do chamado «homem dos Sambaquis». Sobre a geologia e os fosseis de Santa Catharina escreveu interessante artigo o sr. Carlos Van Lede, ha alguns annos.

Esses depositos de cascas de ôstras e mariscos, de conchas, etc, mais conhecidos pelos differentes nomes de : *casqueiras*, *sernambitibas* e *ostreiras* — têm explicação em Varnhagen (*Historia Geral do Brasil*, tomo I, pag. 117, ed. de 1854) e nas *Notas Genealogicas*, pag. 324, do Dr. João Mendes de Almeida.

A costa austral do Brasil está cheia desses *Sambaquis*, que, em lingua tupy, querem dizer : *montões de ostras*, *collinas de conchas*. No rio Bahú, em Santa Catharina ; em Yguape e Ubatuba, no littoral de S. Paulo; e na costa do Ceará e do Pará; são mais abundantes os *Sambaquis*. Pela vasta região da Amazonia abundam os *cômoros* e *monticuli* artificiaes (os nossos *shell-mounds* e *mound-builders*), nos quaes se encontram madeiras e combustiveis fosseis, conchas, ossadas e cascas de molluscos, cinzas e detrictos da cosinha primitiva, pedaços e cacos de objectos de barro cosido, fragmentos de pedra lascada, utensilios e instrumentos grosseiramente fabricados. Os *ceramios* da ilha de Marajó (Pacoval e Camutins), tão bem estudados pelo mineiro Domingos Soares Ferreira Penna, de 1875 a 1885, revelaram uma feição interessantissima da archeologia prehistorica, no Brasil do norte. Na propria zona calcarea do Guaicuhy, em Minas (Rio das Velhas) ha por certo muita cousa a desvendar, em lapas e cavernas, que o infatigavel Lund não conseguio explorar, inteiramente. Emfim, um novo mundo a descobrir, nos dominios da nossa antiguidade prehistorica, existe pelo Brasil inteiro. Monumentos grosseiros; vagas inscripções em lapas, rochedos e serras ; soterramentos, jazidas, grutas, depositos ossiferos; segredos ainda reconditos nas camadas profundas do sub-solo, nas alluviões e desmontes : tudo isso pede o exforço tenaz dos que amam a paleontologia brasileira. (Vide nota C *in-fine*).

§ V

Uma resenha de todos os Monumentos prehistoricos, já descobertos e conhecidos, no Brasil, nos consumiria por largo tempo a attenção. O capitulo - *Inscripções*, por exemplo, é muito extenso. Dellas, as mais curiosas são as do valle do Amazonas, onde um povo certamente anterior ás tribus selvagens da *éra historica*, as pintou, desenhou ou gravou, em rochedos e pedras.

São as *itacoatiáras* (*pedras pintadas*, em tupy ou *nheengatú*), tão bem estudadas pelo professor Carlos Hartt, engenheiros Orville Derby, Carlos Morsing, professor Rumbelsperger, Ferreira Penna, que as copiaram do natural e remetteram as copias para o Museu do Rio de Janeiro, onde se podem vêr os originaes desenhos, as bizarras figuras de taes inscripções, cheias de arabescos, emblemas de guerra, cabeças ornadas de diademas, representações de animaes, como o crocodillo, o jaboty, etc. A cidade de *Itacoatiára* (antiga Serpa), no Estado brasileiro do Amazonas, fica proxima ao sitio onde se vêem essas *pedras pintadas*, que lhe deram o nome.

O sr. Dr. J. Barbosa Rodrigues—que desde 1871 começou a explorar e estudar o valle do Amazonas—em seu livro *A Pacificação dos Crichanás* (pags. 168-170), nos dá noticia de umas outras inscripções e pinturas gravadas em varias pedras e rochedos, á beira-río Negro : no sitio das Igrejinhas, na villa de Moura, em Itarendáua (*pedregal*, em lingua indigena), na ponta da Ribeira, na ilha da Salvação, em Ayrão e na enseada do Puiry.

As do Puiry são duas curiosissimas figuras de mulher, na face norte de uma rocha, ás quaes o povo do logar dá o nome de «Santa Rita» — tal a semelhança dos trajos da figura (que tem um resplendor lhe encimando a cabeça), com a santa catholica, padroeira da povoação do Puiry.

No rio Uaupés (cachoeira Jauarité), nas Lages (Rio Negro) e no rio Urubú, existem tambem inscripções, de que o naturalista brasileiro citado (hoje Director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro) affirma possuir copias authenticas.

Algumas das inscripções de Santa Rita do Puiry e de Itarendáua foram photographadas e outras copiadas pelos exploradores italianos Conde Ermano de Stradelli e Camillo Vedani.

Povos prehistoricos da Amazonia teriam alli insculpido essas imagens e symbolos, que bem merecem estudados, mesmo porque ha quem conteste a vetustez de semelhantes inscripções.

Tanto nos Estados brasileiros do extremo norte, como no Perú, Colombia, Guyanas, são bem frequentes, aliás, essas inscripções e imagens sobre rochas; e nellas se nota uma certa falta de uniformidade, explicavel pela rudimentar cultura artistica d'esses povos de uma raça primitiva.

O explorador inglez Sir Robert H. Schomburgh encontrou identicas inscripções lapidares e ornatos e figuras symbolicas em alguns pontos das serras divisorias do Brasil com a Guyana Ingleza : no Tacutú, no rochedo do Essequibo, na montanha da Lua, etc.

Na serra do Erêrê (Amazonas) o naturalista Dr. João Martins da Silva Coutinho encontrou uma imagem do Sol (reminiscencia da civilisação peruviana dos Incas), que elle mutilou, querendo destacal-a do rochedo, onde estava insculpida ; e desastre egual aconteceu depois ao referido Schomburgh, no Essequibo.

Silva Coutinho achava-se então no Norte, em companhia do sr. Dr. Guilherme Schuch de Capanema (hoje Barão de Capanema), fazendo parte da secção geologica da grande Commissão Scientifica Brasileira, de 1857, organisada pelo Governo Imperial, por iniciativa do Instituto Historico e Geographico (do Rio de Janeiro).

Mesmo na era colonial surgem achados archeologicos.

Para confirmar a asserção, lembraremos que, durante o dominio hollandez, em Pernambuco, tendo o Conde João Mauricio de Nassau despachado do Recife (*Mauritzstadt*) ao sabio flamengo Elias Herck-

mann (1641), para ir pelo sertão a dentro em busca de minas de metaes preciosos ; em vez de taes thesouros, o que Herckmann encontrou foram vestigios de um *povo prehistorico*, cujas tradições já eram perdidas entre os selvagens d'aquellas bandas.

Consistiam taes vestigios em monumentos *megalithicos* do periodo da pedra polida : grandes pedras arredondadas por mão humana, de 16 pés de diametro e grande altura, empilhadas, uma sobre outra ; e algumas pedras talhadas em fórma de altares, que o historiador Gaspar Barlaeus (Van Baerle) compara aos monumentos neolithicos de Drent, na Belgica, como se pode vêr da obra latina de Barlœus : *Rerum per octemnium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritii, Nassovii Comitis, historia, Amstelodami*, 1647, pags. 217 e 218 do texto latino, da impressão de F. Cleve, em 1660 (Amsterdão).

Os indios Potyguáras, que acompanharam a Elias Herckmann, não deram noticia de que tribu alguma costumasse erigir semelhantes monumentos, que sem duvida pertenceram a algum outro povo senhor do paiz e anterior á actual raça selvagem, diz Robert Southey, no vol. 4º, pags. 417—18, da sua *Historia do Brasil* (trad. do Dr. Luiz J. de Oliveira e Castro, na ed. de 1862, Rio de Janeiro).

Na comarca de Flôres (Estado de Pernambuco) existem «duas bellissimas pyramides de granito, com 148 a 150 palmos de altura cada uma», no logar chamado Pedra Bonita, a 6 leguas do sitio Belém; e «d'essas duas pyramides immensas de pedra massiça, de côr ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra, defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma vasta matriz, a uma altura de 33 metros, approximadamente», vem uma linda estampa ou desenho do natural pelo Padre Francisco J. Corrêa de Albuquerque (1838), no n. 60 (Dezembro 1903), da *Rev.* do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Não será essa Pedra Bonita—onde o fanatismo creou o celebre «Reino Encantado» da comarca de Villa Bella, em 1838—o mais notavel vestigio dos monumentos, a que se referia Herckmann, o naturalista hollandez, em 1641 ?

Na *Rev.* cit., pags. 249—261, appareceo a traducção portugueza, feita pelo sr. Dr. J. Bapt. Regueira Costa, de um excellente estudo publicado nos Estados Unidos, no *American Naturalist*, de Philadelphia, pelo professor John C. Branner, sob o titulo *Inscripções em Rochedos do Brasil.*

O prof. Branner illustra o seu trabalho com desenhos originaes de varias figuras e inscripções, por elle achadas em Cacimba-Cercada e no Rio da Pedra Pintada (em Pernambuco); nas pedras de Sant'Anna (Estado de Alagoas) ; e remata o seu escripto de 1884, enumerando varias outras inscripções, no Brasil, referidas nas obras do *captain* Richard Burton, do Rev. H. Koster, do Dr. João Severiano da Fonseca,

do professor Carlos Frederico Hartt, de Alfred R. Wallace, de Franz Keller Leuzinger, etc. (Vide Nota D, *in-fine*).

Transcreveremos aqui estas eloquentes palavras do prof. Branner:

> «Seria muito para desejar que as inscripções e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possivel; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas, e si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desapparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.
>
> «O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes *glyphos* deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. Na verdade, ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilisação de hoje á dos seculos sepultados agora nas trévas». *Rev.* cit., pag. 259.

§ VI

Grande é a bibliographia sobre o assumpto, de que nos occupamos. Interessantes estudos têm sido dados á publicidade, no Brasil, sobre a nossa geologia, paleontologia, fauna e flora prehistoricas, industria e ceramica das raças primitivas do paiz.

Os *Archivos do Museu Nacional*, do Rio de Janeiro, estão cheios de admiraveis estudos, que representam contribuições valiosissimas para se aclarar o problema das antiguidades prehistoricas, nesta parte do continente sul-americano.

Mercê d'esses trabalhos já se póde fazer uma idéa por conjuncto do estado de civilisação dos nossos aborigenes, no periodo da PEDRA POLIDA, principalmente.

Firmam-n'os pennas de notaveis investigadores nacionaes e extrangeiros, e por deferencia aos hospedes amigos do Brasil, começaremos a citar os seus nomes, em primeiro logar, embora já no prologo d'esta *Memoria* tenhamos dado copiosa citação de autores e obras sobre o assumpto.

Carlos Fred. Hartt, o mallogrado scientista norte-americano (natural de Cornell), fallecido prematuramente no Rio de Janeiro, aos 38 annos de edade, em 18 de março de 1878, nas suas *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*; Carlos Wienner, nos seus *Estudos sobre os Sambaquis do sul do Brasil*; Carlos Rath, em *Algumas palavras ethnologicas e paleontologicas a respeito da provincia de São Paulo*; Charles A. White, nas *Contribuições á Paleontologia do Brasil* (vide vol. VII dos *Archivos*); Dr. Carlos Von den Steinen, o dedicado explorador allemão do valle do Rio Xingú, em sua obra—*Entre os povos*

naturaes do Brasil Central, Berlim, 1894 ; e, algumas dezenas de annos antes destes autores : Quatrefages, *L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels ;* Marquis de Nadaillac, *L'Amerique Préhistorique ;* Dr. Carl. Friederich Phil. Von Martius, *Ethnographia da America e principalmente do Brasil*, ed. de Leipzig, 1873 ; e o Dr. Ferraz de Macedo (portuguez), *Ethnogenia Brasilica*, etc.

Dos nacionaes, enumeraremos os seguintes escriptores do nosso conhecimento, cujos trabalhos estão esparsos em folhetos, revistas, jornaes e outras publicações dadas á estampa, no Brasil, versando sobre antiguidades indigenas, idolos, inscripções, urnas e monumentos funerarios, sambaquis, grutas, etc.

O eminente geographo Dr. Joaquim Caetano da Silva, no seu estupendo livro *O Oyapock;* o medico mineiro sr. Dr. Manoel Basilio Furtado, na sua já cit. *Contribuição para o estudo da zoologia no Brasil* ; o naturalista dr. Francisco Freire Allemão, nos *Estudos botanicos*, 1834-66; o sr. Barão de Capanema (Dr. Guilherme Schuch de Capanema, mineiro, natural de Antonio Pereira, Ouro Preto), nos *Apontamentos geologicos*, 1868, e, nos *Ensaios de Sciencia* (1876-80), o estudo d'*Os Sambaquis*, no 1º numero dessa revista (março 1876), pags. 78 a 89 ; o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, no seu estudo ou parecer (1866) sobre a curiosa *Memoria* do viajante francez Conde de La Hure, tratando das inscripções indigenas encontradas no interior da então provincia da Bahia; o Dr. Ladislau Netto, nas *Investigações sobre a Archeologia brasileira*; o sr. Dr. João Baptista de Lacerda, no seu estudo *O homem dos Sambaquis*; o sr. Dr. José Rodrigues Peixoto, nos seus dous trabalhos : *Contribuição para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brasil* e *Novos estudos craneologicos sobre os Botocudos* (com estampas) ; o sr. Carlos Von Koseritz, no trabalho *Sambaquis da Conceição do Arroio* (Rio Grande do Sul, 1884) ; o conselheiro Tristão do Alencar Araripe, nas *Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brasil* (1887, in *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 50); o sr. José Verissimo, nas *Populações indigenas da Amazonia*, & (1888); Couto de Magalhães, no *Ensaio de anthropologia*, & (1873); o sr. Jayme Reis, *Noticia de antiguidades indigenas em Minas* (tomo 56 da *Rev. do Inst. Hist.*); e, finalmente, os dous mineiros, Dr. José Franklin Masséna e Domingos Soares Ferreira Penna, a respeito dos quaes nos demoraremos um pouco, nesta *Memoria*.

Masséna (nascido em Ayuruóca e fallecido no hospicio Pedro II, a 9 de maio de 1877) foi um alto espirito de scientista e deixou varios trabalhos geographicos, geologicos, astronomicos, mineralogicos, hydrographicos, sobre Minas, sua provincia natal.

As *Investigações scientificas para o progresso da geologia mineira*, o *Panorama do Sul de Minas*, os *Quadros da natureza tropical* (ascensão scientifica ao Itatiáya, ponto mais culminante do Brasil); e o notavel escripto, *Geologia de Minas Geraes* (no vol. XLVII, de 1884, da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.* do Rio de Janeiro), contêm dados de valor sobre

os *fosseis* por elle achados em Minas e sobre as debatidas pinturas hyerographicas das serras de Ayuruóca, aliás depois melhor explicadas pela Commissão Geologica do Estado de Minas.

Ferreira Penna, o modesto sabio filho de Minas (natural de Oliveira do Pyranga, 1818), fallecido em Belém do Pará, em 1888, teve uma vida accidentada de trabalhos, em prol das sciencias prehistoricas. O vol. I do *Boletim do Museu Paraense*, em 1895, trouxe um curioso estudo do illustre escriptor sr. José Verissimo, sobre a vida e os trabalhos scientificos do venerando sabio brasileiro.

Desde 1864, Ferreira Penna se embrenhou na exploração paleontologica da Amazonia, descobrindo monumentos prehistoricos, reconstituindo, por assim dizer, a vida dos primitivos povos amazonicos, a sua industria, costumes, tradições, armas, idolos, etc.

São suas obras principaes, publicadas: *O Tocantins e o Anapú* (1864, 127 pags.) — *A região occidental da provincia do Pará* (1869, 248 pags.) — *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá* (1874, 33 pags.) — *A Ilha de Marajó* (1875, 80 pags.) — *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará* (1878, no vol. I dos *Archivos do Museu*) — *Apontamentos sobre os Ceramios do Pará* (1879, no vol. II dos cits. *Archivos*, e mais um estudo, *As Urnas de Maracá*) — *Algumas palavras da lingua dos Aruâns* (1881, no vol. IV dos cits. *Archivos*, do Rio de Janeiro) — *Explorações no Amazonas, o Rio Branco* (1883, no tomo 1º da *Revista Amazonica*, de Belém)—*Indios de Marajó* (1885, no vol. VI dos cits. *Archivos do Museu*, do Rio de Janeiro), brilhante estudo, que o professor Carlos Hartt adoptou como parte integrante do seu trabalho já citado (*Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*).

Nessa copiosa bibliographia, deixou Ferreira Penna as provas da sua constante operosidade e amor aos estudos paleontologicos. De muitas inscripções hieroglyphicas, de muitos monumentos da primitiva archeologia amazonica, existentes na Ilha de Marajó, na serra de Itaituba, nos rios Tocantins e Anapú, deu elle exacta noticia. Achados do mais alto valor prehistorico : esqueletos completos, ossadas fosseis de animaes extinctos, armas, como machados de diorito, raspadores de silex ; utensilios, como almofarizes, alguidares e vasos de pedra ou barro cosido ; tangas de barro, idolos coloridos ; fragmentos de louça ; conchas admiraveis, ornatos varios ; foram desenterrados por F. Penna, em pacientes pesquisas, que fez, nos ceramios e nos aterros sepulchraes ou *miracanuêras*, em Pacoval, Arary, Santa Isabel, Maracá, Camutins, Obidos, Serpa, etc. Amigo de sabios extrangeiros do quilate de Carlos Hartt e Agassiz, de Crévaux e Orv. Derby, de Henring e Wallis, de Smith e Lindstone, de Brown e Steere — Domingos S. F. Penna foi o maior contribuidor para a investigação das antiguidades prehistoricas dos Estados do Pará e Amazonas.

Muito lhe deve, portanto, a Paleontologia brasileira.

Elle continuou os trabalhos dos sabios apontados pelo sr. J. Verissimo e mais os de Burmeister, Natterer, Schreiner, preparando o caminho das futuras investigações de Emilio Göeldi, Barbosa Rodrigues, Henri Coudreau, Stradelli... O que Pedro Lund fez no Sul, Ferreira Penna realisou no extremo Norte do Brasil : tirou dò cáhos a nossa Prehistoria, dando-lhe firme assento nas explorações paleontologicas.

Quando na America do Norte começaram a ser descobertos e estudados os *shell-mounds* e outros destroços das eras prehistoricas, naquelle paiz, poude a sciencia desde logo apontar ao mundo uma legião de sabios paleontologistas, desde Whitney, W. Blake, Walter Hofmann e Dale, até March, James Dana, H. Simons, Mac-Lean, Squier e Davis. Nós, porém, temos ao lado de dous extrangeiros eminentes, P. W. Lund e C. F. Hartt, dous nomes nacionaes de alto merito — Ferreira Penna e Ladislau Netto.

§ VII

De Minas Geraes possúe o Museu do Rio de Janeiro alguns monumentos prehistoricos, provenientes de pesquisas feitas nas grutas da Serra de São Geraldo e do valle do Rio Pomba (onde outr'ora acamparam nações selvagens de remota origem) pelo naturalista-viajante sr. A. de Miranda Ribeiro e pelo sr. Dr. M. B. Furtado. De outras procedencias tambem alli têm ido ter objectos encontrados não só em Minas, como em outros pontos do sul do paiz (São Paulo, Paraná, Matto Grosso).

Pena é que das inscripções de alguns rochedos, na serra do Beribery e São Francisco, em Diamantina ; da Pedra do Resplandôr e do Lajão do M (*êmme*), no Rio Doce ; da serra do Itambé do Matto-Dentro; da serra dos Martyrios, em Raposos de Sabará; da serra de São Thomé das Letras, em Ayuruóca, pontos esses de Minas, onde se diz haver pinturas e inscripções, com symbolos, imagens e glyphos, formando *cartouches* enigmaticos; não se tenham ainda tirado copias, que, levadas aos epigraphistas, sejam traduzidas ou possam ser interpretadas.

Está ahi outra sciencia, a epigraphia, creada na Europa, durante o seculo 19º, e que no Brasil não tem cultores.

Entretanto, é ella o archote—diz um escriptor—que aclara as descobertas archeologicas, que as decifra ou interpréta, e dá-lhes o cunho authentico da ancianidade e do valor scientifico.

Os estudiosos filhos de Minas reinvindicam, todavia, para a sua terra natal a prioridade nas indagações da paleontologia brasileira, pois já no seculo 18º, em plena era colonial, sob o dominio portuguez, os nossos patricios Luiz Fortes de Bustamente e Sá, Domingos Vidal Barbosa, José Alvares Maciel (estes dous foram da Conjuração Mineira, 1789-92) e Simão Pires Sardinha iniciaram estudos a respeito dos nossos *fósseis* e nestas indagações lhes continuaram as pisadas, no

terreno scientifico, outros Mineiros: José de Sá Bittencourt Accioli, os irmãos José e Manoel Vieira Couto, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, todos filhos da centuria atrazada (sec. XVIII). Da Europa, onde haviam cursado Universidades (Coimbra, Montpellier, Freyberg...) trouxeram para Minas a predilecção pelos estudos de sciencias naturaes.

* * *

Já é tempo de concluir esta *Memoria*. E não o faremos, sem declarar, mais uma vez, que, longe de termos querido apresentar ideias proprias, aventar hypotheses, formular problemas e exhibir falsa sciencia—ao contrario disso, nos limitámos a condensar um pouco das noções capitaes sobre o assumpto, a reunir material de estudo, que, ao nosso juizo, servirão de alguma cousa aos competentes, aos profissionaes.

Abalam ainda o nosso espirito de moço as palavras escriptas á pag. 282 de um livro brasileiro (*Algumas Notas Genealogicas*, São Paulo, 1886), pelo fallecido professor da Faculdade de São Paulo, Dr. João Mendes de Almeida, já por nós citado, em outra parte desta *Memoria*:

> «Em vão a anthropologia experimental apresenta-se «para desmentir a anthropologia revelada.
>
> «Em vão mesmo, uma anthropologia denominada *pre«historica*, sem outros documentos que ossos e silex des«cobertos em cavernas e em camadas stratificadas do «sólo, ostenta egual proposito, pretendendo que os pri«meiros seculos devem ser divididos em edades succes«sivas da *pedra bruta*, da *pedra polida*, dos *metaes*, e que «os homens primitivos foram selvagens. O testemunho «dos Livros Sagrados é irrecusavel. Ante essa massa «enorme de mysterios, em cujo redor doudejam denomi«nados *sabios*, vêmos perfeitamente Deus presidindo a «creação, desde o inicio do mundo.
>
> «Nem sem Deus a comprehendemos; e, si fôra neces«sario provar que Elle existe, o melhor argumento sería «a mesma creação.»

Para o Dr. J. Mendes e os que duvidam da *pura sciencia materialisada*—a qual só quer explicar a Humanidade e o Cosmos, dispensando a intervenção *divina*, já admittida por Bossuet, no seculo 17º (*Discours sur l'histoire universelle*)—parece acertada a convencida formula de Malebranche:

> Dieu est le lien des esprits comme l'espace est le lien des corps.

¿ Estarão com a verdade os que se rebellam contra a creação divina do homem, como é o caso para Abel Hovelacque e Georges Hervé,

os sabios professores da Escola de Anthropologia de Paris, no seu tão conhecido livro *Précis d'anthropologie ?*

Para estes, a doutrina do *transformismo* está irreductivelmente assentada : o homem descende de um antepassado animal e a especie humana só chegou ao completo aperfeiçoamento, após lenta evolução atravez de fórmas intermediarias.

Outros sabios, Topinard á frente, sustentam como verdade scientifica que o «*homem actual* está separado, anatomicamente, do animal mais proximo a elle por um abysmo profundo cavado pelo tempo e que cada vez maior se torna pelo desapparecimento observado dos typos intermediarios ».

Eis ahi : sinão existe o *cahos*, pelo menos a *duvida* existe, nos principios cardeaes da sciencia da Terra e do Homem.

Para elucidar, não ; mas para animar o debate servirá, talvez, este insignificante trabalho.

Já dizia Renan que a sciencia moderna reclama as monographias, que especialisam os assumptos mais graves, porquanto já não são possiveis hoje as vastas historias, os grandes e exhaustivos tratados, que fizeram as delicias de passadas gerações de sabios. Convem especialisar os assumptos, para que os conhecimentos fructifiquem.

As encyclopedias se fazem de monographias, nos tempos de agora : com estas se levantam construcções gigantescas, em todos os departamentos da sciencia.

E convencidos das verdades contidas nos conceitos de Ernesto Renan (*L'Avenir de la Science*, París, 1890), para aqui trasladamos, fêcho de ouro, estas formosas palavras, ditas no estylo tão proprio e suggestivo do grande Mestre :

> «Personne n'est donc inutile dans l'humanité. Le sau-
> «vage, qui vit á peine la vie humaine, sert du moin com-
> «me force perdue. Or, je l'ai déjá dit, il était convena-
> «ble qu'il y eût surabondance dans le dessin des formes
> «de l'humanité. La croyance á immortalité n'implique
> «pas autre chose que cette invincible confiance de l'hu-
> «manitè dans l'avenir.
>
> «Aucune action ne meurt. *Tel insect qui n'a eu d'au-*
> *«tre vocation que de grouper sous une forme vivante un cer-*
> *«tain nombre de molécules et de manger une feuille, a fait*
> *«une œuvre qui aura des conséquences dans la série eternelle*
> *«des causes».*

FINIS

(17—V—1905)

APPENDICE

Nota A—pag. 6 Sobre a vida e os serviços do Dr. P. W. Lund, no Brasil, devem ser consultados : Xavier da Veiga, nos vols. 1º, 3º e 4º das *Ephemerides Mineiras* ; o Dr. Henri Gorceix, no já cit. n. 3, anno de 1884, dos *Annaes da Escola de Minas* ; o Major Annibal Mascarenhas, no seu *Curso de Historia do Brasil*, 1º vol., pags. 96 a 102 ; e mais os trabalhos do professor Reinhardt, do Dr. Theodoro Langgaard (*O naturalista Dr. Lund*), do venerando sr. Barão Homem de Mello e do erudito sr. Dr. Pires de Almeida (destes dous ultímos, em numeros do *Jornal do Commercio*, do Rio).

Dous artistas mineiros, Hyppolito Caron (fallecido em 1892) e o sr. Honorio Esteves (da Escola Normal de Ouro Preto) estiveram, de proposito, no arraial da Lagoa Santa, onde foram estudar o local e a casa, em que viveo por tantos annos o solitario sabio dinamarquez.

Desses dous pintores existem notaveis quadros e retratos (reproducções) de Lund ; e na Bibliotheca da Escola de Minas, em Ouro Preto, ha um perfeito retrato a oleo do grande europeu, o creador, o «Pae da Paleontologia no Brasil», na frase de Göeldi.

A razão de Pedro Guilherme Lund ter escolhido o obscuro arraial da Lagoa Santa para sua residencia, em Minas, de 1834 a 1880 (anno de sua morte), foi porque, sendo um tuberculoso, de organismo franzino e debil, os saluberrimos ares daquella povoação lhe pareceram garantir a conservação da vida por mais tempo do que elle suppunha poder durar a sua existencia. Clima saudavel e ameno, alli constituio elle a sua Thebaida, levando uma vida pacifica e suave, repartida entre os cuidados da sciencia e os beneficios prestados á população do logar, que muito o venerava. Juntamos a esta *Memoria* os dous preciosos retratos de Lund e de Domingos S. Ferreira Penna (os dous naturalistas aos quaes dedicámos o nosso humilde trabalho), para serem reproduzidos na publicação final das theses do 3º Congresso Latino—Americano.

Nota B—pag. 11—«A geologia da vasta area do Brasil (diz o Dr. Alfredo Moreira Pinto, na sua *Chorogr. do Bras.* 7ª ed., 1902, pag. 17) é relativamente desconhecida. Antes de 1767, não se tinham encontrado fósseis, e as investigações posteriores de Eschwege, Sellow, Martius, Pissis, D'Orbigny e outros eram exclusivamente geognosticas. Embora de grande valor, a identificação e a classificação de terrenos, que apresentaram, eram muito deficientes, por não se fundarem na paleontologia.

A base de uma verdadeira divisão paleontologica foi lançada pelas recentes investigações de Hartt e seus collaboradores. Aínda ha muito que fazer, porém, já se conseguio uma noção mais clara da estructura geologica do paiz».

De outra obrinha interessante, que o finado sr. R. Villa-Lobos publicou tambem sobre a Chorographia do nosso paiz (4ª ed., 1901, pags. 18 a 23), trasladamos o seguinte resumo, que parece dar uma idéa geral do assumpto :

«E' de uma epoca relativamente recente que data o estudo da estructura geologica brasileira, figurando Hartt e Derby dentre os seus principaes investigadores.

«Na opinião do referido professor Derby, a divisão paleontologica brasileira é assignalada nas seguintes especies», que agora apenas mencionamos, em seus traços geraes :

a) Terreno *Archeano*—composto de antigas rochas metamorphicas, que constituem a maior parte das montanhas, e dividido em duas grandes séries. A primeira foi classificada por Hartt no systema *Laurenciano*, e é caracterisada pelo *Eozoon* canadense ahi encontrado ; esta é a mais antiga e constante de rochas altamente crystallinas como *granito*, *syenito*, *gneiss e micaschisto.*

«A segunda serie, referida ao systema *Huroniano*, não è tão crystallisada como a precedente, e compõe-se de quartzitos, schistos, mineraes de ferro e calcareo, que caracterisam as regiões da Serra do Espinhaço, da serra da Canastra, da Matta da Corda e das montanhas de Goyaz.

Resumindo as demais divisões da classificação do Dr. O. Derby, temos :

b) Terreno *Palaeozoico*—composto das rochas do systema *siluriano*, *devoniano* e *carbonifero*. Ao systema siluriano se referem as serras do Espinhaço, entre Minas e Bahia, e as da Mantiqueira, no Estado de São Paulo, e em outros pontos do Brasil.

«As formações das montanhas situadas de ambos os lados do S. Francisco pertencem á epoca *siluriana* ou *devoniana*, a julgar-se pelos fósseis encontrados nos estratos de grez duro e azulado e schisto argiloso.

c) Terreno *Carbonifero*— O chapadão Amazonico é, em sua maior parte, composto de grez e schisto argiloso, cuja edade geolo-

gica ainda não foi sufficientemente determinada, por não terem sido ahi encontrados fósseis.

d) Terreno *Triasico*—Pertencem á edade triasica alguns terrenos da bacia do Paraná, no sul do Brasil.

e) Terreno *Cretaceo*—A esta formação são referidos os planaltos dominantes nos Estados de Pernambuco, Bahia e Alagôas, em razão do apparecimento de grez e schisto argiloso, nos quaes se têm encontrado fósseis correspondentes á formação da bacia do Parnahyba, repositorio de excellentes specimens de peixes fósseis da edade cretacea.

«No Ceará ha tambem vestigios dessa formação. Pertencem com algum fundamento a esta edade as camadas de grez com folhas fósseis, que se encontram nas circumvisinhanças de Monte Alegre. Esta epoca se revela, egualmente, na região do Alto-Amazonas, com o apparecimento de reptis fósseis.

f) Terreno *Terciario* e *Quaternario*—Os depositos de agua doce, contendo lignitos e encontrados nos valles do Alto-Parahyba, do Alto-Tieté, e em varios pontos de Minas Geraes, attestam a formação *terciaria*, não se podendo, entretanto, concluir da mesma fórma para o grande planalto continental.

«Concorrem para confirmar a existencia de uma epoca *quaternaria* o apparecimento de depositos fluviaes e lacustres, bem como o de uma camada terrosa, que se extende quasi por toda a superficie do planalto e resultante da denudação sub-aérea. A despeito das affirmações de alguns geologos, tem a nossa geologia demonstrado a não existencia de depositos glaciaes em o nosso solo.

«As extensas camadas encontradas nas terras baixas e alagadiças da depressão Amazonica, resentem-se de uma formação *quaternaria*, e talvez de recente origem *terciaria*.

«Pertence, egualmente, a estas duas formações a depressão do Paraguay, notavel pelos seus gigantescos mammiferos fósseis».

Continuam a apparecer outros estudos geologicos, calcados sobre a Paleontologia, e referentes ao Brasil. Em 1894, no *Jornal* da «Sociedade Geologica», de Londres, o Dr. John W. Evans publicou importante *Memoria* sobre a geologia do Estado de Matto Grosso. Em Minas Geraes, os srs. H. Gorceix, Paula Oliveira, Costa Sena, Antonio Olyntho, Alvaro da Silveira, Calogeras (todos sahidos da nossa Escola de Minas), têm feito successivas contribuições ao assumpto; do mesmo modo que em São Paulo, os srs. Orv. Derby, Eug. Hussack, Theodoro Sampaio; e quanto á geologia do nosso littoral os notaveis estudos do Dr. John C. Branner, o eminente scientista *yankee*, tão affeiçoado ás cousas do Brasil.

Nota C, pag. 12 — Si foramos enumerar todas as noticias conhecidas sobre monumentos e antiguidades prehistoricas, no Brasil, longe iriamos. O Museu Paulista, sabiamente dirigido pelo professor Dr. H. Von Yhering, no Ypiranga, contem varios fosseis interessantes, devidamente classificados, na *Sala B 11* (Paleontologia). Outras collecções fósseis possuem os Museus de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e de Belem do Pará, o Museu Amazonense, de Manáus(dirigido pelo Dr. Bach), a Escola de Minas de Ouro Preto, o Instituto Archeologico do Recife, etc.

Emquanto ha poucos mezes, nos Estados Unidos, se armava o enorme esqueleto do *Dinosaurus*, cujas ossadas se encontraram nas cavernas de *Rock-Mountains*, aqui, no extremo N. O. do Brasil (no Jurúá, territorio federal), o coronel de engenheiros, sr. Dr. Gregorio Thaumaturgo, desenterrava fosseis de alto valor, já doados ao nosso riquissimo Museu de São Christovam (Rio de Janeiro). São restos da fauna quaternaria, na bacia amazonica, ossadas de animaes gigantescos, emigrados de Alem-Andes, e que foram contemporaneos do *Megatherium*, do *Mammouth* ou *Elephas primigenius*, do *Mylodon robustus*, etc.

As descobertas ante-diluvianas se multiplicam pelo mundo inteiro.

Na Oceania, além dos estudos do allemão Wilhelm Dames—que descobrio e reconstruio o esqueleto do *Gibbons*, grande macaco da ordem dos Anthropoides da Malasia—, appareceram ha poucos annos os trabalhos do paleontologista hollandez, Dr. Eugenio Dubois, professor de Geologia (da Universidade de Amsterdam) e que levantaram grande celeuma, nos centros scientificos, a proposito do *Pithécanthropus erectus*, reconstruido por aquelle professor, á custa de quatro peças do esqueleto primitivo desse Homem-Macaco (?), descobertas por elle, em 1894, numa elevação de terreno eruptivo, em Trinil, na Ilha de Java.

Foi, ahi, perto da ribeira de Bengawan, em tufos vulcanicos fossiliferos, que o Dr. Dubois, excavando, achou o *craneo*, o *femur* e os *molares* desse animal, meio simio, meio homem, por elle reconstruido, conforme o admiravel modêlo exhibido na Exposição de Paris (1900), no pavilhão das Indias Nederlandezas, e ao qual baptisou com o nome scientifico de *Pithécanthropus*.

Mas que dissidio de opiniões a respeito desse supposto *antepassado* do homem ! Nada menos de *vinte e uma* opiniões desencontradas de sabios levantou a descoberta do professor de Amsterdam !

Entre nós mesmo houve, em 1897, um debate scientifico sobre o *Pithécanthropus* de Dubois, entre o professor H. Von Yhering (director do Museu do Ypiranga, em São Paulo) e o naturalista Carlos Euler. Este sustentava que «a capacidade encephalica do pithécanthropus é *pequena* demais para ser a de um homem e *grande* demais para ser a de um anthropoide»; porque a capacidade de um craneo fossil attinge a 900

ou 950 centimetros cubicos, ao passo que a dos maiores anthropoides não passa de 500 centims.[3]

O sr. Dr. Henrique Von Yhering disse: «A discussão sobre o Pithécanthropus, não obstante terem tomado parte nella os naturalistas mais competentes, não deo resultado. São e continuam a ser differentes as opiniões dos especialistas ; para mim é signal que o Pithécanthropus, embora mais homem do que anthropoide, merece o interesse que a elle ligou Dubois e com este todo o mundo sabio. Creio que neste ponto a discussão ha de ficar até que sejam encontrados restos mais completos com queixadas e dentes. A falta das partes mais caracteristicas do craneo faz impossivel qualquer classificação zoologica segura. » Vide tomo IX, 1897, pags. 191-192, da *Revista Brasileira* (do Rio de Janeiro).

É o caso do *tot capitae, quod sententiae...*

Ainda, recentemente, Portugal (onde os estudos prehistoricos caminharam, devido ao tenaz exforço do geologo Carlos Ribeiro, segundo nol-o diz Consiglieri Pedroso), vio surgir uma interessante descoberta a 2 leguas de Amares, no Douro : uma cidade soterrada a mais de 10 metros de profundidade, com um necrotério de mais de 20 tumulos, varios edificios, idolos, etc. — cidade que parece remontar aos Lybios (3000 annos A. Chr.).

Nem só Carlos Ribeiro, mas tambem Nery Delgado, Martins Sarmento, Pereira da Costa, Arruda Furtado e Ferraz de Macedo, este já por nós cit., como autor da *Ethnogenia brasilica* (Lisboa, 1886), têm sido os impulsionadores da Prehistoria, no paiz irmão A bibliographia portugueza, nos dominios scientificos da historia natural do genero humano (conforme Broca definio a anthropologia), apresenta os seguintes trabalhos, entre outros de valor : *Origens anthropologicas da Europa*, do Dr. Corrêa Barata; *Da craniologia como base da classificação anthropologica*, do Dr. Eduardo Burnay ; e *Do methodo em anthropologia*, do Dr. Luiz dos Santos Viegas (Vide *Encyclopedia*, vol. I, do Dr. Maximiano de Lemos, Porto, 1903.)

Assim, na Italia, França e em outros paizes, onde se encetam pesquisas demoradas para o estudo d'essa nebulosa vida das populações prehistoricas.

No Brasil, falta-nos, sobretudo, a continuidade de taes trabalhos ; o que temos provém mais do exforço individual e ás vezes extrangeiro, força é dizel-o, do que da iniciativa, sempre poderosa e util, dos governos.

De 1865 a 66, durante a expedição Agassiz, vinda dos Estados Unidos, especialmente para estudos de Historía natural (ichytiologia), no valle amazonico, colheram-se valiosas observações sobre a geologia do Brasil, sobre a fauna e flora fosseis do norte do nosso paiz.

Com Agassiz vieram por esse tempo ao Brasil varios scientistas norte-americanos : os geologos Carlos Hartt e Orestes Saint-John, e os

naturalistas John G. Anthony, John A. Allen, o Dr. Cotting (medico), o desenhista Jacques Burkhardt, o preparador William James e outros. Mme. Agassiz escreveo e publicou, de collaboração com seu illustre marido, o interessante livro — *Voyage au Brésil*, que conhecemos pela traducção franceza de Félix Vogeli (Paris, 1869).

Anthony, especialista em conchyliologia, e Állen, em ornithologia, pouco se demoraram no Brasil. O braço direito de Agassiz póde-se dizer que foi o notavel professor Hartt, então muito jovem, quando veio para o Brasil, nessa missão de 65-66. O Imperio o aproveitou depois na missão de organisar a *Carta Geologica do Brasil*, em meados de 1875; e nesse periodo teve Hartt a collaboração efficaz do Dr. Orville Derby, de Richard Rathbun, do Dr. C. A. White, do professor J. M. Clarke, do Dr. John C. Branner e de outros especialistas. O notavel trabalho de Hartt — *Geology and Physical Geography of Brasil* foi publicado em 1870, em Boston.

Da missão Hartt, no norte, ha muitos annos, ficaram estudos e descobertas de valor, na bacia do Amazonas; e é de prevêr que novos achados, nos dominios da paleontologia, se façam agora, na recente missão White, mandada pelo governo federal do Brasil, em exploração da bacia carbonifera do extremo sul da Republica (do Paraná ao Rio Grande do Sul).

Fazemos votos para que d'este Congresso Scientifico saiam elucidadas muitas e complexas questões de Anthropologia Prehistorica, de Archeologia, Linguística, Ethnologia e Paleontologia, que interessam ao continente americano. Os competentes decidirão muitos pontos lacunosos, nessas sciencias, e augmentarão o cabedal para taes estudos, no Brasil e nos outros paizes latinos do Novo Mundo.

Assim o crêmos e desejamos.

Nota D—pag. 15 A Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas, que foi proficientemente dirigida até 1900 pelo sr. Engenheiro Alvaro Astolpho da Silveira ; a Commissão Geologica do Estado de S. Paulo, sob a notavel direcção do sr. Professor Orville Derby (até 1904) e na qual ainda figura o sr. Dr. Eugenio Hussack (auxiliar); muita luz trouxeram ao problema paleontologico, no sul do Brasil.

Os boletins e cartas parciaes d'essas duas notaveis commissões scientificas representam uma somma de labor e competencia. Na bacia do Rio das Mortes (Minas) foram colhidos muitos exemplares da nossa fauna fossil ; e da serra de São Thomé das Lettras (Ayuruoca), foram pela Commissão Mineira copiados os suppostos glyphos e inscripções, que ali se vêem, e estão reproduzidos no *Relatorio* da Secretaria da Agricultura de Minas (1895).

D'As grutas calcareas de Iporanga (São Paulo), onde ha depositos fossiliferos, o sr. Ricardo Krone dá excellente descripção na *Rev. do Museu Paulista*, vol. III, 1898 *(Caverna do Monjolinho)*.

Dos rochedos do Erêrê (Amazonas), onde ha inscripções, tratou o professor C. Hartt, descrevendo-os, minuciosamente.

O Captain Richard Burton (*The Highlands of the Brasil*, 1869, vol. I, pags. 423-431) fala das inscripções existentes nas seguintes localidades banhadas pelo Baixo São Francisco (Bahia) : *Icó da Ipoeira*, *Sitio da Itacoatiára*, *Pé da Serra*, *Salgado*, *Fazenda do Brejo*, *Olho d'Agua (Piranhas)*, *Ipanêma*, etc.

Henry Koster, o já citado viajante inglez (1809-1815), se refere ás inscripções da Parahyba do Norte, bem como o naturalista francez Francis de Castelnau (1843-1847) dá noticia das inscripções de Matto Grosso, como a *Serra do Leireiro*, no Alto-Paraguay, tambem chamada *Letreiro da Gahyba*, segundo a versão do illustre medico e viajante brasileiro Dr. João Severiano da Fonseca *(Viagem ao redor do Brasil*, 1875-1878), no vol. I, pag. 327 dessa sua obra, onde vêm umas imperfeitas gravuras de taes glyphos.

No conceito do viajante inglez G. T. Milne (1904), esses specimens de escriptas gravadas nas rochas de Gahyba, sobre o rio Paraguay, «parecem ser representações toscas dos corpos terrestres : serpentes, uma mão humana e um pé humano, folhas de palmeira, de natureza semelhante ás que se encontram em outras regiões do Brasil, etc. E' questão difficil (diz o cit. viajante) de determinar se essas escriptas são o trabalho de uma raça ha muito extincta, ou dos antepassados das actuaes tribus indias.»

O Dr. John Branner (artigo traduzido na cit. *Rev. do Inst. Archeol.* do Recife) fala ainda das inscripções de *Curamatán* (Piauhy), *Morro de Cantagallo* (Alto-Tapajoz), *Alcobaça* e *Jequerapuá* (Baixo-Tocantins), *Serra da Escama* (Obidos), *Cachoeira do Ribeirão* (rio Madeira), etc.

O barão Alexandre de Humboldt (*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*, Paris, trad. de Galusky) allude ás inscripções do Rio Oyapock (fronteira do Pará com a Guyana Franceza) e do Rio Orinôco, no extremo norte do Brasil.

Em alguns outros autores, como nas obras dos francezes E. Pissis, *La position géologique des terrains de la partie australe du Brésil* (1841) e Emmanuel Liais, *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil* (1872) ; em L. Agassiz, *Scientific results of a journey in Brasil* (1865) ; em V. L. Baril, Comte de La Hure, *L'Empire du Brésil* (1862) ; em Milliet de Sainte Adolphe, *Diccion. Geogr. do Brasil* (trad. portug. do Dr. Caetano Lopes de Moura) ; em Mello Moraes, Senior (Dr. A. J. de), *Corographia Historica & do Brasil* (Rio, 1858, Typ. Soares de Pinho) : em todos esses autores existem referencias a varios monumentos prehistoricos do nosso paiz (ceramios, inscripções, pedras artificialmente sobrepostas, etc.).

Assim tambem em varios tomos da monumental collecção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro—sabia associação a que temos a honra de pertencer e que vem, desde 1839, prestando os mais valiosos serviços ao conhecimento do Brasil physico e social—ha differentes memorias e investigações relativas ao capitulo Inscripções, &.

De uma *Itaóca* e das inscripções da Parahyba do Norte, com figuras insculpidas, falou Varnhagem (Visconde de Porto Seguro), tomos 37º e 55º; das inscripções da *Casa da Pedra*, no serrote da *Rôla* (Ceará), tratou João Franklin de Alencar Nogueira, tomos 55º e 56º; das inscrições lapidares encontradas em Goyaz vem, no tomo 37º, um excerpto da *Corografia historica de Goyaz* pelo Brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos ; e no tomo 1º (Março de 1839, pags. 66 e 98) se encontram descriptas as inscripções da Gávea (Rio de Janeiro).

O naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fins do sec. 18º) descreveo as celebres grutas ossiferas do *Inferno* e das *Onças*, por elle visitadas, em Matto Grosso (tomos 4º e 12º, *Rev.* cit.) ; Taunay (Visconde Alfredo d'Escragnolle) aponta cavernas e inscripções, no seu trabalho *Curiosidades naturaes do Paraná* (tomo 53º) ; e sobre outros assumptos, vide : tomo 7º—*Ossadas fósseis de Cantagallo* (Estado do Rio) ; tomo 53—*Urna funeraria da praia de São Christovam* ; tomo 12º—*Archeologia indigena*, etc.

Possúe o Instituto—que é hoje, seguramente, a mais antiga e a mais notavel associação scientifica da Sul America—um Museu de objectos que interessam á Archeologia e Paleontologia, não só do Brasil como desta parte do Novo Continente. O tomo 49º da *Rev.* d'elle deu um minucioso catalogo, elaborado pelo fallecido historiographo sr. Dr. M. D. Moreira de Azevedo.

Damos aqui por encerradas estas notas complementares da nossa *Memoria*.

Pedimos venia para o obscuro producto do nosso dedicado, porém fraquissimo exforço.

Mens et Labor

Os Indios do Brasil

MEMORIA

APRESENTADA PELO

Dr. Nelson C. de Senna

(natural de Minas Geraes)

NO 3.° CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO

Reunido no Rio de Janeiro, em agosto de 1905

2.ª ED. REVISTA E MELHORADA

These 29.ª — « Distribuição Geographica dos Indios do Brasil. Sua ethnogenia »

SUMMARIO

Primeira parte : — Bibliographia indianistica para o Brasil, em geral, e para cada Estado da União. Obras sobre as linguas indigenas. Plano de um vocabulario geral para o ensino do tupi.

Segunda parte : — A distribuição geographica das tribus indigenas do Brasil. A origem e a classificação do selvagem brasilico. Os oito grupos de Martius. As grandes familias indigenas : Tupis, Gês, Carahibas e Carirys. Os grupos áparte : Waitakà e Pano, como principaes. Carahibas, segundo a recente classificação de Ehrenreich. APPENDICE E NOTAS ELUCIDATIVAS.

Terceira parte : — Nomenclatura geral das principaes tribus conhecidas do Brasil, por ordem alphabetica, (desde a letra A atè Z), com ligeiros dados ethnographicos sobre cada tribu, horda, povo ou nação.

BELLO HORIZONTE

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES

1908

Homenagem do Autor.

NELSON DE SENNA

Os Indios do Brasil

MEMORIA ETHNOGRAPHICA
(em 2.ª edição revista e melhorada)

*Apresentada
ao 4.º Congresso Scientifico (1.º Pan-Americano) reunido em
Santiago do Chile, a 25 de Dezembro de 1908*

ADVERTENCIA

Já que não nos foi dado o grande prazer intellectual de agora visitar a formosa terra amiga do Chile, e alli tomar parte no 4º Congresso Scientifico dos diversos representantes dos paizes americanos, reunidos em Santiago, seja-nos licito enviar as nossas humildes credenciaes de escriptor a esse notavel cenaculo de scientistas e professores, de homens de letras e pensadores de todo este vasto continente, em que hoje se affirma com intenso fulgor toda a cultura do Occidente.

Nações hispano-americanas, gentes luso-brasileiras, povos anglo-saxões e franco-canadenses, cimentam pela alliança espiritual, neste 1º Congresso Scientifico Pan-americano, a obra admiravel e necessaria da concordia internacional, no Novo Mundo. A ella votamos todo o nosso applauso caloroso e toda a nossa fraquissima collaboração pessoal.

Em falta de melhor carta de apresentação, enviamos esta nossa *Memoria*, apenas esboçada para o 3º Congresso Scientifico Latino-Americano, reunido no Rio de Janeiro, em 1905.

Si os novos retoques e addições não a fizerem digna do 4º Congresso Scientifico de Santiago, valha-nos ao menos o louvavel desejo de corresponder á gentileza do convite official recebido da Illustre Mesa Directora do referido Congresso, para tomar parte nas suas sessões, a se abrirem a 25 de dezembro deste anno, na Capital da florescente Republica do Pacifico — terra tão querida dos intellectuaes Brasileiras,

Rematamos estas duas palavras preliminares, enviando as nossas respeitosas saudações aos eminentes americanistas e a tantos e illustres confrades, ora prestes a se reunirem em Santiago, e já a nós ligados por laços de affectiva camaradagem intellectual.

Bello Horizonte, 15 de Novembro de 1908.

Nelson C. de Senna.

PRIMEIRA PARTE

Da Bibliographia Indianistica para o Brasil, em geral

As bibliographias são como que o portico de entrada nos dominios de cada sciencia. Diremos algumas palavras a respeito desta materia.

Seria exhaustivo citar aqui quantos autores e respectivas obras se occupam da indianologia brasilica.

Os estudos de Ethnographia dos povos naturaes da Sul-America receberam notavel impulso, como é sabido, por parte dos exploradores e scientistas allemães, sobretudo. Os nomes de Carlos von Martius, do Principe Maximiliano, de Joh. Bapt. Spix, de Hermann Meyer, de Carlos von den Steinen, de Paulo Ehrenreich, de Waitz, de Reuss, de Debritzhoffer, de Van Coll, de Thurm, de Emilio Hänsel, de Roberto Avé-Lallemant, de Rudolf Cronau, de Carlos von Koseritz, de Kärger, de J. B. Steere, de Jorge Schieber, enchem toda essa odysséa de penosa travessia pelo campo agreste da historia do nosso indio, das suas tribus, mythos, costumes, linguas e tradições.

E nem só allemães, e sim tambem extrangeiros de outra origem se têm empenhado nessas explorações do *Hinterland* brasileiro, devassando-lhe os povos naturaes, na vida primitiva, á beira dos grandes rios e das formidaveis florestas virgens da Amazonia e de Matto Grosso, principalmente.

São relativamente modernos, e alguns mesmo recentes, os estudos de Ambrosetti, Domenico Campana, Carlos Hartt, Candelier, Brettes, Vogt e Koch, Brinton, Coaffanjon, Roberto Schomburgh, William Chandless, Lucien Adam, Osculati Simpson, Ermano Stradelli, Lehmann, Morocines, Quevedo, Rhode, Khode, Koslowski, Henri Coudreau, Padres J. Balzola, Antonio Malan e Nicolao Badariotti, Florentino Ameghino, Supper, H. Crévaux e outros, quanto á ethnographia dos povos naturaes do Brasil e paizes limitrophes (Guyanas, Venezuela, Perú, Bolivia, Paraguay e Argentina.)

Para os diversos Estados brasileiros, já se pode organisar uma bibliographia indianologica especial. E' assim que para os quatro grandes Estados centraes da Federação temos os seguintes autores

dignos de consulta, entre os escriptores coloniaes, extrangeiros ou nacionaes, para o estudo das tribus, extinctas ou actuaes, de cada um delles :

Amazonas — Jesuitas João Daniel, Samuel Fritz e Christobal de Acunã; dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, La Condamine, prof. J. Barbosa Rodrigues, Domingos S. Ferreira Penna, Henri Coudreau, dr. J. M. da Silva Coutinho, Robert Schomburgh, José Verissimo, Conde Ermano Stradelli, Prof. Carlos Hartt, Prof. Orville Derby, Alfred R. Wallace, Louis Agassiz, W. Chandless, Dr. Carl von den Steinen, Henry Bates, Monsenhor J. L. da Costa Aguiar, Barão de Sant'Anna Nery, Eng.ro Torquato Tapajóz, Tenente W. Lewis Herndon, Drs. Lopes Gonçalves, Porphirio Nogueira, Estelita Jorge, Euclides da Cunha, etc.

Matto Grosso. — Barão de Melgaço (Augusto Leverger), Langsdorff, Rod. Walhneldt, Ricardo Franco de Almeida Serra, Capitão Antonio Pires de Campos, Alfredo de Escragnolle (Visconde de Taunay), P.e Nicolao Badariotti, Dr. Caetano de Albuquerque, Epiphanio de Sousa Pitanga, General Couto de Magalhães, dr. João Severiano da Fonseca, marechal Bellegarde, C.el Galdino Pimentel, General Mello Rego, Estevam de Mendonça, os citados Carlos von d. Steinen e H. Meyer, Ernest Nolte, Lacerda e Almeida, Oeynhausen-Gravenberg (Marquez de Aracaty), Ferreira Moutinho, Riedel, Rubzoff, Adriano Taunay, Hercules Florence, Castelnau, Saint-Hilaire e G. T. Milne, etc.

Goyaz. — Os citados Taunay e Couto de Magalhães, e mais o Dr. Felix Bulhões, Saint-Hilaire, Dr. Virgilio M. de Mello Franco, Frei Rafael de Tugia, Conego Luiz Antonio da Silva e Sousa, Moraes Jardim, Natterer, Principe Maximiliano, Padre Ayres do Casal, marechal Cunha Mattos, Dr. Eduardo J. de Moraes, Pohl, Castelnau, dr. João Severiano da Fonseca, Engenheiro militar Henrique Silva, drs. Luiz Cruls, Alipio Gama e Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Octaviano Esselin, James Wells, Antunes da Frota, Bispo Dom Eduardo Silva, Frei Jacintho Lacomme, etc.

Minas Geraes. — Os viajantes francezes, allemães ou inglezes do reinado de João VI e depois da Independencia: Augusto de Saint Hilaire, Principe Maximiliano Wied von Neuwied, o barão G. von Eschwege, Martius e Spix, Richard Burton, Conde de Castelnau, Victor Renault, Jorge Schieber; e outros escriptores, como J. P. Xavier da Veiga, os dois drs. Diogo de Vasconcellos, (avô e neto), dr. Joaquim Felicio dos Santos, Dr. Baptista Caetano de Almeida, Eng.ro Francisco Lobo, Pedro Silveira, Jayme Reis, Silva Pontes, dr. Aristides Maia, Gen.al Couto de Magalhães, José Vieira Couto, Alferes Luiz A. Pinto, Conde Affonso Celso, Eng.ro Antonio Olyntho dos Santos Pires, drs. Affonso Arinos, Calogeras, Augusto de Lima, Rodolpho Jacob, P.e Julio Engracio, C.el A. Borges Sampaio, Dr. Virgilio de Mello Franco, Carmo Gama; Hildebrando Pontes, Padre Carlos Peretto, etc.

Quanto aos outros Estados de norte a sul, na zona costeira, estão melhor estudados, quanto á lingua, costumes e divisão das tribus que os occupavam, primitivamente, ou nelles ainda acampam, o Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Quanto ao **Pará** — os estudos de Antonio Lad. Monteiro Baena, Dr. Joaquim Caetano da Silva, dos citados Ferreira Penna, Henri Coudreau, Carl von d. Steinen e José Verissimo; de Antonio M. Gonçalves Tocantins, dos Conegos Francisco Bernardino de Sousa e Ulysses Penafort; dr. Virgilio Cardoso, James Orton, General Couto de Magalhães, Arthur Vianna, D.r Alexandre R. Ferreira, Barão de Marajó, Raymundo C. Alves da Cunha, Dr. Emilio Goëldi, Senador Manoel Barata, Desemb.or A. Borborema, Barão de Anajás, Dr. Silva Rosado' M.me Coudreau, F. R. Katzer, etc.

Quanto ao **Maranhão** — devem ser enumerados os trabalhos dos Padres Ivo d'Evreux e Claudio d'Abbeville, Simão Estacio da Silveira, P.es Manoel Rodrigues e Luiz Figueira (jesuitas); de Bernardo Pereira de Berredo, P.e José de Moraes, Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, P.e João de Sousa Ferreira, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, dr. Cesar Augusto Marques, senador Candido Mendes, dr. Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Antonio Lobo, Dr. Antonio Henriques Leal, Parga Nina, etc.

Ceará. A terra cearense, desde a éra colonial até hoje, tem sido admiravelmente estudada, e sobre os Indios do Ceará longas referencias se encontram nos trabalhos do P.e Luiz de Figueira P.e Fernão Guerreiro, Matheos von den Broeck, Luiz Borba Alardo de Menezes; do Senador Thomaz Pompeo, Dr. Barão de Studart, professor João Capistrano de Abreo, Coronel João Brigido dos Santos, Engenheiro Pedro Théberge, Dr. Alencar Araripe, Antonio Bezerra, Desemb.or Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Rodolpho Theophilo, Araripe Junior, Pedro de Queiroz, Diogo de Campos Moreno, Barão de Vasconcellos, João Camara, etc.

Pernambuco — foi magnificamente estudado em trabalhos copiosos, que têm por autores, durante 4 seculos: o P.e Fernão Cardim, Bento Teixeira Pinto, Frei Domingos do Loreto Couto, Elias Herckmann e Gaspar Barloeus (hollandezes); Henry Koster e George Gardner (inglezes); General Abreo e Lima, Antonio Joaquim de Mello, Fernandes Gama, Drs. José Hygino, Franklin Tavora, Oliveira Lima, Clovis Bevilaqua, Alfredo de Carvalho. Pereira da Costa, Luna Freire, Arthur Muniz, Arthur Orlando, Sylvio Romero, etc.

A **Bahia** — velho centro de cultura nacional, apresenta uma admiravel bibliographia sobre o indigenismo, desde os missionarios Jesuitas do seculo 16º: Manoel da Nobrega, Azpilcueta Navarro e José de Anchieta, passando pelos escriptores Padre Simão de Vasconcellos, Frei Vicente do Salvador, Gabriel Soares, Pedro Gandavo, Sebas-

tião da Rocha Pitta, Frei Jaboatão, até chegar aos modernos: Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, João J. da Silva Guimarães, dr. Ernesto Ferreira França, dr. Braz do Amaral, Damasceno Vieira, Prof. Borges dos Reis, Xavier Marques, Dr. Nina Rodrigues, Dr. Aristides Milton, Major Salvador Pires, Bento Murillo, etc.

O pequeno Estado do **Espirito Santo** — exhibe os nomes de José Marcellino Pereira de Vasconcellos, Braz da Costa Rubim, Basilio Carvalho Daemon, Luiz d'Arlincourt, dr. Pessanha Povoa, Silva Pontes, Machado de Oliveira, Dr. Cesar Augusto Marques, Cesar de Rainville, Silva Netto, Araujo Azevedo, Alberto Rubim, Albuquerque Tovar, Barbosa de Almeida, etc.

Para o **Rio de Janeiro e Districto Federal** — para, onde ha quasi tão rica bibliographia como para Pernambuco, Bahia, Minas e S. Paulo — serão dignas de consulta as obras de André Thevet, Jean de Léry, Anchieta, Hans Staden, Conselheiro Balthasar Lisboa, Dr. Mello Moraes, Padre Ayres do Casal, mons.or Pisarro, conego Luiz Gonçalves, Varnhagen, Dr. Macedo Soares, Dr. Ladislao Netto, Dr. Teixeira de Mello, Conego Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto Dr. Moreira de Azevedo. Dr. Felisbello Freire, Dr. Ramiz Galvão Barão do Rio Branco, dr. Vieira Fazenda, Ed. Marques Peixoto, Noronha Santos, etc.

S. Paulo — conta excellente material de estudo, nos escriptos do P.e Joseph de Anchieta, de Frei Gaspar da Madre de Deos, de Pedro Taques, do brigadeiro Machado de Oliveira, Azevedo Marques, dr. João Mendes de Almeida, General Couto de Magalhães, dr. Eduardo Prado engenheiros Orville Derby e Theodoro Sampaio, Dr. Estevão L. Bourroul, drs. Antonio de Toledo Pisa e Martim Francisco, Monsenhor Claro Monteiro, José Jacintho Ribeiro, Barão Homem de Mello, dr. Americo Brasiliense, Marcellino P. Cleto, Dr. H. von Ihering, Ricardo Krone, Cesar Bierrenback, Alfredo e Lafayette de Toledo, Dr. Miranda Azevedo, Euclides da Cunha, A. Loegfren, Gentil Moura, Jorge Maia, Benedicto Calixto, Carlos Rath, Alberto Loegfren, etc.

A respeito do **Rio Grande do Sul** — envolvendo nelle a bibliographia sobre os 2 Estados do Sul, seos visinhos (Santa Catharina e Paraná), sob o ponto de vista indianologico, temos a citar os nomes do Visconde de S. Leopoldo, de Augusto de St. Hilaire, D. van Lede, Carlos von Koseritz, Dr. Blumenau, Desembargador Ermelino Leão, Dr. Sebastião Paraná, Romario Martins e Rocha Pombo, dr. Rodrigues Peixoto, J. Arthur Montenegro, Visconde de Taunay, João Henrique Elliot, Dario Velloso, Conselheiro Manoel F. Correa, Virgilio Varzea, Rud. Simch, Alfredo e Alberto Rodrigues, Drs. Zeferino da Cunha e Romaguera Correa, Padre Carlos Teschauer, Conego J. P. Gay, Graciano Azambuja, dr. Alfredo Varella, P.e Ambrosio Schupp, Octacilio Barbedo, J. Paldaof, etc.

Quanto aos outros Estados brasileiros assim como o **Paraná e Santa Catharina**, dependem historicamente de São Paulo e

do Rio Grande do Sul; assim tambem, no norte, o **Piauhy** é um satellite do Maranhão, o **Rio Grande do Norte** o é do Ceará; a **Parahyba** e **Alagoas**, têm a sua historia local em commum com a de Pernambuco: e **Sergipe** é um prolongamento historico da Bahia, de tal modo que os autores de consulta serão os desses Estados.

Obras de Philologia ou linguistica sobre os povos naturaes do Brasil

Para as linguas e dialectos selvagens ainda são os autores de resistencia—os chamados «classicos» — estes que se seguem:

P.e Joseph de Anchieta — *Vocabulario da lingua tupy* — ed. de 1570.

O mesmo — *Arte da Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil* — ed. de Coimbra, 1595. (Ha uma excellente ed. allemã de Julius Platzmann, Leipzig, 1874).

P.e Luiz de Figueira—*Arte da Grammatica da Lingoa Brasilica* — 1.a ed. de Lisboa, 1687.

João Joaquim da Silva Guimarães—*Grammatica da Lingua Geral dos Indios do Brasil*—ed. da Bahia, 1851.

(Este trabalho é uma reproducção das obras congeneres dos jesuitas Anchieta e Figueira.)

Dr. Antonio Gonçalves Dias—*Vocabulario da Lingua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas*—1857. In. tomo 17 da Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro.

O mesmo — *Diccionario da lingua tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil*—1858—ed. de Leipzig.

P.e Antonio Ruiz de Montoya (jesuita peruano, de Lima)—*Arte, Vocabulario Y Tesoro de la Lengua Guarani, ó mas bien tupi.* —Nueva edicion de Viena e Paris, 1876. (Feita pelo Visconde de Porto Seguro).

P.e Pablo de Restivo (jesuita hespanhol) — *Vocabulario de la lengua guarani.*—2.a ed. 1724.

P.e José Dahlmann (S. J. allemão)— *Estudios de las lenguas de Missiones* (segundo a versão hespanhola de Jeronymo Rojas), ed. de Madrid, 1893. (E' notavel neste trabalho a extensa citação de obras e autores sobre os indios Tupis e Guaranys.)

Dr. Carl Friederick Phil. von Martius—*Glossaria Linguarum Brasiliensium*—ed. de Erlangen, 1863. (Nesse trabalho o grande Martius estuda 68 dialectos indigenas do Brasil.)

John Luccock—*Grammar and Vocabulary of the tupi language* (No tomo 44, anno de 1881, da Rev. do Inst. Hist. Brasileiro.)

Frei Bernardo de Nantes.—*Katecismo indico da lingoa Kariris* —ed. de Lisboa, 1709.

P.e Luiz Vicencio Mamiani—*Catecismo na lingua. brasilica da nação Kiriri* -ed. de Lisboa, 1698.

Dr. Pedro Victor Renault—*Vocabulario da lingua dos Botocudos Nacnanuks e Giporocas, habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos os Santos, tambem identico ao dos Kraik-mùs, habitantes da margem do rio Gequitinhonha.* Ed. de Bello Horizonte (pelo dr. Leon Renault), 1904. Vide tomo 8.° da Rev. do Arch. Pub. Min., anno de 1903, pag. 1.095.

Eng.ro Eduardo Arthur Socrates—*Vocabularios indigenas: da tribu dos Carajás, da tribu dos Cherentes e da tribu dos Cayapós*—Rio, 1892 (No tomo 55 da Rev. do Inst. Hist. Bras.)

Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay)—*Vocabulario da lingua guarani ou chané* (provincia de Matto Grosso)—Rio, 1875. (No tomo 38 da Rev. cit. do Inst. Hist.).

Dr. Alberto de Noronha Torrezão—*Vocabulario Puri.* (algumas palavras colhidas)—Rio, 1889 (No tomo 52. Rev. cit.).

Bertonio.—*Vocabulario aimará* (dos Indios Aimarás ou «Saccos» dos confins occidentaes do Brasil e Bolivia). — Bertonio é escriptor tão reputado como Hervas, Azara, Gumilla, Raynal, Herrera, Montoya, Vargas Machuca e Rostivo, entre os escriptores hespanhoes, que se occuparam dos indios sul-americanos, de paizes confinantes com o Brasil.

Bispo do Pará (?)—*Vocabulario da lingua geral usada no rio Amazonas*—(Obra cit. no Catalogo de mans. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro).

Braz da Costa Rubim.—*Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar.* (No tomo 45, de 1882, da cit. Revista).

Dr. A. J. de Mello Moraes—*Glossologia dos indios do Brasil*, no tomo II, ed. de 1859, da *Corographia Historica do Imp. do Brasil.*

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão,—*Collecção de Etymologias de nomes brasis*, no tomo 8.° de 1846, da Rev. cit. do Inst.

(Em nota, á pag. 241 da obra e tomo citados do dr. Mello Moraes Senior, vêm uns *Breves reparos* feitos por Ignacio José Malta ás etymologias brasilicas do glossario do Capuchinho de Alijó, o dito Frei Francisco dos Prazeres).

Engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio—*O tupi na geographia nacional.* Ed. de São Paulo, 1900. (Curioso trabalho etymologico sobre os vocabulos *nheengatús* enxertados nos appellidos locaes do Brasil).

Dr. Ernesto Ferreira França—*Chrestomathia da Lingua Brasilica*, ed. de Leipzig (Brockhaus), 1859.

Dr. Karl von den Steinen—*Die Bacahairisprache* (A lingua Bacaeri ou Bacahari)—ed. de Leipzig. 1893.

General Couto de Magalhães—*O Selvagem*—ed. de 1876, Rio de Janeiro. (Este magnifico livro, escripto por ordem de Pedro II para fi-

gurar na Exp. Univ. de Philadelphia, em 1877, encerra o texto tupi de numerosas lendas indianas colleccionadas pelo autor).

O mesmo—7.ª *Conferencia para o tri-centenario de Anchieta* (estudo das raças e linguas indigenas), ed. de São Paulo, 1897.

Julius Platzmann—*Das Anonyme Wörterbuch, Tupi— Deutsche und Deutsche tupi*--ed. de Leipzig, 1900, pela casa B. G. Teubner. (Desse rarissimo *Diccionario Tupy-portuguez*, de autor anonymo, e apparecido em 1795, deo Platzmann a referida e caprichosa versão tedesca).

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. Vide no Vol. VI, annos 1878-1879 dos *Annaes* da Bibliotheca Nac. do Rio de Janeiro, a excellente traducção, preconisada como optima por Paulo Ehrenreich, do celebre manuscripto do Jesuita P.ª Antonio Ruiz de Montoya sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões do Sul. A trad. foi do *abaneenga (abaneên)* ou guarany para portuguez.

P.ª Jayme Bonenti: passa por ter dado forma definitiva ao manuscripto guarany do P.ª Montoya, que era castelhano, embora natural de Lima (sec. 18.º)

Nota: E já que nos referimos aos *Annaes da Bibliotheca Nac. do Rio de Janeiro*, cuja preciosa collecção está cheia de ainda mais preciosos e notaveis estudos sobre o Brasil e seos primitivos habitantes, diremos que o vol. VIII é rico de informações sobre a bibliographia das linguas americanas e o vol. XIV traz o celebre vocabulario indigena compilado por Barbosa Rodrigues e intitulado *Poranduba Amazonense*.

De Baptista Caetano (1826-1882) nem só existem os trabalhos já citados, como ainda : os *Apontamentos sobre o Abaneênga* (tambem chamado guarani ou tupi ; ou lingua geral dos Brasis), Rio de Janeiro, 1876, 3 vols. in 8º gr. – obra em começo estampada na rev. *Ensaios de sciencia*, e que, além de erudita, commenta os trabalhos linguisticos de João de Laet, hollandez, e de Jean de Lery, francez, sobre os Indios brasilicos ; a *Etymologia da palavra Emboaba*, na *Rev. Brasileira*, tomos 2.º e 3.º, em polemica philologica com o sr. Dr. Macedo Soares ; as *Notas Ethnographicas e linguisticas* (1882) ao livro do Jesuita Fernão Cardim sobre os Indios do Brasil ; o *Diccionario da lingua brasileira* (inedito) ; e, finalmente, o *Esboço grammatical de abaneênga* — Rio de Janeiro — ed. de 1879, no vol cit. dos *Annaes*, como prefacio á traducção do Manuscripto *Guarany* do P.ª Montoya.

Domingos Soares Ferreira Penna — *Algumas palavras da lingua dos Aruãns*. No vol. IV, 1879, dos *Arch. do Mus. Nac.*

José de Alencar — vide Annotações nos seos romances— *O Guarany*, *Iracema* e *Ubirajára*, sobre a lingua, usos e costumes dos Indios do Brasil, com eruditas observações philologicas sobre o tupi-guarani.

Da organisação de um vocabulario tupy-brasileiro

Completa intuição do seo dever tinha o Governo Imperial do Brasil, quando, em 1875, mandou organisar um methodo facil, segundo o plano de *Ollendorf*, para por elle se ensinar a liguatupi (*nheengatu'*), nas escolas do interior do paiz. Com ser a lingua mais geralmente entendida e falada pelos selvicolas, com variantes accidentaes de dialectos, o tupi tem ainda enxertado na linguagem popular dos caboclos, mamelucos, caipiras, matutos, cafusos, sertanejos, caribócas e roceiros do interior do Brasil, grande quantidade de termos e locuções indigenas. Ha muitas frases, exclamações, figuras, idiotismos e ditados na lingua do nosso povo, que vieram, directamente, do tupi-guarani. (*)

Nos centros remotos, afastados da civilisação de beira-mar, percebem-se na conversação do caipira brasileiro modos de dizer, construcções de frase inteiramente peculiares ao *nheengatú* e ao *abaneenga*. *Já* o grande indianologo Baptista Caetano dissera isto mesmo, nestas palavras: «A lingua do selvagem perdura na lingua portugueza fallada pelos descendentes dos Brasis, dando-lhe um feitio caracteristico, que distingue essencialmente essa falla brasileira da falla portugueza, não só na inflexão da voz, não só na phonetica, mas ainda no torneio grammatical e no fraseado que tem *seo que* de novo, não usado na terra lusitana, e afinal em grande numero de vocabulos de todo não portuguezes».

Ora, nestas condições, e com o excellente material já apontado nas paginas precedentes, está se impondo a urgente organisação de um Vocabulario completo das linguas indigenas mais conhecidas, ou pelo menos do tupi trasladado ao portuguez-brasileiro, nos termos e idéas correspondentes da lingua do Indio.

Como base ou programma d'esse estudo, que só deve ser tentado e levado a cabo por mais competentes do que nós — damos aqui o plano do vocabulario por secções, ao estylo dos modernos vocabularios organisados para o ensino das linguas vivas do Occidente.

I. A familia: parentesco. O homem e as pessoas. Modos de tratamento social.

II. Partes do corpo humano. Accidentes, doenças, defeitos, remedios.

III. A habitação: moveis, utensilios domesticos. Comidas e bebidas.

IV. A terra e a agua. — Designações geographicas.

V. Agricultura. Caça e pesca. Animaes e fructos.

(*) *Escreveremos*, indifferentemente, tupi ou tupy, guarani ou guarany, nesta Memoria.

(NOTA DO A.)

VI. O tempo; a numeração. Modo de contar a edade e as cousas.

VII. Substancias e corpos vegetaes e mineraes. Madeiras, pedras, metaes.

VIII. A guerra. Armas, instrumentos, embarcações.

IX. Artes: ornatos e enfeites. A industria ceramica e outras.

X. O culto, divindades, superstições, ceremonias da religião; ritos funerarios entre os Indios do Brasil.

Com um vocabulario assim organisado, especie de *Vademecum* enriquecido pelos termos e palavras mais usuaes da lingua do Indio, facil seria a catechese, approximando-se os civilisados dos pobres filhos da floresta, sem outra difficuldade maior que a de irem aos sertões do Brasil central procurar o aborigene. A lingua é o vehiculo da amisade, e com os selvicolas saber-lhes o idioma é desde logo captar-lhes a estima e a confiança.

Fazemos votos porque aproveite o nosso plano á obra humanitaria da civilisação do deserto, nesta parte do continente americano.

Passemos, pois, á materia da 29. these da Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas.

SEGUNDA PARTE

A Distribuição geographica das tribus indigenas do Brasil: sua ethnogenia.

Um escriptor nacional, o sr. dr. João Ribeiro, disse, acertadamente, que o problema da ethnologia brasilica, depois dos ultimos estudos, de origem allemã, apresenta já certos aspectos claros e definidos e pontos de apoio que se podem considerar definitivos desde já, quaesquer que sejam as lacunas que infelizmente ainda existem. Ainda modernos investigadores—entre os quaes sobresahio Martius—não poderam achar a classificação definitiva dos Indios Brasileiros; mas, em verdade, accumularam um tão grande e substancioso material de factos, que dentro de pouco tempo se tornou possivel affrontar sem excessiva timidez um ensaio de generalisação—*Hist. do Bras., no 4°. Centen.* 1900, pag. 20. Ha, em todo o caso, completa divergencia na classificação ethnologica e na distribuição ethnographica dos Indios do Brasil. Não se lançou ainda luz completa sobre o *habitat*, vida, grupos, migrações, deslocamentos, etc. de todo o gentio, existente em nosso paiz. Si se trata de classifical-o pela raça, esbarra-se com as mais desencontradas opiniões, como passamos a vêr. Alcide d'Orbigny e o nosso patricio Dr. Baptista Caetano de Almeida adoptam um só grupo ethnico para os selvagens brasilicos: o grupo *brasilio-guarany*. O Dr. A. Gonçalves Dias sustentava a divisão dos nossos Indios em Tupys e Tapuyas (não Tupys).

Couto de Magalhães, formando divergente sentir, estabelece dous grandes grupos ethnographicos para os nossos selvicolas: 1.° a *raça pura ou primitiva*, cujo typo é o corpulento indio *abaúna*, de côr acobreada ou vermelho-escura (Chavantes, Guaycurús, Mundurucús); 2.° a *sub raça* oriunda do cruzamento da *raça pura*, dando origem ás duas grandes familias—*tapuya* e *tupy*—cujo typo é o indio *abatinga*, de côr menos carregada que o *abaúna* e estatura inferior

a este. O *abatinga* representa o estadio de uma cultura mais intensa, mormente nas tribus tupys do littoral.

*
* *

Quanto á procedencia, á *fons originis* do Indio, egualmente se apartam as opiniões por correntes em dissidio. O Dr. Ladisláo Netto quer filiar, por exemplo, os Mundurucús da Amazonia a uma colonia *azteca* ou *tolteca*, vinda do paiz de Anahuac (Mexico), descendo da America Central até se installar no valle do grande rio do Norte do Brasil, *Paranã-açu* do selvagem, ou Mar Doce dos geographos. (*) Procurou aquelle illustre investigador determinar a similitude das tradições, usos, linguagem, mythos, e lendas das hordas Mundurucús com os costumes, religião, etc. do povo vassallo de Montezuma, povo aliás superior em cultura a qualquer outro agrupamento aborigene, na America pre-colombiana, como nos ensinam Zurita, W. Prescott, Bernal Diaz, e Acosta. Póde-se vêr o estudo do saudoso naturalista Brasileiro, nos *Archivos do Museo Nacional*, tomo 2.º, anno de 1877.

F. Ad. de Varnhagem (Visconde de Porto Seguro) levou o seo exaggero ao ponto de ir buscar os ancestraes dos tupys da costa brasileira entre os povos navegadores do Mediterraneo, entre os Carios da Jonia Asiatica e outros centros de origem hellenica. Está na *Historia geral do Brasil*, do eminente diplomata — o Herodoto nacional — semelhante absurdo geographico e historico (tom. I, 2.ª ed., pag. 56.

*
* *

Nem siquer ficou assentado o nome collectivo, que seria apropriado aos nossos aborigenes, como bem diz o professor Capistrano de Abreo, no *Livro do 4.º Centenario*, 1.º vol., pag. 30.

Tapuyos, Caboclos, Brasis, Bugres, Brasilienses, Botocudos, Indios: taes as designações genericas que do seculo 16.º aos nossos dias têm sido dadas ao gentio do Brasil.

E o certo é que o nome Indios, provindo de um erro geographico de Colombo, ao pensar que chegára ás Indias do Oriente, quando tocou, em 1492, na primeira terra americana, foi o que vingou. Está hoje consagrado pelo uso geral. A versão da *origem asiatica* dos nossos Indios continúa a dar tractos á imaginação dos polygenistas, que os querem entroncar na grande arvore mongolica ou amarella. Para os sustentadores da «origem asiatica» a descida das primeiras migrações se teria feito pelo hoje desapparecido Isthmo de Behring, do qual parecem constituir possiveis vestigios os cordões insulares e vulcanicos das Aleutes e outros archipelagos, entre o Alaska e o

(*) O rio Amazonas. (Nota do A.)

Kamtchatka, no começo da famosa «cinta de fôgo» do Pacifico, entre os continentes : Asia e America.

Nas névoas da historia primitiva se teria interrompido o descimento das camadas invasoras pela ruptura do isthmo, e a dispersão dos chamados *mongoloides americanos* se teria feito no sentido norte-sul, pela vastissima área territorial do Novo Mundo, de modo a ir-se apagando, á maior distancia do fóco de partida, a civilisação original, entre as camadas da extrema meridional do nosso Continente. Quanto mais para o Sul, maior bruteza, maior selvageria, explicaveis pelo afastamento, pela perda de contacto com o berço ethnico, a China, talvez. E por esse modo muitos explicam o retardamento e mesmo a retrogradação das tribus do Novo Mundo ao estado selvagem, uma vez cessadas as relações do cruzamento, as intimidades (social e religiosa) entre os antepassados mongóes e seos descendentes americanos. Só no Mexico, na America Central e no Perú ficariam, como excepções, vestigios poderosos de uma civilisação superior, de cunho asiatico (até mesmo egypcio para alguns), entre Aztecas e Toltecas, Mayas e Quichuas, Aymaras e Muyscas, etc.

Afinal, estacamos deante de theorias e hypotheses, que se prestam, admiravelmente, ás divagações dos eruditos.

As classificações de Martius e Ehrenreich

Entretanto, como já dissemos, as divergencias são mais accentuadas em materia de classificação ethnica dos selvicolas. Para o grande naturalista bávaro, von Martius, 8 grupos ou nações abrangem todos os selvagens do Brasil : 1.° Tupys-Guaranys da costa oriental ; 2.° Gês ou Crãns, grupo mais numeroso que o precedente ; 3.° Guck ou Côco, dilatados no extremo oeste até os Tutiras andinos ; 4.° Crens ou Guerengs, outr'ora esparsos pelos sertões paulistas, paranaenses e bahianos ; 5.° Parexis ou Paregis, acampados nos sertões de Matto Grosso e Pará ; 6.° Guaytacás, «corredores das florestas», que antigamente occupavam o valle do Parahyba do Sul (Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo) ; 7.° Aruak ou Aruaquis, nas mattas da região amazonica ; 8.° Guaycurús ou Lengoás, os «indios cavalleiros» de Matto Grosso e Bolivia e do «Grão Chaco», nas republicas do Paraguay e Argentina. Vide Martius, na sua já cit. e notavel obra — *Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasiliens*, ed. de 1867, em Leipzig.

O Dr. Paulo Ehrenreich, no seo trabalho publicado em Berlim, 1891, *Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasilien's nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse* (hoje entre nós divulgado pela excellente trad. de Capistrano de Abreo—«Da divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual de nossos conhecimentos»), fórma tambem 8 grupos para os nossos selvicolas, sem adoptar, porem, os nomes e a classificação de Martius. São elles:

1.º Tupy, 2.º Gê, 3.º Goitacá, 4.º Carahyba, 5.º Maipure, 6.º Pano, 7.º Miranha e 8.º Guaycurú.

E no seo mais recente estudo, publicado em 1904, nos *Archivos de Anthropologia*, de Brunswick (Allemanha), sob o titulo : «A Ethnographia da America do Sul ao começar o seculo XX» (*«Die Ethnographie von Süd Amerika am Anfang de XX sten Jahrhunderts*), assim classifica Ehrenreich os povos naturaes d'esta parte do continente, como formando 3 grandes familias linguisticas: os Tupys, os Aruaks e os Carahybas. Voltaremos depois a esta classificação de base ethnophilologica.

Interessa-nos mais vêr por agora as 4 grandes nações de indios sul-americanos, que nos parecem absolutamente distinctas e separadas umas das outras, pelos seos mythos, linguagem, costumes e até mesmo pela irreductibilidade do typo physico : a nação *Tupy ;* a *Tapuya* ou *Gê*; a *Maipure* ou *Nu-aruak ;* e a *Carahyba*, diversamente graphada *Caraiba* ou *Cariba.*

Si bem que continuem como problemas insoluveis as varias questões, que se prendem ás primitivas migrações desses povos, á sua expansão e fixação pelos diversos pontos do continente, á determinação exacta de suas zonas de influencia, no cruzamento e approximação de umas tribus para outras ; certo é, não obstante, que se póde levantar, em traços geraes, uma carta ethnographica dos povos abrangidos em cada uma dessas 4 melhores conhecidas nações selvagens.

1.ª

Os Tupys

Apparecem com varias denominações locaes, na zona do paiz por elles occupada, do sul a norte, e do littoral Atlantico para o *Hinterland* brasileiro. Eram tupys: os Tapes (Rio Gr. do Sul), o gentio Cataguá (Minas Geraes), o Carijó e o Tamoyo (Rio de Janeiro), o Temiminó (Espirito Santo), o Tupiniquim e o Tupinaen (Bahia), o Caeté e o Tábajára (Pernambuco), o Potyguara (Rio Gr. do Norte), os Apiacás, Jurúnas, Maües, Omaguas, Parentintins e Tembés (Amazonia). Mesclaram-se tupys com o indio primitivo *abaúna*, no extremo Norte do «Paiz das Palmeiras»—*Pindorama* (nome gentilico do Brasil, como queria o General Couto de Magalhães); e dessa fusão procedem Mundurucùs, Manaos e outros selvagens da região amazonica, nos rios Xingù, Tapajós e Negro.

A genealogia tupy se esgalha numa dose de tribus aparentadas, conforme nos demonstram as raizes etymologicas encontradas de modo permanente, nos appellidos collectivos.

Etymologia dos povos Tupys

Eil-os : Tupys ou Tupis— « os da primitiva raça».

Tupiniquins ou Tupina—kis (de *Tupi-nã* «parentes dos tupys» e *ki*, espinho, máo, ruim). Tamoyos (derivado de Tamuya ou Tapuya— o «avô»,—como Tabajára significa o «senhor da aldeia» e Tobajára, o «cunhado»). Temiminós são os «netos», descendentes dos Tamoyos. Guaranys (*Goára-oni* e por contracção *Goar'ani*) são «os não originarios do logar», segundo interpréta o Dr. João Mendes—ou os «guerreiros», conforme opinam Varnhagem e Couto de Magalhães. Carirys ou Kirirys são «os tristonhos», assim como os Potyguáras (Petiguares ou Potigóaras) são os «comedores de camarão». Guayanazes ou Goyanazes (*Goia-nã*) são «os parentes dos Goiá». Cayapó (de *caa-y-apó*) é o indio «salteador do matto» para o Visc. de Porto Seguro; ou «o oriundo de mattos alagadiços», segundo João Mendes. Tupinambás ou Tupinábás são os «tupys do tronco primitivo», sahidos da nação Tupy, da «primitiva geração», como já ficou dito, ou «os bons parentes».

Tupi, Tupy ou Typi procede de *Ypi*, «cabeça de geração ou primeira origem», tendo-se anteposto a letra *T* á palavra *Ypi*, de modo a fazer este substantivo reflexo de si mesmo, como é frequente na lingua *nheengatù* com varias palavras d'este idioma americano.

2.ª

Os Gês

Os Gês ou Tapuyas abrangem os indomitos Aymorés da serra do seo nome (Bahia, Minas e Espirito Santo); os ferozes Botocudos (Machaculis, Puris, Nak-ne-nuks, Malalis, Pojichás, Monoxós, etc.), na região do medio e baixo Rio Doce, nos rios Mucury e São Matheos, (entre Minas Geraes e Espirito Santo); os Cayapós, Ubirajaras ou «Bilréiros» (Matto Grosso e Bahia); os Apinagés (valle do Araguaya, entre Goyaz e Maranhão); e em geral todos os Indios Tapuyas, de rudissima fereza, genericamente appellidados Bugres, no sul do Brasil (desde Minas e São Paulo até Paraná e S.ta Catharina).

Os Gês foram sempre um obstaculo á marcha da civilisação, assolaram, na éra colonial, as capitanias de Ilhéos e Porto Seguro, ainda infestam os sertões do Mucury (Philadelphia ou Theophilo Ottoni) e os de Paranapanema, Xiririca, Baurú, Avanhadava (S. Paulo) e muitas comarcas paranaenses. Inimigos traiçoeiros dos colonos brancos, estes não poupam tambem os temiveis Bugres e ainda hoje lhes levam a guerra e o assalto, sem dó nem piedade.

Vide a nota A, no appendice, sobre algumas expedições recentes contra os Bugres, em Minas, São Paulo e Santa Catharina.

Etymologia da nação Gê

Dos *Carib* (caribas ou caraïbas) mestiçados com tupys e vivendo esparsos em *aiupas* (choupanas), longe das aldeias, provieram os Tapuyas, os «barbaros», no dizer da lingua geral. Os *Carib* aldeiados, vivendo em *ocas*, nas *tabas*, formaram o gentio *Caríbóca* (de *Cari-bóca*), segundo entende o Dr. Mendes de Almeida. Couto de Magalhães, porem, já discorda de semelhante etymologia e dá esta: caribóca (de *cariua*, «o branco» e *oc*, «tirar») é corrupção de *cariuòca*, que significa o mestiço, «tirado de branco», que tem sangue ou parte de branco com india. Tapuyas e Caribócas se confundem, e—desde São Paulo, com os Tremembés, até o Maranhão, com os Tymbiras e Guajajaras—nós os achamos esparsos pela costa: Guaitacaz ou Goytacazes, no Rio de Janeiro—(outros ethnographistas fazem do gentio Goitacá ou Waitaká um grupo aparte e nem o consideram na familia ou nação Gê); Caetés (Caá-êtes), em Pernambuco e Alagoas; Tabajaras, na Parahyba; Potyguaras, no Rio Grande do Norte. De Tapuya, convertido em Tamuya («avó»), já mostramos ter sahido a palavra Tamoyo (indios da costa fluminense, fiéis alliados dos francezes do sec. 16.° e que inspiraram ao Visconde de Araguaya o seo celebre poema («A Confederação dos Tamoyos»).

Os Tremembés (ou Teremenbés), legitimos Tapuyas, foram sempre irreductiveis inimigos dos Tupinabás e Tupinakis, o que aliás está de accordo com a historia, desde o seculo da descoberta do Brasil, da qual se vê que foram sempre inimicissimas as 3 familias indigenas: a *tupy*, a *cariboca* e a *tapuya*.

3.ª

Os Maipures

Aos Maipures ou Nu-Aruaks pertencem o gentio Chané e o Guaná (de Matto Grosso), tão bem descriptos pelo Visconde de Taunay, que dividio a nação dos Chanés em 4 tribus (Terenos, Laianos, Kinikináos e Guanás); os Nheengäibas («más linguas»), do Maranhão, e com os quaes conviveram os capuchinhos francezes de 1612—15 e o Jesuita P.e Antonio Vieira, mais tarde; os Custenáos ou Kustenáos do Alto—Xingú, no Amazonas; e os Aruãns, Manáos, Moxós, Paramaris e outras tribus da bacia amazonica.

4.ª

Os Carahybas

A grande nação Cariba, Kariba, Caraïba ou Carahyba comprehende: no Alto-Amazonas, os interessantes grupos dos Bacaerys, mansos e bravos, cuja lingua está bem estudada por Carlos von den Steinen,

o sabio explorador allemão das tribus do Xingú, nas suas expedi ções de 1884—87—88 (vide obras por nós citadas na Bibliographia); e ainda os Macuxis, os Wanás e os Crixanás, estes tão bem descriptos por J. Barbosa Rodrigues, que os estudou, na expedição de 1884. Pertencem ainda ao grupo ou nação Kariba os Pimenteiras ou Pigericuns (do Piauhy) e os Palmelas (do rio Madeira, entre Matto Grosso e Amazonas). Aqui tem inteiro cabimento uma procedente observação de Ehrenreich, quando diz: «Por nomes como Carahybas, Aruaks, Tupis, Gés, entendemos tribus *linguisticamente* aparentadas, cuja connexão foi primeiramente apurada pela analyse scientifica». O que é uma verdade—porque, em regra, taes hordas ou agrupamentos selvagens se reduzem ás *colluvies gentium*, de que já nos falava o eminente bávaro Carlos von Martius; e nessas tribus reina uma grande confusão, ethnica, quanto ás tradições, dialectos, mythos, costumes, usos sociaes etc. E' impossivel, portanto, bem classifical-as, sem um certo arbitrio.

OUTROS GRUPOS ETHNOGRAPHICOS

1.°

Os Carirys

Além das quatro nações indigenas, aqui esboçadas—dos Tupis, Gès, Maipures e Carahibas—outro grupo selvagem, já classificado, ethnographicamente, ainda existe: o dos Indios Carirys, Karirys ou Cairirys. Sua linguagem está regularmente conhecida e ha actualmente glossarios publicados no idioma Cariry. A esse grupo pertencem : os Goyanazes, Guaianazes ou Goianás, o gentio Quiririm, o Guayó, o Choró e os Tremembés, os quaes todos habitavam, na éra colonial, a capitania e hoje Estado de S. Paulo, da Serra de Paranapiacaba (Cubatão) e Campos de Piratininga para as terras do interior.

O General Couto de Magalhães bem estudou os Guayanazes, indios doceis á civilisação luso-christan e tão afamados pela mestiçagem com os brancos, donde provieram os mamelucos das «bandeiras». E Azevedo Marques, Machado de Oliveira, João Mendes, Frei Gaspar da Madre de Deos, longamente se occuparam desse gentio amigo dos Portuguezes. Ainda entroncados no grupo Cariry estavam : no norte do paiz, os Icós, os Jucás ou «matadores» e Sucurús (do Ceará) e o gentio Papanaz, o Jaicó e os Juremas, (do Piauhy), no valle do Parnahyba e sertões da Barbalha e Oeiras. Do gentio Tremembé guarda o nome uma localidade paulista, do mesmo modo que do Icó conservou o appellido bella cidade cearense.

*
* *

Excluidos das classificações anteriores—pois não são nem Tupis puros, nem Gés, nem Maipures, nem Caribas, nem Carirys—ainda se podem enumerar os antigos Indios Goytacazes, Goitacás ou Guaytacaz (no Rio de Janeiro, valle do Parahyba do Sul); os Guatós e Guaycurús ou Indios cavalleiros (de Matto Grosso); os Bororós e Carajás ou Karajás (do valle Goyano do Araguaya); os Charrúas e Minuanos (do extremo sul de Santa Catharina á Lagôa dos Patos); os Juris, Tekûmàs e Uaupés (da Amazonia, na fronteira da Bolivia); e os Trumays (do rio Xingú). E como estes—isto é, formando grupos á parte e não ainda convenientemente classificados, como já vimos ser o caso para o Goitacá ou Waitacá e para o Guaycurú—se acham os restantes grupos do schema ethnographico do Dr. Paulo Ehrenreich: os grupos Pano e Miranha.

2.°

Os Waitakás

Quanto aos temidos e bellicosos Goytacás ou Waitakás, os seos representantes puros se extinguiram ao começar o seculo 17.°; mas da bacia do Parahyba do Sul se passaram alguns delles para os valles dos rios Itapemirim, Muriahé, Pomba e Doce; e recuados sempre para as florestas, entre Minas e Espirito Santo, ahi ainda vivem mestiços de sangue goytacá e tapuya, entre os Bugres chamados Puris, Aranãns, Pancas, Catikrás, Pojichás e outros grupos, que vagueiam nas florestas do baixo Rio Doce, principalmente.

*
* *

Os Bororós e os Coroados do Araguaya, os Coropós e Monoxós (Botocudos), têm intimo parentesco linguistico e ethnico com o selvagem Waitaká. Estudando a lingua e os costumes dos Aranãns (Botocudos do valle do Mucury), quando de 1836 a 37, por ordem do Regente do Imperio, P.e Diogo A. Feijó, foi explorar os sertões desse rio, na hoje comarca mineira de Theophilo Ottoni, escreveo o Engenheiro francez Dr. Victor Renault que os Aranãns, então acampados ao lado de outras tribus irmãns, os Giporoks e os Nac-Nanuks (o nome destes quér dizer «habitantes da serra», pois acampavam na cadeia dos Aymorés), têm grandes semelhanças com os seos guerreiros antepassados, os Goitacazes. Os Macunins ou Macuinis, com os seos traços tão accentuadamente sino-mongolicos, que se diria terem esses Indios sido transportados da Asia oriental para as florestas ás margens do Mucury, Itambacury e Todos os Santos (em Minas), já não têm sangue Waitaká, e são puros Gês ou Tapuyas. Faremos aqui esta interessante observação: quando a colonisação amarella se introduzio no Mucury, pelos meados do seculo 19.°, os Chinezes se alliaram aos Macunins, em perfeita harmonia.

No Rio Doce, porém, e nos seos affluentes, como o Matipóo, o Manhuassú, o Guandú, o Piracicaba, o Cuyethé, entre o Doce e a Serra Geral dos Aymorés, varias tribus mestiçadas de Bugres e Goitacazes viviam ainda não ha muitos annos. Meio civilisados uns, em estado selvagem algumas centenas, ainda se encontram, nos Estados de Minas e Espirito Santo, exemplares desses Botocudos, das tribus dos Monoxós, Maconés, Camaraxós, Mallalis, Tocoyós, Pojichás, Nak-ne-nuks ou Nack-Nanuks, Samixúmás, e Puris ou Purys, divididos estes em Mirins e Assús. Guido Th. Marliére, Victor Renault, A. de Saint-Hilaire, o principe Maximiliano, o Conde de Castelnau, Philippe M. Rey, os Missionarios Capuchinhos dos extinctos aldeiamentos da Poaya e Figueira, e do Itambacury (Fr. Seraphim de Gorizia, principalmente) estudaram a lingua e dialectos d'esses selvagens. Faltam, porém, dados definitivos para uma bôa classificação ethnica, sob o ponto de vista linguistico.

3.°

Os Pano

Este grupo abrange muitas tribus da fronteira Oeste e Noroeste do Brasil, como os Combo (Rio Ucayale), os Cassivo, Setibo e Sipilo (do Perú), os Majoruna (do Javary), os Naua (do Alto-Juruá, no rio Chandless), os Caxinana, os Jaminana e Xanindana (das cabeceiras do Juruá, Taraucá e Emvirá), na zona do seringaes amazonicos dos territorios federaes do Acre, Juruá e Purús. Têm sido os Indios Pano e suas linguas e costumes bem estudados por Keller Leuzinger, por Ordinaire, Chandless, Lucioli, Colini, e La Grasserie, segundo nos informa Ehrenreich, no seo estudo já citado sobre *A Ethnographia da America do Sul ao começar o sec XX*, (1904).

Do grupo isolado dos Guaycurús (os famosos Indios cavalleiros do Alto-Paraguay e Diamantino, em Matto Grosso) e que se dividem em Lengúas e Mbaiá, já tratámos ligeiramente, bem como do pequeno grupo dos Minuanos, do extremo sul, recuados para o interior pelos Tapes e pelos colonos brancos (da Lagôa dos Patos para os valles do Cacequy, Batovy, e Vaccacahy) até se extinguirem de todo.

§

Daremos agora o resumo fiel das brilhantes investigações do Dr. Paulo Ehrenreich no seo mais recente trabalho ethnographico, sobre as 3 grandes familias linguisticas (Tupys, Aruaks e Carahybas) por elle consideradas como as mais seguramente classificadas, sob o ponto de vista philologico, entre os povos naturaes do Brasil.

I

A Familia Tupi-Guarany

A' familia linguistica Tupi-Guarany pertencem as tribus dos Apiacás (Alto-Tapajoz), Camayurás (cabeceiras do Xingú), Tapirapés (Goyaz). Tembés (interior do Pará), Guajajáras (valle do Tocantins, no Maranhão, e Piauhy), Oyampi (Guyana oriental), Omaguas ou Cambéba (fronteira com o Perú), Cocamas (rio Solimões), Guarayos e Papu (bacia do Madeira, entre Brasil e Bolivia), Chiriguanos (fronteira boliviana), Cainguá ou Cayuá (rio Paraguay e baixo e medio Paraná), Apiterê (Matto Grosso), Mundurucús e Mahués (valle do Tapajoz), Jurunas e Manitsauás (medio Xingù), Aruetês (cabeceiras do Xingú), Guaiaki (sueste do Paraguay) e Uámáuas (Alto-Japurá). Estes tupis estão divididos em tupis puros e impuros, e, achando-se espalhados por uma vasta área do Brasil, Paraguay, Bolivia e Guyanas, formam as tribus historicamente mais importantes e melhor estudadas desde a descoberta do Brasil até hoje. Anteriormente, já enumerámos as tribus tupìs do littoral.

Pero Vaz Caminha, Hans Staden, Jean de Lery, André Thevet, Joseph de Anchieta, Nobrega, Azpilcueta Navarro, Simão de Vasconcellos, Ives d'Evreux, Claude d'Abbeville, Ruiz de Montoya, Luiz de Figueira, Pablo Restivo. Baptista Caetano. Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues. Gonçalves Dias... têm sido os estudiosos dedicados á Indianologia tupi-guarany, fixando. grammaticalmente, o *abaneênga* e o *nheengatu'*.

II

A Familia Aruak

A' familia linguistica dos Aruaks pertencem varias tribus do Norte do Brasil, para onde vieram das Grandes Antilhas, Colombia, Venezuela e Guyanas. tendo chegado a desenvolver grande e notavel cultura (artes ceramicas, organisação social, esculptura, ensaios de metallurgia do ferro e cobre, tecelagem de fibras vegetaes, ornamentação) etc, principalmente nas Antilhas. Das linguas aruaks: o *Arnak* da Guyana, o *Baure*, o *Móxo o Anli*, o *Goajiro*. o *Manao* e o *Ipurinãn*, sómente estas duas ultimas interessam, directamente. ao Brasil. (a dos Manáos e a dos Ipurinãns). Descidos para as florestas do Rio-Mar, os Aruaks brasileiros degeneraram, tornaram-se rudes pescadores e caçadores. só usando de uma rudimentar e pequena agricultura. e perdendo o anterior desenvolvimento da civilisação insular, nas Antilhas. São tribus Aruaks: os Tainos (ilhas Lucayas e Grandes Antilhas); os Alnagês e Inyeri (expulsos das pequenas Antilhas pelos Carahybas); os Maipure (curso medio do Orenôco); os Piapoco e Baniva (da Guyana Septentrional); os Baurés) no Cauca); os Mitua (no Imrida); os Javitêros (no Ataba-

po); os Achaguá (no rio Meta, entre o Brasil e a Venezuela, na bacia do Orenôco e affluentes); os Atorai e Tarumás (Estado do Amazonas e Guyanas); os Aruãns (já extinctos, na ilha de Marajó, Pará); os Goajiro (rio Hocha e peninsula de Guayra); os Baniva (já citados, no Alto-Amazonas); os Manáos (Baixo-Rio-Negro); os Paumari, Iamamandi e Ipuruãns (no Rio Purús); as hordas descendentes dos Ipuruãns: Manateniri, Catiana, Cannamari, Canawari, etc. (nos rios Purús, Juruá e Acre ou Acquiry); os Araúnas e Catoquina (no rio Juruá, onde os indios Aruaks estão mestiçados com Tupis); os Antas, Anti ou Campas, tambem chamados Machigangas, e os Chontaquiro ou Piro (do rio Ucayale e fronteira brasilio-peruviana); os Moxo ou Muru e Bauro (cabeceiras do Madeira, no Beni Boliviano): os Parecis ou Paregis (no Alto-Diamantino, em Matto Grosso); os Mehinakú, Custenaos ou Kustenau, Xaulapiti e Waura (nas cabeceiras do Xingú, onde esses Aruaks foram descobertos e bem estudados por Karl von den Steinen, nas duas expedições de 1885-1887, e por Max Schmidt e Barão doMelgaço, no Alto-Paraguay, Estado de Matto Grosso); os Jumana, Passé, Uaimuna, Canixana (indios Aruaks de linguas bem divergentes, no Baixo-Içà ou Japurá, e que foram primeiramente descriptos por Carlos Fr. Ph. von Martius.)

III

A Familia Carahyba

A' familia linguistica dos Carahybas pertencem os famosos Cannibaes das Pequenas Antilhas, celebres pelos raptos das indias Aruaks, que conservam desde seculos o idioma original, no seio das tribus raptoras dos Carahybas insulares (tribus Calina e Calinago), formando um extranho dualismo linguistico, na America do Sul. Na Venezuela, são Carahibas: o gentio Chayma, Cumanagoto, Tamanaco (já mestiçados com colonos brancos, nos *llanos* venezuelanos): na Guyana Franceza, os Galibis e Carabisi; na Guyana Ingleza e fronteira norte do Amazonas, os Macuxi, Acawoio, Ipurokoto, Arekuna ou Arukuyaná; no Baixo-Amazonas, os Rucuyenes e Apalai; no Alto-Trombetas e Jamundá, os Pianokoto; no Rio Branco, os Marikitaré; no Jauaperi, affluente do Rio-Negro,os Crichanás ou Krichaná; no Alto-Xingú, os Arumá ou Jaruma; entre o medio-Xingú e o Madeira, os Araras; na embocadura do Rio-Negro e Baixo-Amazonas, os Bonari e Japü; no Alto-Japurá, os Caripona e Uitoto; no rio Putumayo (fronteira do Equador), os ferozes Motillon. Com um gráo de civilisação mais ou menos egual ao dos Tupis e Aruaks, os Carahibas foram bem estudados por Sapper, na Venezuela, por Von den Steinen, Barbosa Rodrigues, Henri Coudreau e Lucien Adam, no Brasil.

Coudreau e Crévaux estiveram com as tribus Rucuyennes e Pianokoto e d'ellas foi o 2.° delles o primeiro a dar noticia. Barbosa Rodrigues pacificou os Crichanás, em 1884. Adam determinou os Cara-

hibas ao sul do Amazonas: os Pimenteiras (Piauhy) e os Palmella (Matto Grosso). Ao dr. Hermann Meyer (1886) se deve o primeiro conhecimento dos Nahuquás, acampados no rio Coliseu e no Culnène.

Carlos von den Steinen, que descobrio os Bacaeris ou Bacaherys, nas cabeceiras do Xingú e no Paranatinga, filiou-os ao grupo Caraiba ou Cariba e estudando-lhes, pacientemente, a lingua (hoje tão bem conhecida, como o Carahiba insular, das Antilhas, ou como o Cumanagoto da Venezuela), publicou, em Leipzig, 1893, o seo afamado livro *Die Bacahairisprache*. A Paulo Ehrenreich, que, em 1888, esteve na bacia do Tocantins, se deve a distincção entre os Apiacás ou Apingui, de origem carahiba e refugiados no Tocantins, depois de expulsos do rio Xingù pelo gentio Suyá—e os seos homonymos, os Apiacás, de origem tupi, do Alto-Tapajoz.

Como é facil vêr, portanto, mais uma vez os allemães levam a palma, nas investigações sobre o indianismo no Brasil, calcando sobre bases scientificas os seos estudos de Ethnographia, linguistica e mythographia sobre os nossos selvagens.

§

Milliet de Saint-Adolphe, no seo *Diccion. Geogr. hist. e descript. do Brasil* (1845), 1.° vol., pags. 459 a 463, dá uma lista, muito incompleta e cheia de erros e lacunas, sobre as diversas tribus indigenas do Brasil. (*)

Vamos completar este nosso trabalho, apresentando em ordem alphabetica e com a minuciosidade possivel, segundo os nossos proprios conhecimentos, o quadro geral das tribus já extinctas ou ainda existentes, em nosso paiz.

O assumpto é interessante e tem sido descuidado. Quando dérmos a significação do nome da tribu, fal-o-hemos de preferencia na lingua geral e mais conhecida dos tupis orientaes, o *nheengatú*. E quanto aos nomes das innumeraveis tribus, que povoaram e infestaram o Brasil inteiro, do sec. 16.° ao 18.° (no sec. 19.° já andavam muito reduzidos em numero os selvicolas), tem cabida aqui uma judiciosa ponderação do sempre invocado e arguto Ehreireich.

Diz elle: «Por nomes como Carahibas, Aruaks, Tupis, Gês, entendemos tribus linguisticamente aparentadas, cuja connexão foi primeiramente apurada pela analyse scientifica. Podem ser referidos a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo. Como taes tribus de egual familia linguistica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao is lamento ou a acções extranhas

---

(*) Emquanto Milliet só enumera 168 tribus e nações de indios brasilicos, nós chegamos a referir, nesta *Memoria*, perto de 450 tribus e povos selvagens, no Brasil antigo e moderno.

(NOTA DO A.)

muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra entre estas não se conservou a consciencia do parentesco.» Vide cit. trab. *Die Ethnographie von Sudamerika am Anfang des XX sten Jahrhundertes* (*In Archiv. f. Anthrop.*, de Brunswik).

Ainda accresce que simples accidentes physicos do *habitat*, palavras isoladas e frequentes da linguagem, habitos, ornatos, etc. fazem variar os nomes das tribus numa synonimia confusa, ou em appellidos bem divergentes, como é facil observar na lista que passamos a dar dos Indios do Brasil.

Cómputo actual dos Selvagens no Brasil

Uma ultima questão. Qual o numero dos indigenas do paiz? Aqui em Minas não passarão de 10 mil os que habitam as faldas da serra dos Aymorés, a bacia do Mucury, as mattas do Baixo-Rio Doce (no Cuyethé, Larangeiras, Manhuassú) e do Baixo-Jequitinhonha (*)

Ha cerca de 30 annos o Barão de Melgaço escrevia que as 18 tribus ainda então existentes, em Matto Grosso, mal attingiriam a 25 mil individuos, em rigoroso calculo de estatistica. (**) Si para a epoca da descoberta do Brasil, o calculo da população selvagem oscilla de meio milhão a 2 milhões (Mattoso Maia, *Hist. do Br.* pag. 45)– e sendo ainda desconhecida talvez uma 5.ª parte do territorio nacional; como poderiamos bem avaliar os selvicolas que ainda vagueiam no *far-west* brasileiro, nas florestas do Brasil Central, nos valles quasi desertos do Xingù, do Purús, do Araguaya, do Tocantins, do Paranapanema, do Urupuca, do Iguassú, etc.? No recenseamento de 1872, era compu-

---

(*) Em Junho de 1908, o rev. P.e Carlos Peretto, inspector dos Salesianos no sul do Brasil, acompanhado dos Padres Antonio Dalla-Via, secretario da comitiva, Jeronymo Migliarini, J. B. Lorandi, Andre' Collie e dous irmãos leigos pertencentes á mesma congregação, snrs. João Abs. e João Polo, dirigio-se da cid. de Ponte Nova para as mattas do rio Cuyethe' (Minas), onde foi estudar o local para a fundação de colonias para a catechese dos indios, que existem naquella região do Rio Doce. Vide a rev. *Santa Cruz* (de S. Paulo), fasc. de agosto de 1908, transcrevendo nossos trabalhos sobre o Rio Doce e trazendo excellentes gravuras dos logares visitados pela comitiva Salesiana e dos Indios semi-civilisados encontrados no Cuyethe', Jatahy, Pega-Bem, etc.

(**) Muito recentemente, os Missionarios Salesianos sob.a direcção dos P. P. João Balzola e A. Malan, se entregam á catechese das tribus do Araguaya e Norte de Matto Grosso (colonias do Sagrado Coração de Jesus do Barreiro, de São Lourenço dos Coroados, da Immaculada Conceição do rio das Garças, das Palmeiras e do Sangradouro).

O rev. P.e Antonio Malan avalia (Set. de 1908) em cerca de meio milhão! os indios Bororós, Coroados, Cayapós, Bacahirys, Cajabys, Parecys, Tapanhunas, etc., que vagueiam no vastissimo territorio matto-grossense. Vide o livro *As Missões Salesianas em Matto Grosso*, 1894 - 1908.

(Notas do A.)

tada em 1 (um) milhão a população selvagem do Imperio, numero. que nos parece exaggerado.

Sob a Republica, as avaliações vão de 200 a 400 mil Indios, em estado selvagem, em todo o Brasil. E ainda são os grandes Estados do Amazonas, Matto Grosso e Pará os que possuem maior numero de tribus em estado selvagem. Maranhão, Goyaz, e o Paraná, egualmente, contam bom numero de Indios selvagens.

APPENDICE

Nota A

Das noticias aqui transcriptas, umas provam o modo deshumano porque os pretensos civilisados vão fazendo, a ferro e fogo, a *proveitosa catechese* dos Bugres, em Minas Geraes, S. Paulo e Santa Catharina; e outras revelam o bom proveito alcançado pelos meios pacificos sobre os Indios do Maranhão. Sem o estipendio dos cofres officiaes, poucos são os nucleos de catechese ainda existentes, no territorio da Republica. Mons.or Costa Aguiar (saudoso bispo do Amazonas e que era um dos egregios membros d'este Congresso—que de suas luzes como reputado Indiano logo se vio privado, pois falleceo a 5 de junho de 1905, em Lisbôa), encetou na vasta região amazonica da sua diocese a crusada civilisadora do Indio, chamando-o ao gremio christão. No Pará, poucas colonias indigenas ainda se conservam; em Minas, só a do Itambacury, mantida pelo Estado e confiada ao zelo dos benemeritos Franciscanos; em Matto Grosso, são os Padres Salesianos que cuidam da catechese; assim como, nas margens do Araguaya, os Monges Dominicanos (do convento de Uberaba, Minas) vão reduzindo, com proveito, o gentio d'aquellas remotas paragens de Goyaz, onde ha pouco perdeo a vida um dedicado catechista, Frei Gil. (*)

Em S. Paulo, começam os Capuchinhos a catechese dos selvagens do Paranapanema e do Baurú, onde foi victima do seo zelo apostolico Mons.or Claro Monteiro. Em regra, porém, extermina-se o Indio, no *Hinterland* brasileiro, como se fosse uma féra. Vejamos as noticias de imprensa a que nos referiamos. A primeira refére uma *sortida* contra o gentio catharinense, em dias de março de 1905. Eil-a:

(*) Em 1905, Frei Jacintho M. Lacomme, Superior dos Missionarios Dominicanos de Uberaba, publicou vibrante folheto, sob o titulo suggestivo de *Salvemos nossos Indios*. Ahi advoga elle a causa da evangelisação das tribus Carajas, Chavantes, Javahés, Cayapos, Apinagés, Carahos e Cherentes, das margens dos rios Araguaya, das Mortes e Tocantins, e da grande Ilha do Bananal, ao N. de Goyaz, tendo lançado a generosa idèa de se construir um navio-egreja (o *Christophoro*), para o serviço da catechese, naquellas remotas regiões do Brasil. (Nota do A.)

Nota B

Sob o titulo «Expedição contra os Bugres», o *Novidades*, de Itajahy, Santa Catharina, publicou esta edificante correspondencia:
« A turma composta de 16 homens, chefiada pelo celebre *batedor de bugres* Martinho Marcellino, morador na Angelina, que dalli viera incumbido de desempenhar essa ardua missão, internou-se no matto, no dia 4. Antes, tudo quanto era necessario para levar a effeito a difficil empresa, fôra posto á disposição do chefe e dos demais homens pelo superintendente sr. Vicente Schafer. Até ao Ribeirão do Ouro, a viagem foi feita em carroças. No dia 5, Martinho, e tres companheiros começaram a fazer reconhecimentos e a explorar o terreno, podendo certificar-se de que, não muito distante, havia paradeiro de selvagens.

Esse reconhecimento durou tres dias.

No dia 9, pela madrugada, os 16 homens embrenharam-se na matta, seguindo rumo sul, guiados pelos indicios constantes de picadas, ranchos ainda novos, á distancia uns dos outros de 4 a 5 kilometros, e por diversas abelheiras tiradas pelos selvicolas. No perimetro em que esperavam surprehender o inimigo, nada foi achado. Depois de estarem cinco dias internados no matto, tendo por vezes atravessado caudalosos braços de rios, que suppõem affluentes do Tijucas, os expedicionarios encontraram um rancho, pelos signaes ha pouco abandonado, havendo dentro d'elle um pilão e muitas hervas soccadas e o cadaver de um bugre envolvido em folhas de caeté.

Ahi a turma fez alto e Martinho, com tres companheiros, procedeo de novo a reconhecimentos, dando muito perto com dois trechos de picadas muito limpas e abertas em forma de cruz, e no ponto do cruzamento um tóro falquejado e em cada uma das faces muitas garatujas, como que desenhadas do alto para baixo e affectando a forma da letra *M* conjugada com o *N*, e escripta successivamente diversas vezes. Presentindo, perto, movimento de selvagens, Martinho subio a uma arvore, de onde descobrio grande ajuntamento d'elles, mas ao descer foi picado por uma grande Jararaca. Feito immediatamente o primeiro curativo, regressou com os tres companheiros a juntar-se com o resto da expedição, afim de tratar-se da mordedura e dizer aos outros o resultado da exploração.

Martinho, tendo observado que o numero de bugres era bem grande e que dezesseis homens eram insufficientes, conseguio mais sete companheiros no Ribeirão do Ouro, e a turma, deste modo composta de 24 homens, encaminhou-se, no dia 17, provida de mantimentos, para o ponto onde tinham sido vistos os selvagens. Mas ahi chegando, verificaram haverem elles se ausentado, tomando rumo de oeste, naturalmente por terem presentido a approximação da turma.

Dirigindo suas pesquisas nesta direcção, percorreram com mil difficuldades grande extensão de sertão, atravessando rios cheios, em

jangadas que improvisaram. A 23, depois de terem descoberto 94 ranchos rodeados por trincheiras, encontraram tambem, com espanto, grande numero de jararacas mortas, que elles dizem ser 62, como se fosse aquillo o resultado de uma caçada, e 112 abelheiras tiradas. Nesse mesmo dia, n'um faxinal immenso, sobre o chapadão denominado do Fauser, começaram a sentir os indicios de que os bugres estavam proximos. Mas, não quizeram, sem primeiro observar bem a situação delles, dar o ataque, que foi levado a effeito no dia 26, domingo, ás 2 horas da madrugada. O assalto foi assim descripto, em suas linhas geraes, por alguns homens da turma: «Devido á grande escuridão d'aquella hora, os 24 homens, para não se perderem uns dos outros, seguiam assim: o que marchava atraz levava a mão apoiada no que ia na frente, e guiava o extranho prestito o chefe Martinho, com uma vela accesa, em direcção aos ranchos, que haviam descoberto de dia. Ahi chegando, com as maiores cautelas, a um signal convencionado, deram o ataque. Estabeleceu-se uma confusão enorme: gritos, pulos, imprecações, um berreiro infernal por parte dos selvagens!» Não contam os expedicionarios, mas é facil prevêr, terem feito elles uma *boa chacina*, apoderando-se de tudo quanto existia dentro dos ranchos e de um bugrinho de 8 a 10 annos de edade. Havia grande quantidade de carne de anta e armamento.

A turma chegou a Brusque, de volta, no dia 4, depois de ter passado quasi todo o mez de fevereiro no matto. Vem radiante pelo successo obtido e traz como trophéos os objectos apprehendidos. E' interesante a relação desses objectos: cento e tantas flechas, vinte e tantos arcos, grandes e pequenos, muitas lanças de um formato exquisito, virotes, chuços, muitas ferramentas, tres saccos com rosarios, thesouras, navalhas, facas, objectos de folha de Flandres, cordas, cestos de uma factura admiravel, um cãozinho e até uma estola de padre. Ha ainda, além de outras miudezas, que não vão aqui descriptas, pulseiras, dedaes, moedas de vintem, espoletas, capsulas de cartuchos, fivellas, sendo algumas de prata, e as que se usam em *guaiacas*, aros de correntes de prata, muitas qualidades de machinismos de relogio, dentes de animaes e unhas de antas.

O pequeno bugre apprehendido parece ser da tribu dos Botocudos, visto trazer, atravessando o labio superior, uma especie de batoque» (*)

(*) Coube a um distincto escriptor mineiro, o sr. dr. Silvio de Almeida, dar o rebate em vigorosa polemica (no *Estado de São Paulo*, ns. de out. de 1908), contra o que escreveu o notavel professor allemão sr. dr. Hermann von Ihering, actual director do Museo Paulista, no vol. VII, pag. 215, da *Revista* desse Instituto scientifico. Ahi, nada mais, nem menos, se aconselha que isto:

«Os actuaes indios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como tambem nos outros Estados do Brasil, não se pode esperar trabalho serio e continuado dos indios civilisados e como os

Nota C

A segunda noticia contém sensatas ponderações do engenheiro allemão, sr. Guilherme Giesbrecht, testemunha ocular das sangrentas *razzias* feitas entre Philadelphia e Aymorés, contra os desgraçados selvicolas do valle mineiro do Mucury.

Eis o artigo do sr. Giesbrecht, trasladado do *Mucury*, da cidade de Theophilo Ottoni:

«O viajante que percorre essa immensa matta, entre as estações de Pedro Versiani e a de Mayrink, (E. de F. Bahia e Minas) talvez já tenha notado que, quando a machina sáe da estação de Francisco Sá, começa a entra em terrenos apparentemente virgens, mas que já foram habitados.

Embora se tenha notado anteriormente que a povoação já não era muito densa, aqui só se vê um ou outro morador em uma rocinha, pode-se dizer, perdido na floresta. A matta na outra margem do rio Todos os Santos, jaz então magestosa e sinistra.

Porque razão, pergunta a si o intelligente observador, estes terrenos não são aproveitados ?

As terras são boas, aguas em abundancia, bonitas cachoeiras ! Mas o olhar curioso que investiga esta verde solidão, descobre aqui e acolá capoeiras, manchas de pastagens, arvores fructiferas suffocadas pela vegetação, ruinas de toscas casinhas sepultadas na capoeira verdejante e viçosa. Vê se que aqui impéra a natureza com todo o seo explendor e força; os vestigios do homem nestes logares desapparecem debaixo da tropical vegetação. Ella rapidamente recupera o que a mão do homem tentou roubar lhe. E perguntando-se a algum pobre e raro morador porque estas terras tão ferteis, aptas para toda cultura, jazem tão abandonadas, elle responderá : «E' por causa dos bugres ! »

«São os indios que infestam estas paragens, roubam as roças, matam os animaes e a creação, saqueiam as casas e, finalmente, têm atacado os moradores e a propria conserva da Estrada de Ferro, matando mulheres e homens que o dever obriga a estar nestes logares lugubres. E' uma verdadeira lastima vêr o abandono destas terras tão ferteis, que podiam concorrer, colonisadas, para o desenvolvimento desta immensa e rica zona e para o augmento do trafego da Estrada de Ferro ! Não ha, por acaso, um meio de por termo a semelhante

---

Caingangs selvagens são um impecilio para a colonisação das regiões do sertão que habitam, *parece que não ha outro meio de que se possa lançar mão, senão o seo exterminio*».

—

Gryphamos as horriveis e deshumanas palavras, que lamentamos terem sahido da penna do douto e conhecido professor tedesco !

(Nota do A.)

situação tão dolorosa ? Trata-se de abandonar esta zona, porque o morador indefeso, com receio de ser atacado e os membros de sua familia, com a menor noticia do apparecimento dos Indios, trata logo de pôr-se longe daqui, preferindo abandonar seos haveres adquiridos com tanto esforço e com o labor e suor de seo rosto.

As perseguições á mão armada não resolvem o problema.

O indio, que desta lucta deshumana escapa, recorre a seos irmãos da tribu, que tanto mais encarniçados ficam quanto maior fôr a perda que soffrerem, embora se estabeleça apparentemente a paz por alguns mezes.

O vingativo indio não descança, emquanto não sacia a sêde de vingança! Nós temos aqui muitos e muitissimos exemplos e embora *por um colono morram dez selvagens*, os indios sempre voltam, tornando desassocegados os pobres moradores desta infeliz zona. Os indios que não trabalham, incapazes de todo esforço que exige perseverança e paciencia, temem o desapparecimento da matta pelo machado e pelo fogo e, portanto, do seo principal alimento—a caça. Cabe aqui a acção do Governo de intervir, garantindo-lhes a subsistencia. A' guisa dos Estados Unidos da America do Norte, das Republicas Argentina e do Chile, o nosso Governo não obrará desacertado, marcando-lhes uma linha divisoria, um rio por exemplo (aqui, a margem esquerda do rio Mucury), garantindo-lhes por leis especiaes a não invasão pelos colonos. A meo julgar, é o unico meio de acabar com esta situação melindrosa e afflictiva.

Chamem os Indios com meios brandos por alguns *linguas*, convocando-os para este fim, fazendo-lhes vêr a conveniencia de semelhante proposta. Não pensem que se trata de tribus de poucos individuos. A margem esquerda do Mucury, a margem direita até o rio Todos os Santos, as cabeceiras do S. Paulo, do S. Pedro e do S. Miguel, as cabeceiras do ribeirão Mestre do Campo, o rio das Americanas, o rio Pampan, no meio percurso do Mucury, e, finalmente, esta matta immensa entre as aguas do Mucury e Jequitinhonha, são povoadas por muitas tribus, embora exparsas, que constituem um constante perigo para os moradores e que são obstaculos consideraveis para a colonisação espontanea deste immenso e rico territorio, por gentes do norte, que se tornam aqui os benemeritos preparadores do terreno, os verdadeiros heróes que desbravam estas mattas, abrindo-as para a cultura e civilisação e que quasi sempre pagam as suas tentativas pela falta de conforto e de alimentos salutares, e pela absoluta falta de hygiene, com a anniquillação da saude e perda da propria vida.

Só a terceira geração, verdadeiramente, poderá gosar incolume deste clima e da fertilidade destas mattas.

E esta pobre gente ainda lucta com os Indios!

Em nome destes desprotegidos appéllo para a sabia intervenção do Governo do Estado de Minas.»

Nota D

A catechese de iniciativa official, em Minas, aponta um nome glorioso, nas primeiras dezenas do seculo 19.º: a doce figura do incançavel francez, Guido Thomaz Marliére, o civilisador dos Purys do Rio Doce, o pacificador dos Botocudos do Piracicaba, onde fundou a colonia de Petersdorff. Depois de Marliére, e á excepção de alguns capuchinhos italianos, na Poaya (aldeiamento extincto), na Figueira, ou Porto de Dom Manoel, e hoje em Itambacury (aldeiamento em pé de prosperidade), tal serviço desappareceo... por inutil! Mas vejamos a terceira noticia, muito recente (junho de 1905), e que prova a efficacia dos meios brandos e suasorios para por elles se obter a alliança dos selvagens, a sua domesticidade e amor aos brancos. Foi ella dada pelo *Jornal do Commercio*, da Capital Federal:

«Desde o inicio dos trabalhos da construcção da linha telegraphica destinada a ligar os Estados do Maranhão e Pará, em 1895, frequentemente foi o pessoal respectivo atacado por indios bravios localisados entre o Engenho Central e Maracassumé, resultando desses ataques serem assassinadas muitas pessoas empregadas naquelles trabalhos.

Para a repressão desses crimes foi improficua a reacção, quer do proprio pessoal, quer da força estadoal, parecendo antes que o seu effeito era exacerbar a ferocidade dos indios.

Em principios deste anno, entretanto, sua attitude foi bastante modificada, trocando-se o antigo processo de repressão dos ataques pelos meios brandos, para captação das boas relações de amisade, convivio e utilidade. Da vantagem colhida pela substituição da brandura á violencia é prova o telegramma que o director geral dos Telegraphos acaba de receber do chefe do districto do Maranhão, communicando-lhe que os indios, localisados á margem da linha telegraphica, no Alto-Alegre, abriram uma estrada larga e extensa da antiga para a nova residencia, e cuidam com afãn da construcção de casas para o pessoal.»

Nota E

De taes factos a unica e logica conclusão a tirar é esta: O Indio só se chega ao contacto com os brancos, com os civilisados, por meios pacificos. Violentado, perseguido, escravisado, elle reage como póde, pela vingança, pela traição. De quanto póde a brandura para amansal-os, temos um exemplo entre os bugres bravios das mattas do Rio Doce, no municipio do Peçanha (Minas), aos quaes os moradores civilisados da Figueira, de Sant'Anna do Onça, de São Gonçalo do Ramalhête, de S.to Antonio do Chonim, da barra do Suassuhy-Grande, (Acceci-açú) e Suassuhy Pequeno (Acceci-mirim), do ribeirão dos Bugres, da barra do Correntes, da Poaya e de outros pontos da extrema daquelle municipio, foram dando tantas e successivas provas de amizade e bôa visinhança, ha longos annos, até que conseguiram captar a confiança desses selvicolas e domestical-os, inteiramente, mais pela

acção do tempo e dos meios suasorios do que pelo brutal e criminoso exterminio. (*)

Naquella zona, só se encontra o bugre indomavel e inimigo de brancos, nas mattas do ribeirão Larangeiras, alem do Cuyethé; e nas solidões do Urupuca, abaixo de Conceição da Poaya.

Na ultima excursão, que fiz ao Peçanha (Agosto 1904), desejei ir á Figueira, afim de obter elementos para a organisação de um Vocabulario desses bugres do Rio Doce. Tive noticia de que alli ainda vivem alguns *linguas*, homens praticos e conhecedores de lidar o bugre, por exemplo, o sr. Adrião Fróes, no arraial de Sant'Anna do Onça, o sr. José Galdino, no povoado de Chonim, e o velho Vicente Lourenço, no Ribeirão do Aldeiamento. Tenho em meo poder um manuscripto com um ligeiro vocabulario, que me foi dado pelo sr. Cap.m Sebastião da Costa Rocha, por intermedio de Meo Pae, o Coronel Candido José de Senna.

Opportunamente, hei de publical-o, na *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, de que tenho a honra de fazer parte. Mas, fal-o-hei com melhores elementos, depois de realisar a minha projectada viagem ao Rio Doce, onde me prendem interesses de um privilegio para exploração das riquezas mineraes do opulento rio divisor dos territorios de Minas e Espirito Santo.

(*) De Avanhadava (S. Paulo) escreveram ao *Correio da Manhã*, diario carioca, esta carta, em Outubro de 1908 e cuja leitura revolta os corações civilisados e christãos :

« Tomo a liberdade, sr. redactor, de vos pôr ao corrente de algumas occurrencias destas paragens paulistas.

E' horroroso o que praticam os trabalhadores da *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil,* entre Bauru' e Avanhandava, com os pobres indios *Coroados.*

Aqui o assassinio do indio e' uma especie de *sport*, chega a ser mesmo uma divertidissima caçada para os referidos trabalhadores.

Ha dias, na occasião em que os miseros *Coroados* realisavam um casamento, segundo o seo rito, ao que affirmam os entendidos, foram vistos pelos trabalhadores da Estrada, que, a tiros de carabina, assassinaram homens, velhos, mulheres e creanças, poupando tão somente a vida de uma jovem India, de quem abusaram da maneira mais indigna, commettendo em seguida uma serie de scenas de vandalismo.

Isto não e' justo, e o nosso Governo bem podia tomar uma providencia para que não continuasse o massácre dos *Coroados*, que são, finalmente, os verdadeiros donos destes sertões que exploramos, evitando assim os assassinatos e barbaridades, que venho de relatar-vos.

Terminando, eu vos direi que por varias vezes me tenho encontrado em face dos *Coroados*, sem lhes fazer mal, e sem ser atacado pelos mesmos. E, estou certo que, se não fosse esse regimen de terror, os *Coroados* facilmente chegariam á fala, trocando dest'arte o arco e flecha pela enxada e pela picareta dos trabalhadores da estrada.

Sem mais, peço-vos desculpar-me e lanço sob a vossa protecção esses infelizes. »

TERCEIRA PARTE

NOMENCLATURA

DAS

Principaes tribus do Brasil, quer das extinctas, quer das ainda existentes no nosso paiz

Lista, por ordem alphabetica, das principaes tribus do Brasil, quer das extinctas, quer das actuaes.

A

Ababás.—Indios do Estado de Matto Grosso, citados por Milliet de Saint-Adolphe, no seo *Dicc. Geogr. do Brasil.*

Abatiras.—Tribu extincta, no Estado da Bahia, segundo Ignacio Accioli.

Abipones.—Gentio Guaycurú dos sertões de Matto Grosso, cuja tribu foi muito bem estudada pelo allemão Debritzhoffer.

Acawoios.—Indios de origem carahiba, entre a Guyana Ingleza e o Brasil.

Aconãns.—Tribu Cairiry, no Baixo S. Francisco (Pernambuco).

Acroás.—Tapuyas de Goyaz, no Rio Corrente, affluente do Paranahyba. Indios muito valorosos e amansados no sec. 18.°

Acroás-mirins.—Tapuyas ou Gês, no extremo Norte de Goyaz.

Aicás.—Ferozes indios amazonicos, do rio Uaracá.

Aimborés.—Corruptela do nome Aymorés ou Aimbirés—indios tapuyas da serra dos Aymorés, nas fronteiras dos 3 Estados de Minas, Bahia e Espirito Santo.

Akuêns.—Nome porque são tambem conhecidos os Chavantes, de Matto Grosso.

Amadu's. — Indios goyanos do valle do Araguaya; são de indole mansa como os Carayás da Ilha de Sant'Anna, seos visinhos.

Amanazés.—Selvagens do Maranhão, de origem Tupinambá.

Amapurús.—Indios do Piauhy e Maranhão. Tambem se escreve: Anapurús.

Amoipiras.—Chamados pelos Guaranys de «amboipiri» ou «povo da banda de além». Tambem Amoipiras, segundo Varnhagem, equivale a «parentes afastados».

Ambuás.—Tribu do Estado do Pará, catechisados, na margem esquerda do Baixo-Amazonas.

Ammaniús.—Indios paraenses, de origem tupinambá, valle do rio Mojú.

Anacés.—Indios do antigo Ceará, na serra de Ibiapaba. Anacés significa «quasi parentes».

Anambés.—Tribus tupys do Araguaya e Baixo-Tocantins, no Pará.

Anapurús.—E' a mesma tribu Amapurú, no Piauhy e Maranhão.

Andirás.—(os «morcêgos») Indios de tez clara, margens do rio Tapajoz. São noctivagos, nas suas excursões e correrias; d'ahi o nome d'essa tribu amazonica, em lingua tupi.

Anetês.—Tupys impuros do rio Colysêo, Amazonia. Estudados pelos viajantes allemães Herrmann Meyer, Max Schmidt e C. von den Steinen.

Antas.—Povo da tribu tapuya dos Tapiranás, na região do rio Tocantins.

Antis.—Indios descidos dos Andes para a fronteira leste do Perú, na região do Madeira (Cayrari), limites com o Brasil e espalhados pelo Amazonas e Guyanas, onde, crusando-se com os Tupis, os Antis deram origem aos Guaranis, segundo João Mendes. Ercilla, Garcilaso de la Vega e Hervas derivam o nome Antis do nome da cordilheira andina.

Apalai.—Carahybas do extremo Norte do Brasil, região das serras de Parima, limites com a Guyana.

Apantos.—Povos tupis do Brasil, segundo R. Southey, que não dá a localisação de taes Indios.

Apiacás, ou **Appiacás**.—Indios caçadores e pescadores da bacia do Tapajoz e do Alto-Tocantins, no rio Arinos, E. do Matto Grosso, extendendo se as malócas dos Apiacás pelos valles do Juruena, Tapajós e Amazonas. Estudados pela expedição Langsdorff, que observou falarem os **Apiacás** a lingua guarany e não o tupi.

Apinagés, ou **Appinagués**.—Tribus do Goyaz, nos valles do Araguaya e Tocantins. Bellos typos de indios guerreiros, descriptos pelo sr. Oscar Leal, em seo livro—«Viagens pelo centro do Brasil.»

Apinguis.—Tribus do Alto-Tapajoz, havendo outra tribu Apingui, no Tocantins, conforme nos diz Ehrenreich.

Aponegicrãns (ou «os maiores Aponegis»).—Tapuyas do extremo N. de Goyaz, mistura do tribus Gês e Aponés.

Araés.—Grande tribu, quasi extincta, em Goyaz, no rio das Mortes, valle do Araguaya.

Arakuãns.—(Os «jacús pequenos») Temiveis tapuyas da Serra dos Aymorés, entre Minas e Bahia. Foram visitados em 1837, pelo francez Victor Renault.

Arárás.—Tribu carahyba entre o Médio-Xingú e os rios Madeira e Tapajóz, nos Estados do Pará e Matto Grosso. Pertencem ao grupo de Indios da «Mundurucania», nome dado á região amazonica occupada pela nação Mundurucú.

Aranhis.—Indios da região Amazonica, já extinctos, bem como os seos aliados, do Rio-Negro, os Caicaizes e Guanarés.

Ararikunás ou **Aricunás.**—São os indios caraibas do Rio Branco, tambem chamados Arekunás.

Aranânes.— Tribu das mattas do municipio de Theophilo Ottoni, em Minas. E' gentio alliado do Pury.

Ararys ou Ararés.— Extinctos : viviam outr'ora nas vertentes da serra da Mantiqueira, em Minas Geraes, no seculo 18.º Foram batidos pelos Croatos dos rios Pomba e Chopotó.

Aranás.— Tribus de indios Botocudos do valle do Mucury, em Minas. Da mesma origem tapuyá que os Aranânes ou Aranãns.

Aracis. – (Aracy, «o sol » ou «o orient ») Em Sergype, no seculo 17.º, havia uma horda Tupinambá com este nome.

Araunas.— Tribu de Indios mestiçados (sangue Aruak e Tupi), no rio Juruá, Amazonas.

Arekumas. Arukuyanas ou **Aricumas.** – Tribu indigena, de origem carahyba, do Alto Rio-Branco, no Amazonas; na fronteira da Guyana Ingleza. Vide Ararikunás.

Arinos.— Indios das margens do rio de seo nome, em Matto Grosso.

Aroás.— Indios do Estado do Pará, provavelmente de origem Aruak, como indica o nome da tribu.

Aroboyares. – Horda tupi, citada vagamente por Southey.

Aruans.— Povo selvagem da Ilha de Marajó, no Pará, e cuja civilisação artistica está revelada nos ceramios de Pacoval, Santa Isabel e outros, estudados por Domingos Soares Ferreira Penna, sob o ponto de vista linguistico. Vide vol. IX, 1879, dos *Archivos do Museo Nacional.* E' povo selvagem já extincto, pois Ferreira Penna só conseguio vêr, em Marajó, um ultimo Indio Aruãn, bem edoso.

Aruaks. – Tambem chamados Aruakis, Aranaks, Aruaquês e Aruaquis ou Aruaquys, Aróas ou Aroaquis. Estes Indios até o sec. 17.º dominaram no Amazonas, do Rio-Negro ao Rio Branco, até á Guyana Ingleza, campos do Pirara, Tacutú, etc. São ferozes inimigos dos Tarumás ; e sendo de origem Nu-Aruak, os seos restantes descendentes vagueiam no Baixo-Rio-Negro, odiando ainda o gentio carahyba, seo inimigo de raça, na Amazonia.

Atabás.— Selvagens de Matto Grosso, pouco conhecidos.

Atorais.— Estes Indios são de origem Aruak, ao norte do Amazonas.

Aturaris.— Indios de origem Aymoré, nos Estados da Bahia (rio Santa Cruz) e Rio Grande do Norte (Piranhas).

Aturahiós. – Indios amazonicos do Rio-Negro.

Auetês. – Indios da familia tupi, nas cabeceiras do Xingú e rio Coliseo. Escreve-se tambem Aruités.

Aymorés. – Temiveis selvagens de origem tapuya ou gê, que no sec. 16.º assolaram as capitanias de Ilhéos e Porto Seguro, e

ainda hoje, acoutados na Serra dos Aymorés, perseguem os moradores das visinhas comarcas de Theophilo Ottoni (Minas), Caravellas (Bahia) e São Matheos (Espirito Santo). E' gentio bruto e indomavel. A nação Tapajó foi a vencedora dos implacaveis Indios Aymorés, cujos descendentes sobrevivem desde o sec. 16.º até hoje, nas Mattas dos rios Mucury e Jequitinhonha e nas faldas da serra do seo nome, como já ficou dito.

B.

Bacaerys.— Tambem chamados Bacahirys, Bakahiris, ou Bacaeris. Indios cuja lingua foi muito bem estudada pelo explorador allemão Dr. Karl von den Steinen, (1884—1888) e vivem nas cabeceiras do rio Paranatinga, no rio S. Manoel (Matto Grosso) e na região do Xingú (Matto Grosso). São de origem cariba ou carahyba. A commissão allemã de C. von den Steinen e H. von Meyer arrecadou para o Museo de Berlim admiraveis collecções de armas e ornatos dos Bacaerys.

Bacurés ou **Goacurés.**—Selvagens de origem Guaycurú, em Matto Grosso. São tambem chamados Baccuris e vivem nas margens do rio Arinos. Os Guacurés vivem tambem no Rio Negro.

Banibas.— Indios da Guyana e norte do Pará. O mesmo que Banivas, sugundo escrevem certos autores. Vide: Banivas.

Banivas.— Tribu Aruak do Alto-Amazonas, vinda das Guyanas. Os Banivas ou Banibas vivem no valle do rio Ixié e na Guyana Septentrional.

Barbados ou **Barbudos.**—Antiga nação selvagem de Matto Grosso (no Sipotuba), dos famosos Encabellados, que, como os Guaribas (do Amazonas), se faziam mais ferozes no aspecto pelos cabellos crescidos. O General Mello Rego, entretanto, affirma que os Barbados do rio dos Bugres, affluente do Paraguay, acima de Sipotuba, usam de longas barbas ficticias, feitas com tranças de cabellos de suas mulheres.

Barés.— Indios de origem Nu-Aruak, entre o Brasil e a Colombia e na região das Guyanas, fronteira norte do paiz.

Baure.— Gentio boliviano, que faz correrias pelo Alto Madeira, no Brasil, e no Baixo-Mamoré. Os Baures são de origem Nu-Aruak, como os já citados Banivas e Barés.

Bilrêiros.— Nome dado pelos portuguezes aos Cayapós, (por causa dos grandes porrêtes com que andavam armados estes Indios). Os povos tupis appellidavam os Cayapós de Ibirájáras ou Ubirajáras. Estes Indios faziam correrias nos sertões confinantes da Bahia e Goyaz até Matto Grosso. José de Alencar immortalisou os dous ap-

pellidos indigenas: «Ubirajára» e «Guarany», nos seos famosos romances indianos, que têm esses nomes.

Birapaçárapás. — Indios do Sertão [de Matto Grosso, até hoje pouco conhecidos.

Bonaris. — Indios carahibas, da embocadura do Rio-Negro (Baixo-Amazonas.)

Borórós.—Indios da região entre o Alto-Paraguay e as cabeceiras do Araguaya (Matto Grosso e Goyaz). Os Cabaçaes do Alto-Paraguay, os Bororós mansos do rio Cuyabá os Bororós-Coroados de Goyaz, provêm todos da nação Bóróró.

Os destemidos Bororós-Coroados das cabeceiras dos affluentes e de todo o valle do rio S. Lourenço (em Matto Grosso), raspam os cabellos em torno da cabeça e deixam no alto do craneo um monte ou corôa de cabellos durissimos e espetados; dahi o seo nome de Indios Coroados. Foi com o auxilio dos Borórós que os Paulistas subjugaram, em Matto Grosso, na primeira metade do sec. 18.º, as tribus dos Araés e dos Cayapós. Estão sendo catechisados pelos Salesianos.

Bororós-Coroados. — Indios meio civilisados e caçadores (de Goyaz e Matto Grosso), no valle ou cabeceiras do Araguaya, no Alto-Paraguay e no Cabaçal. Sob a catechese dos P. P. Salesianos, actualmente. (Vide Bororós).

Botocudos.— (por causa do batoque, «tembetá» ou «metara» de ossos, seixos e pedras de côres, nos labios). Nome por que em Minas Geraes e outros Estados se designam os selvicolas. Os de Minas têm sido bem estudados por A. Saint-Hilaire, Diogo Per.ª de Vasconcellos, Hermenegildo Barbosa, Jorge Schieber, Victor Renault, Martinot e outros.

Bucobu's.—Indios do Maranhão. Vide o nome Bùs.

Bugres ou **Burungs.**— Designação generica das hordas e tribus Gês ou Tapuyas do sul do Brasil, conforme a classificação dos sabios allemães, Carlos Fried. Phil. von Martius e Carlos von den Steinen. Dominam os bugres em Minas Geraes, Espirito Santo e Bahia, nos valles dos rios Doce e alguns de seos affluentes, Mucury, Itambacury e Jequitinhonha, e tambem em S. Paulo (Tieté, Paranapanema), Paraná e S.ta Catharina, da Serra do Mar para o interior.

Soffrem ahi constante assalto dos brancos, em vindicta e desforra das correrias e depredações, que, a seo turno, effectuam os Indios nas terras aposseadas e desbravadas pelos colonos. Vide *Appendice*, nota A, in-fine, e seguintes.

Burungs. — Nome correspondente ao de Bugres, na pronuncia carregada dos colonos allemães, em Santa Catharina, segundo refere Capistrano de Abreu, lo cit. *Liv. do 4.º Cent. do Bras.*

Bus.— Indios que, antigamente, existiram no Maranhão; eram de origem tapuya, ou caribeus, e delles ainda descendem, conforme

Buscaleoni e Ehrenreich, os indios Bucóbús, ou Temembús, naquelle Estado do Norte do Brasil.

C

Cabaçáes.— Tribu do Estado de Matto Grosso, no rio Cabaçal, affluente do Paraguay, proveniente de um ramo da nação Bororó, ido para o Alto-Paraguay.

Cabaibas.— Indigenas de Matto Grosso, nas margens do rio Arinos.

Cabixis.— Indios do valle do rio Cabixi (Alto-Guaporé) e que, em 1877, assolaram e destruiram alguns arraiaes da ex-provincia de Matto Grosso. Os Cabixis se dividem em Cabixis bravos (ao norte de Villa-Bella) e Cabixis mansos, nas cabeceiras dos affluentes do Guaporé. A distincta senhora brasileira, D. Maria do Carmo de Mello Rego e seo marido, o General Mello Rego, dão noticias desses Cabixis; bem assim, o dr. Caetano de Albuquerque, na sua *Chorogr. de Matto Grosso.*

Cabirés.— Indios de Matto Grosso, na comarca de Villa Bella, valle do Guaporé.

Cadiuéos.— Tribu do Estado de Matto Grosso, bem descripta por Taunay, que nas *Historias Brasileiras*, tambem cita os Beaquiéos, pag. 140.

Caetés.—(Cahetés, Caethés ou Caytés)—Estes tupis dominavam mais de 100 legoas da costa, desde Penedo, na foz do S. Francisco (Alagoas), até a Parahyba do Norte. Devoraram o 1.º bispo do Brasil, D. Pedro F. Sardinha e muito deram que fazer aos donatarios de Pernambuco, desde os tempos de Duarte Coelho (sec. 16.º).

Cahãs.— (*Caa-an* — o homem do matto) — Tribu do Estado de Matto Grosso, nos rios Escopil, Iguatemy e Miamaiá. São Indios agricultores e mansos.

Cahiapós ou **Cayapós.**— Tambem chamados Bilrêiros pelos Portuguezes. Indios do Alto-Araguaya, em Matto Grosso. Além do que sobre elles dissemos (vide Bilrêiros), ajuntaremos que foram bem estudados pelo brigadeiro J. J. Machado de Oliveira.

Caicaizes.— Indios Tupis do Amazonas e que com os Aranhis e Guanarés formavam algumas missões do rio Negro, no seculo 18.º

Caingangs.—Indios entre São Paulo, Matto Grosso e Paraná, muito bem estudados pelo dr. Hermann von Jhering, Dir. do Museo Paulista do Ipyranga.

Cainguás ou **Cayuás.**—Tupis de Matto Grosso, no rio Paraguay e baixo e medio-Paraná.

Caióvas ou **Caiuvás.**— Tribu tupi do Matto Grosso, simplesmente mencionada por Sainte-Adolphe, op. cit.

Cairiris, Cairirys ou **Carirys.**—Vide o nome Kiriris, onde damos a descripção desses Indios do Norte do Brasil.

Camacans ou **Kamaquãns.** — Tribu Gê ou Tapuya, extincta, no Rio Gr. do Sul. Camacãns ou «cabeças enroladas». Ha no Estado do Rio Grande uma cidade : S. João Baptista de Camaquan.

Camaraxós.— Tribu extincta da Bahia, entre a serra de Aymorés e os Ilhéos, na costa.

Camayurás. — Tribu tupi descoberta, em 1887, por C. von den Steinen, nas cabeceiras do rio Xingú.

Cambévas ou **Cambivas.**— Tribu do Pará, até hoje mal conhecida.

Cambébas, Cambébùs ou **Omaguas.** — Tribu tupi da nossa fronteira com o Perú e que nada tem com os anteriores Cambévas paraenses, embora quasi homonymas as duas tribus.

Camés.— A' nação Camé e á dos Caingang se dá o nome collectivo de Coroados, que são os Bugres de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Vide Bugres e Burungs.

Camecrans ou **Camicrâns.**—Estes são os selvagens maranhenses do grupo dos Cran, que ainda abrange naquelle Estado (Maranhão) os Pocamekran, os Macamekran e Aponegicran.

Canamarés.— São Indios do Rio Negro, Estado do Amazonas.

Canarins. — Gentio de origem Goitacá, no rio Caravellas, (Bahia) antigamente.

Canikrans.—Selvagens de Goyaz, do grupo dos Crãns ou Guerengs; vivem no Araguaya e Tocantins e se chamam Camecrans, no Maranhão.

Canéllas.— Tribu gê ou tapuya do Maranhão colonial, onde ainda hoje restam selvagens della descendentes, os Acobú ou Gamella, os Timbira ou Canella, etc.

Canoeiros. — Indios do Alto-Araguaya, em Goyaz e Matto Grosso.

E' nome generico, dado aos selvagens que navegam os rios em *pirogas*, *ubás* e *igaras*. Assim os Carayás, ou Iguarùnas, os Tocantins e os Chavantes.

Canixanás.— Selvagens Nu-Aruaks do rio Içá, no Amazonas, na fronteira de Noroeste do Brasil.

Cantários.— Indios de Matto Grosso, fronteira Boliviana.

Capepuxis.— Indios de Goyaz, na região do Araguaya.

Capoxós—Indios Goitacazes e que outr'ora dominavam a região sul da Bahia e norte de Minas.

Caractês—Indios do Maranhão, talvez tapuias, como os Caragés, Caractagés e outros.

Carajás ou **Karajás**— Tribu da margem dir. do Araguaya e no Xingú, sendo que no Pindaré (Estado do Maranhão) vivem os chamados Carayás, no valle do Mearim.

Caracahys—Indios bravos do Mearim, no Maranhão, Estado onde ainda hoje é grande o numero de selvicolas não catechisados.

Caragês—Indios do Maranhão, muito semelhantes aos Caraetês. Os Pes. Ivo d'Evreux, Claudio d'Abbeville e Antonio Vieira, Berredo, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e o dr. Cesar Marques bem estudaram os selvagem Maranhenses.

Carahós—Indios dos sertões do Maranhão, citados por C. Hartt, em um trabalho sobre Ethnologia, nos «Archivos do Museo Nacional».

Caractagês—Indios do Maranhão, de provavel origem tapuia, como os Caraetês e Caragês.

Caraiays—Indios amazonicos, inimigos irreconciliaveis da tribu dos Manáos, no baixo Rio Negro e na Guyana. Escreve-se, indifferentemente: Cariays, Caraiays ou Carahiahys.

Carajá—is—Tribu Cayapó do Araguaya, referida por Couto de Magalhães, n'*O Selvagem*.

Carahibas (Caraibas, Caribas ou Carahybas)—Grupos de indios, que dominavam as Guyanas, a costa norte da America do Sul e as Antilhas, constituindo uma familia linguistica bem estudada por Sapper, Carlos von den Steinen, Max Schmidt, Ehrenreich e outros ethnologos allemães.

Carahiahys—Indios do Estado do Amazonas, na margem esquerda do Rio Negro, região Guyanica. Vide Caraiays.

Carapotós—Indios Cariris, do Estado de Alagôas. Foram catechisados, na serra do Communati.

Carayás—Tapuyas do valle do Xingú e tambem em Goyaz e Maranhão, na região do Araguaya. Chamam-se tambem Carajás. Acampam á marg. dir. do Araguaya e no Pindaré. Vide nome Carajás.

Caribócas—Caboclos mestiçados de indios e brancos. De *cariúa* e *óc*: quer dizer «tirado do branco»; ou de *Carib* e *oca*: quer dizer—o «cariba aloeiado».

Carijonas—Indios carahibas do Alto-Japurá, na Amazonia.

Carijós—Estes indios no sec. 16.° dominavam 70 legoas da costa, desde Cananéa até a Lagoa dos Patos, e o interior de Santa Catharina e Rio Gr. do Sul. Os Carijós resultaram do cruzamento dos indios Goiá com os Cariba ou Carib, além do Amazonas, d'onde emigraram para o sul do paiz.

Carinás—Indios de côr quasi branca: vivem na Amazonia.

Cariócas (**de Cariu-óca**)—O mesmo que Carijós. Carióca é contracção de *Caribóca* e ficou appellidando o gentio Carijó da costa fluminense (bahia de Guanabara e Nychteroi), no sec. 16.°

Caripainas—São indios do grupo Pano e não Tupi: habitam a região média do rio Madeira.

Caripúnás—Estes indios e os seos affins, Cericúnas e Tarumás, vivem esparsos na bacia amazonica, região do Norte (Rio Branco).

Cariris, **Carirys** ou **Kariris**—Indios do antigo Ceará. Escreve-se tambem o seo nome assim: Kirirys (significa os «tristo-

nhos»). Sua lingua é conhecida. R. Southey os chama Cararins, da serra da Ibiapaba. Vide os nomes: Cairiris e Kiriris.

Cataguás – Temiveis indios da região do centro, oeste e sul de Minas (*Catú auá*, gente boa), nos seculos 17.° e parte do 18.° Muito deram que fazer aos bandeirantes paulistas. Esses indios Cataguá, descendentes de uma das hordas Tremembés, que do Jaguaribe (Ceará) vieram ter ao sul do paiz, nos valles do Alto-São Francisco e Rio Paranahyba (entre Goyaz, Minas e São Paulo), foram os dominadores temidos da região das Minas Geraes, aquem do planalto da Mantiqueira. Os paulistas das bandeiras e os indios de alem da Mantiqueira, em S. Paulo (valle do Parahyba do Sul), eram para os ferozes Cataguá a gente ruim e inimiga (*Puxi-auá*); porem os sertanistas queriam romper o paiz encantado do ouro, e, com o auxilio da nação Tremembé, foram repellindo, no sec. 17.°, os selvagens Cataguá do Sul (Sapucahy e Rio Grande) para Oeste de Minas, (Rio das Mortes, Piumhy, Tamanduá, Abaeté). Uma bella cidade da matta mineira, Cataguazes, e um logarejo do municipio de Prados, perto de Lagôa Dourada (Cataná) guardam a memoria dos bellicosos indios Cataguás, dominadores do territorio de Minas, na epoca das primeiras invasões paulistas (sec. 17.°). A capitania mineira chegou a ser chamada «Minas Geraes dos Cataguás».

Catanisis—Indios Nu-Aruaks, das margens do Joary e Juruá, na Amazonia.

Catauxis ou **Catauhixis**—Tribu do Estado do Pará, outr'ora nas margens dos rios Madeira, Coary e Purú ou Purús. São ichtyophages e passam mais tempo embarcados do que em terra.

Catianas—Tambem chamados Manatenerys, vivem no Alto Purús (Amazonas).

Catukinas—Selvagens do grupo Nu-Aruak, no rio Purús. Escreve-se tambem Catoquinas.

Caverres – Indios do Orenoco, estudados por Gumilla, Herrera e Hervas. Ficam entre Venezuela e o Brasil.

Cayapós—Indios da região do Araguaya e de Matto Grosso, Goyaz e Bahia. Foram bem estudados pelo brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. São os mesmos Bilreiros ou Ubirajaras. Vide os nomes: Bilreiros, Cabiapós, Ibirajaras ou Ubirajaras.

Cayuás—Indios do Paranapanema, estudados por Mons^or^. Claro Monteiro do Amaral. Vide seo livro—«Usos e costumes dos indios Guaranys, Cayuás e Botocudos». Mons^or^. Claro Monteiro morreo nos sertões do Baurú (S. Paulo), victima dos indios, em 1900.

Ce?icunás—Indios amazonicos, muito perseguidos pelos ferozes Muras. Vivem na bacia do Rio Branco. Já estão bastante reduzidos em numero, como em geral acontece a todas as tribus amazonicas, cada uma das quaes mal excede de 100 individuos.

Chacriabás ou **Chicriabás** — Dominavam na Bahia, Pernambuco e Goyaz, onde eram inimigos encarniçados dos Acroás.

Chambioás ou **Xambioás**—Indios muito bellicosos do Baixo Araguaya. São de nação Carayá e pertencem aos Gês do Brasil Central. Couto de Magalhães com elles conviveo, no Araguaya.

Chamococos—Selvagens do Matto Grosso, na fronteira boliviana, com o departamento de Sta. Cruz de la Sierra. Vagueiam os Chamocôcos (do grupo Guck ou Côco, de von Martius), entre Bahia-Negra, Albuquerque e Corumbá.

Chanés—Tribus mansas em Matto Grosso, de uma só nação, porém divididas em 4 povos: Terenos, Layanos, Kinikinâos e Guanás, segundo Taunay, que com elles conviveo. em 1865.

Charrúas—Indios Tapuyas do Sul, que dominaram, nos seculos 16.° e 17.°, toda a costa desde a Lagôa dos Patos até o Iguassu (Rio da Prata). Ainda existem em Goyaz. Constituem os Charruas um grupo ethnographico aparte, nas tribus do Brasil, conforme opinam alguns ethnologistas, que não os consideram de origem Tapuia ou Gê.

Chavantes ou **Akuens**—Indios de Goyaz, na parte central deste Estado, entre o rio Manoel Alves Grande e o Tocantins. Esses arrojados indios Canoeiros ou Chavantes discorrem ainda pelos visinhos sertões do norte goyano e sul do Maranhão. Vide o nome Akuens.

Cherentes ou **Xerentes**—Indios guerreiros do Araguaya, em Goyaz, entre os rios Preto e Maranhão.

Chicriabás. – Tapuyas do baixo São Francisco, antigamente, desde a Bahia até Pernambuco. Vide Chacriabás.

Chimanos.— Tribu tupi da Amazonia, no rio Javari (ant. Hiabari), na marg. direita do Amazonas. São dos tupis occidentaes.

Chirianás.— Estes Indios amazonicos vivem nos rios das Coêiras e Mamuméo. affluentes do Demeúne, no Uaracá.

Chiriguanos.— Indios da região do Alto-Madeira, entre o Brasil e Bolivia, no Rio Beni.

Chorós.— Indios do Ceará, do grupo dos Kiriris (os «tristonhos»). A elles se referem Figueira, Moreno, Alencar, Studart, Brigido e outros chronistas do Ceará.

Cocamas ou **Kocama.** — Indios do rio Solimões, na fronteira com o Perú.

Cocorunas.— Indios do Pará, na fronteira do Estado do Amazonas. Extinctos.

Coerunas. — Indios do grupo Miranha, segundo Ehrenreich, no rio Japurá, na Amazonia.

Coroados ou **Croados.** – Selvagens bellicosos em Matto Grosso, no Araguaya, e no Paranahyba, entre Minas e Goyaz. No rio S. Lourenço, na margem direita, fundou-se ha annos uma colonia para a catechese dos Coroados. Parece que os celebres indios Croatos (das Minas Geraes, sec. 17.° e principios do 18.°) d'elles procediam.

Coropós.— Indios de origem Goitacá e que até principios do sec. 19.°, dominavam, em Minas, os sertões dos rios Pomba e Muriahé, ao sul, Mucury e Jequitinhonha, ao Norte.

Coropoxós.— Dominaram em Minas e Bahia, sec. 18.° Extinctos. Eram descendentes do gentio Goitacá os indomitos Patachós os Corcpoxós, os Croatos ou Coroados, os Coropós, os Camaraxós e outras tribus entre Minas e Bahia.

Cotoxós ou Gotochós.— Tapuyas da Bahia e Espirito Santo, entre o Baixo-Mucury e a Cordilheira dos Aymorés.

Coxiponés.— Tribu indigena de Matto Grosso, submettida e dizimada pela bandeira do paulista Antonio Pires de Campos, em 1718.

Craik-Mús ou **Kraik-Mús.** — Indios Tapuyas do Baixo Jequitinhonha, entre Minas e Bahia, estudados, em 1836, pelo D.r Victor Renault.

Crãns (*Cran* — quer dizer «o maior»). Os Crans e os Gês formam na classificação de Martius um grupo (o 2.°) mais numeroso que o dos tupis-guaranys. Nos valles dos rios Tocantins e Araguaya, estão os Crâns puros, como já vimos em differentes tribus do norte de Goyaz e sul do Maranhão.

Crêns ou **Krens.** — Indios conhecidos tambem por Guereñgs e formam o 4.° grupo ethnographico do Brasil selvagem, conforme a classificação de Carlos von Martius.

Creúses.— Selvagens do Maranhão, na região do Gradahú, por elles assolada varias vezes.

Crixás.— Indios de Goyaz, no rio do seo nome (valle do Araguaya). Em Minas, tambem, havia Crixás (Rio Doce). Vide: Krichás.

Crixanás, Crichanás ou **Krichanás.** – Indios Amazonicos do rio Uauperi, affluente do rio Negro, pacificados por Barbosa Rodrigues, em 1885. Chamam-se tambem Kirischanás, Quirixanás ou Krichanás, Guaribas ou Guaharibos. Vide taes nomes, nesta *Nomenclatura*.

Croatos. - Estes Indios Croatos e os Puris de origem tupi, se installaram no valle do rio Pomba (região da Matta Mineira), de onde, acommettidos pelos Goitacás do Rio Muriahé e pelos Carijós (da região entre Barbacena e Queluz), foram se internando pela região mais a leste (Chopotó e Piranga), nas fontes do Rio Doce. O gentio Croato dominava a região de Ubá, serra de S. Geraldo, Rio Pomba, Rio Branco, Viçosa, Piranga, Alto-Rio Doce, em Minas. A cidade do Pomba se chamava «Aldeia de S. Manoel dos Croatos»; a cidade mineira de Queluz, «Concceição dos Carijós». Nos municipios do Pomba e Ubá ainda existem poucos indios mansos de origem ou sangue Croato e Puri. Os arraiaes de Guarany e Tocantins, nesses dois municipios mineiros, recordam nomes indigenas. Alguns contestam a procedencia Waitaká dos Croatos de Minas e os ligam ao gentio Coroado de Goyaz.

Cuchiuáras.— Indios do Baixo-Amazonas, denominados tambem Zurinas e Capurinas, aldeiados pelas Missões jesuiticas do sec. 18.°

Cumanaxós ou Camanaxós.— Feroz gentio, de origem goitacá, e que dominava, no sec. 18.°, a região bahiana dos rios Pardo e de Contas.

Cupinharós.— Selvagens do Maranhão, pouco conhecidos.

Curatis.— Indios tupis, extinctos, da cordilheira de Ibiapaba, ao norte do Brasil, entre Ceará e Piauhy.

Curemas.—Indios do Norte do Brasil, do grupo Cariry ou Kiriri.

Curetús.— Indios do grupo Miranha, entre os rios Içá e Japurá

Curumarés.— Gês ou Tapuyas do Estado de Goyaz, na Ilha de Sant'Anna ou Bananal (formada por 2 braços do rio *Araguaya*). *Curumarê* quer dizer «o sarnento», por causa da molestia da pelle, que os persegue. Escreve-se tambem : Curamarás.

Cururús.— Indios do valle do Araguaya, e são alliados dos Curumarês ou Sarnentos.

Custenáus ou Kustenáos.— Indios do Alto-Xingú e do Purús. São de origem Nu-Aruak.

D

Danixéos. — Indios de origem Guaicurú, no Est. de Matto Grosso, segundo o Almirante A. Leverger (Barão do Melgaço).

Dapatarús.—Indios originarios do Amazonas (rios Urubú e Uatumá), muito perseguidos do gentio Jatapú, e que se estabeleceram na ilha de Saracá, onde mais tarde seos descendentes civilisados povoaram a Villa de Saracá ou Silves. Os Dapatarús são indios Aroaquis (Nu-Aruak).

Demacuris.—Tribu indigena das margens do rio Caburi, valle do Rio Negro (Estado do Amazonas), segundo Milliet de Saint-Adolphe, vol. I, pag. 324. Dos Damacurys proveio, quando civilisados, a população mameluca de São Pedro do Rio Negro.

Dorins.—Tribu de indios paranaenses, dos sertões de Guarapuava, aldeados á margem do rio Dorim, e inimigos irreconciliaveis do gentio Camé.

E

Enaucuoúas.— Tribu de selvagens carahibas do rio Xingú, entre Pará e Matto Grosso.

Encabellados.— Tribu guerreira de Indios Tapuyas, dos Estados de Matto Grosso e Pará, celebres pelos seos cabellos muito bastos e enrolados em tranças pelo corpo.

F

Farranchos.—Nome dado aos Indios do antigo «Aldeiamento de N. Sra. da Bôa Viagem do Farrancho», na margem direita do rio Jequitinhonha e em territorio da freg. de São Miguel, na comarca de Arassuahy.

Esses indios do Farrancho [se] civilisaram, bem como os Ararys, seos visinhos, no extremo norte de Minas, e levam os seos descendentes uma existencia pacifica, entretidos na caça, pesca e rudimentar industria, exportando rêdes de *tucum*, *embira* e algodão, cordas, peneiras, cestas, remos, varas de canôa e outros artigos do seo commercio com as populações dos arraiaes mais proximos.

Formigas ou Içás.— Tribu de Puris, de Minas e Bahia, comedores de *tanajuras*. Os Formigas da Bahia eram do littoral, entre os rios Santa Cruz e Doce, e de nação Patachó, dominando o littoral até o Espirito Santo.

G

Gabibis.—São povos carahibas do extremo norte do Brasil, na fronteira com as Guyanas.

Gaciás.— Indios matto-grossenses, já extinctos.

Gambélas.—Estes Indios ainda habitam as aldeias de São José e São Pedro, no alto rio Ourém (Est. do Pará), onde a sua catechése está confiada aos Missionarios Franciscanos, italianos, do Instituto de Ourém, villa paraense proxima áquellas duas aldeias. Esses indios Gambélas pertencem ás tribus chamadas do Guamá e Cachoeira, são morigerados e trabalhadores, diz *A Alvorada*, periodico de Ourém (outubro de 1908).

Nas opulentas mattas espalhadas pelo Alto-Gurupy e Praia Grande, rios Capim, Caeté e Irituia vagueiam indigenas bravios, de indole menos branda que os Gambélas do rio Ourém. O *tucháua* dos Gambelas, actualmente, se chama José Manoel Felippe e é um moço creado e educado no seio da população civilisada.

Em meados de 1908, os moradores do mun. de Irituia fizeram correrias e massacre entre os indigenas do Itabocal de Irituia, para se vingarem de algumas depredações destes.

Gamellas.— Antigos bugres do Maranhão, de que ainda são representantes os Indios Acobús, de origem tupinambá, segundo o explorador Buscaleoni.

Gaviões ou **Cricatagés.** — Indios pouco conhecidos do Estado do Maranhão, talvez de origem tapuia como os Caragés e Caractagés. Vide estes nomes.

Gayapás.— E' uma tribu citada por Southey, juntamente com as dos Guaxixos ou Guachichos, Guaguanas, Guanarés e Goacurés

Porêm, Rob. Southey não localisa esses Indios do Brasil, nem delles dá maiores informações, na sua *Hist. do Bras.* vol. I, pags. 318 e 319.

Gaymures.—Nome dado aos Aymorés da Bahia, nas chronicas coloniaes (Gandavo, Rocha Pitta, Vasconcellos...)

Geicós.—Povo tapuya do Est. do Piauhy, nos valles dos rios Gurgueia e Canindé. Parece que são os mesmos Jaicós, de que ha no Piauhy uma cidade, conservando-lhes o nome.

Gês.—São os Tapuyas. O nome Gês lhes foi dado pelos allemães von Martius e Paul Ehrenreich, devido á frequencia com que apparece na lingua das tribus Tapuyas a palavra *Gês*. Escreve-se tapuia ou tapuya.

Giporócas.—(«arrebentam machados»). Nome colonial dos Indios Gyporoks (Minas). Vide Gyporoks.

Goianás.—Vide : Guayanazes. O dr. H. von Ihering publicou sobre elles um excellente trabalho : «Os Guayanás e Caingangs de S. Paulo».

Goitacás. — Tambem chamados Goytacazes, Guaytacazes, Waitakás. O gentio Guayatacá (significa o «corredor ou *batedor do matto*»), occupava a região da costa desde Rerigtiba (Benevente), no Espirito Santo, até o cabo S. Thomé (Est. do Rio de Janeiro). Segundo Couto de Magalhães, se dividia em : «Goaitacá-Camopi, Goáitacá-guaçú e Goaitacá-jacoritó». Todo o valle fluminense e mineiro do rio Parahyba do Sul era por elles occupado. O seo nome ficou á cidade de «Campos dos Goitacazes.»

Gorotires.—São Indios do Brasil Central, alliados ás tribus Cayapós (Matto Grosso). Vide Guariterês.

Goyaz, Goyás ou **Goiá.**—Gentio que deo nome ao Estado de Goyaz. D'elle procedem outras nações selvagens, os Goia-ná, os Goia-ta ká, etc., que resultam dos successivos cruzamentos do Goiá com o Tupi, com o Tapuia, etc.

Gradahus.—Selvagens bravios do Maranhão, onde ainda hoje perseguem a população branca, no Tocantins.

D'elles dá noticia o general Couto de Magalhães, que os classificou como Cayapós. Vide uma nota no *Appendice*.

Groahiras.—Indios da antiga capitania do Rio Gr. do Norte, d'onde foram alijados pelos Potiguáras, na era colonial.

Guaiakis.—Indios das margens do rio Paraguay, em Matto Grosso ; são caçadores e falam um dialecto do *abaneenga* ou guarani.

Guaicumãns.—Antigos selvagens do Rio Gr. do Sul. Reduzidos nas guerras com os Tapes e Charruas.

Guajájáras.—Indios guerreiros do Maranhão, alliados ás tribus dos Guajarás, Guapindaias e outras. Os Guajájáras pertencem á familia dos tupis septentrionaes e vivem no Baixo-Araguaya, segundo Couto de Magalhães refere. Eram inimigos dos caribócas e tapuias da costa maranhense.

Guajarutas.—Indios bravos do rio Guajarú, em Matto Grosso.

Guajaras.—Selvagens tapuyas dos Sertões ao Norte do Maranhão, e que emigraram até o Pará, cuja capital é banhada pela bahia de Guajará. tradição do nome dessa tribu tapuya.

Guajirus ou **Goajiros**. — Indios Aruaks descidos da Venezuela para o Orenôco,d'onde se passaram ao Amazonas.

Guanahãns. —Tribu Gê ou Tapuya, do grupo Caingang, o que em Minas acampava na bacia do Rio-Doce, no valle do Guanhães, que tira o seo nome (principios do sec. 18.º) d'esses Indios Guanahãns, segundo observação propria nossa.
O viajante francez Sainte-Hilaire se refere a essa tribu. Além do rio Guanhães, temos em Minas a cidade de S. Miguel de Guanhães, no valle do referido Guanhães, tributario do Santo Antonio, por sua vez affluente do Rio-Doce.

Guanás.—Alliados dos Chanés, em Matto Grosso; e sobre os seos usos e costumes escreveram o Sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra, o Visconde de Taunay e o Coronel Galdino Pimentel, como se póde ver da *Rev. do Inst. Histor. e Geogr. Brasileiro.* No Maranhão ha tambem uma tribu Guaná.

Guapindaias.—Indios do Maranhão, de origem tapuya, alliados da tribu dos Guajajáras.

Guaranys—(«os guerreiros»). Dominavam a costa meridional, desde Cananéa até o Paraná. Sua lingua, o *abaneênga*, foi muito bem estudada pelos Jesuitas Montoya e Restivo, e pelo mineiro dr. Baptista Caetano de Almeida.

O Conego João P. Gay sobre elles escreveo bastante, referindo-se aos Guaranys do Paraguay. No Rio Gr. do Sul, os Guaranys cruzaram-se com Tupis e Antis e talvez com os Tapes, Charrúas, Minuanos e Butucaris.

Guarayos ou **Guarajós**.—São do grupo dos Tupis occidentaes, em Matto Grosso (valle do Mamoré), nos limites com a Bolivia.

Guaribas.—Estes selvagens são os mesmos Crichanás ou Guaribas-Tapuyas do Amazonas, descriptos por Barbosa Rodrigues como usando caudas ou rabos e barbas postiças, provenientes dos pêllos de certos animaes (guaribas, mônos, macacos, goarás, etc.) Vivem nos rios Jauaperi, Uirabiana e Negro, extendendo o seo dominio desde Muirapinima, abaixo de Ayrão, pelos rios citados e pelo Uererô e Uaracá, até o Rio Branco, no Estado do Amazonas. Chamam-se tambem Guaharibos. Vide op. cit., «*Rio Jauapery—Pacificação dos Chrichanás.*»—Rio, Imprensa Nacional, 1885, 274 pags. in. 8.º.

Guariterês.—Indios do Matto Grosso, ao passo que os Guarinos são uma tribu de Goyaz. Os Guariterês ou Guriterês vagueiam nas mattas do Xingú.

Guarulhos.—Selvagens de origem goitacá, no baixo Parahyba, entre Macahé e Campos dos Goitacazes (sec. 18.º).

Guaru's.—Nome dado aos Guarulhos do Rio de Janeiro, onde, perto de Campos, ha ainda uma povoação de Guarulhos.

Guatós.—São Indios do rio S. Lourenço, em Matto Grosso, fronteira do Paraguay. O nome Guatós quer dizer «Navegadores» e vivem e moram em suas canôas, formando um grupo amphibio, como os Catauxis do Pará.

Guayanazes.—Tambem chamados Goyanazes, Goianás ou Guayanás. Estes bugres de origem antes tapuia do que tupi, dominavam a capitania de S. Vicente (S. Paulo), desde Angra dos Reis (Ocaruçú) até Cananéa, ao Sul. Seo papel foi importantissimo na colonisação, porque da alliança do sangue goianaz e portuguez provieram os famosos mamelucos e bandeirantes paulistas. Couto de Magalhães, Machado de Oliveira, Frei Gaspar da Madre de Deos e outros os estudaram muito bem.

Guaycuru's ou **Waycuru's.**—O gentio Guaicurú (dos confins de Matto Grosso com a republica do Paraguay) se divide em Lenguás e Mbaiá. São os famosos Indios Cavalleiros, tão fortes quanto corpulentos, do sudoeste do Brasil, no Alto-Paraguay, nos campos da Vaccaria, ao norte do Yguatemy. Emquanto o gentio Payaguá hostilisava, nos rios, os bandeirantes do sec. 18.º, o Guaycurú por terra atacava os sertanistas em guerra cruél.

Guegués.—Antigos indios do Piauhy, onde dominavam, além dos Guêguês, os Jaicós ou Geicós e outras tribus.

Guerens ou **Guerengs** (signif. «o antigo» a palavra *gueren*). São os chamados Crens, que formam, no Brasil, o 4.º grupo da classificação ethnographica de Carl. von Martius.

Gyporóks ou **Gi-porókas.**—Tribus botocudas do valle do Mucury e irmans pela lingua e costumes das tribus dos Aranãns e Naknanuks (Minas Geraes). Gi-porok quer dizer «machado forte», ou «arrebenta machado», segundo interpretam os *linguas*, que distinguem, praticamente, algumas palavras do dialecto guttural dessa tribu.

H

Hiapiruáras — Nome que os Indios do Baixo-Tapajóz dão aos que habitam a região do Alto-Tapajóz, segundo refere Moreira Pinto (*Apontam. do Dicc. Geogr. do Bras*, vol. 2.º, pag. 148). A palavra *Hiapiruára* significa « gente do sertão ».

Hiáuáuahis (*Hiau-au-ahis*) —Nação indigena das margens do rio Japurá, no Est. do Amazonas, e da qual provém a tribu Parauari, conforme opinião do dr. Araujo Amazonas.

Hiupiuás — Dessa tribu amazonica do rio Japurá provieram os mestiços indigenas, que povoaram Teffé ou Ega, segundo o escriptor citado ha pouco.

Huaimis — Tribu de origem Maipure, na margem esquerda do rio Purús e mestiçada com o gentio Pammary.

Hyapurás.—Povos do rio Caquetá, entre o Brasil e a Colombia, subdivididos em varias tribus carahibas. Serão os mesmos indios Japurás ?

I

Indios—Nome dado desde Colombo aos naturaes ou aborigenes do Novo-Mundo, e que no Brasil tambem designa, collectivamente, as tribus do nosso gentio, as hordas selvagens de Norte a Sul. Entre nós, outros nomes collectivos ou genericos damos aos selvagens do Brasil : Bugres, Botocudos, Caboclos, Tapuyos, etc.

Ibirajaras ou **Ubirajaras**—Vide Bilreiros e Cayapós, nomes dados ás tribus dos Ibirajaras da Bahia, Goyaz e Matto Grosso. Esses Cayapós, em Matto Grosso, occupavam a região das vertentes dos rios Tocantins, Xingú e Arinos, ao norte da região dominada pelos Payaguás.

Icós—Selvagens do sertão cearense. Ainda existe com o nome de Icó uma cidade do Estado do Ceará. Tanto os Icós como os Jucás e Sucurús do antigo Ceará, pertenciam ao grupo dos Indios Cairirys ou Kiriris.

Iguarunas.—Celebres Indios canoeiros, de tez muito carregada, no Maranhão. O P.e Antonio Vieira (sec. 17.°) descreveo bem esses Indios Navegantes, de sangue tapuya e caribóca, na antiga capitania do Maranhão e Grão-Pará.

Imarés.—Indios do valle do Paraguay, nas margens do Taquary, em Matto Grosso.

Iporotós.—Selvagens carahibas, das cabeceiras do Rio Branco, Amazonas

Iporucotós (tambem ditos Puricotós ou Procotós, e ainda Ipurucotós). São indios amazonicos do Rio Negro, e, segundo Barbosa Rodrigues, estão alli em franco contacto com os famosos Crichanás ou Jauaperys, tribu tapuya do Baixo Rio Negro.

Ipurinãns—São tribus de selvagens Nu-aruaks do rio Joary. na Amazonia.

Ipuruãns.—Os Ipuruãns, Ipupuans ou Ipurás são Indios Aruaks do rio Purús, onde se subdividem em varias hordas: Manateniri, Catiana, Canamari, Cannawari, nos rios Purús, Juruá e Acre ou Acquiry.

Italapriás.—Selvagens do Pará, no sec. 18.°, e já extinctos.

Itanhás.—Antigos Indios do Ceará, onde hoje vivem mansos os poucos sobreviventes desses selvagens.

J

Jacundás.—São povos tupis do valle do Tocantins, no Est. do Pará.

Jaicós ou **Jahicós**—Ficavam estes Indios nos sertões do Piauhy—Estado onde ainda se vê uma cidade com o nome de Jaicós.

Jamamadis—Selvagens de origem Nu-Aruak, no valle do rio Purùs.

Jamundás.—Indios do Norte do Est. do Pará e do antigo Contestado do Amapá, divisa com a Guyana Franceza.

Jarumas—Indios carahibas, tambem chamados Aruma, no Alto-Xingú.

Jauaperys ou **Jauamerys**—São os mesmos Indios Uamerys, Uaimerys, Maimerys ou Waimirys, dos quaes descendem os actuaes Crichanás (Amazonas).

Jaulapittis—Tribu de procedencia Nu-Aruak, na região comprehendida entre os rios Xingú e Purús.

Jaulegês—Indios do Maranhão, com certeza tapuyas, como os seos irmãos, os Caragês, Caractagés e Caraetês.

Jaurùs—Selvagens de Matto Grosso, no Guaporé. Extinctos.

Javaês—Indios goyanos da Ilha de Sant'Anna ou Bananal, no Araguaya. Tambem ditos Javahés.

Javarês—Celebres indios navegantes da região do medio Araguaya, em Goyaz, alliados dos Iguarunas e dos Chavantes-Canoeiros.

Javitêros — Indios Aruaks, no extremo Noroeste do Est. do Amazonas.

Jororós—Estes Indios Jororós eram da antiga capitania do Rio de Janeiro, onde foram batidos pelos terriveis Goitacás, nos seculos 16.° e 17.°

Juguarùnas—Temiveis indios da Bahia ; eram inimigos dos Aymorés, e occupavam parte da costa de Ilhéos e Porto Seguro.

Jumanas—Indios de origem Nu Aruak, no Baixo-Içá (Amazonas), confins d'esse Estado, a noroeste do Brasil.

Jumás—São uma tribu carahiba da região entre o rio Madeira e o Baixo-Xingù, no Estado do Pará.

Jupùas—Indios da nação ou grupo Miranha, na margem esquerda do rio Japurá (Amazonia.)

Juremas—Indios de nação Kiriri, no antigo Ceará e Piauhy. Tão temidos pelos colonos portuguezes, como os ferozes Jucás.

Juris ou **Jurys**—Indios do Rio Japurá, a oeste do Est. do Amazonas.

Jurunas—São da região do baixo e medio-Xingú e pertencem aos tupis impuros alli encontrados pelo Dr. Carl. von den Steinen, em 1884 e 1888. *Juru-unas* «os boccas pretas»—porque pintavam labios

e dentes com a tinta escura do genipapo, tornando assim mais temivel o seo bizarro aspecto.

Jurupis—Botocudos de Minas, hoje extinctos. Viviam nas margens do Rio Doce. a leste. *Jurupi* quer dizer «a bocca primitiva» ou «o tronco da lingua dos Jurùs», donde procediam os Indios Jurùs, dizem os «linguas» do Rio Doce.

Jururu's—(*Jurúrú* significa «bocca triste») Eram indios do Ceará, muito bravios como os Jucás e os Juremas.

K

Karajás ou **Carajás**—Tribus da margem direita do rio Araguaya, Goyaz. O Gentio Carajá e o Bororó estão fóra das classificações de Martius e Ehrenreich. Escreve-se tambem Carayás, dos quaes procedem os Carayá-is, povo Cayapó do mesmo valle do Araguaya.

Kiririns ou **Quririns**—Indios da antiga capitania de S. Paulo, considerados de procedencia Kiriri (dos Carirys meridionaes, emigrados do Norte).

Kiriris—Estes indios acampavam outr'ora nos sertões desde a Bahia ao Piauhy. Sua lingua é bem conhecida. Abrange o grupo Kiriri ou Cariry (o 2.° de Martius) numerosas tribus: os Guayò, Tremembé, Quiririm (S. Paulo), sendo aparentados com os Goianás (S. Vicente) e Icós, Jucás, Chorós, Papanás, etc.

Kocamas ou **Cocamas**—Indios do rio Napo, affluente do Amazonas, fronteira das Republicas do Brasil e Equador.

Kocurumas ou **Cocurumas**—Indios Miranhas, no rio Japurá, no valle amazonico.

Kotochós—Nome de uma pequena nação de Indios Tapuyas ou Gês. entre os rios Doce e Jequitinbonha (Minas), na região do Fanado, sec. 18.° (Minas Novas e Arassuahy).

Kradahós—Tribu independente, muito selvagem e pouco conhecida. da margem oriental do rio Araguaya.

Kraik-mùs—Indios do Baixo-Jequitinhonha, entre Minas e Bahia, estudados. em 1836, pelo explorador Dr. Victor Renault, por ordem do governo regencial do P.e Diogo A. Feijó. O gentio Kraik-mù era de sangue aymoré e goitacá mesclado, e muito bravio.

Krichanás ou **Crichanás**.—Já nos referimos aos Crichanás do rio Uaupery, no Baixo-Rio Negro, Estado do Amazonas.

Vide Jauaperys, Crichanás, Guaribas, Maimerys e Waimirys.

Krichás ou **Crichás**.—Tribu indigena do Estado de Goyaz, no rio Crichás, affluente do Araguaya, e tambem em Minas Geraes, entre os Botocudos do Rio Doce.

Krikatagês.—Tribu tapuya e tambem chamados Cricatagés ou Gaviões, no Maranhão. Tribu co-irmãn dos Caraetês, Caragés, Pannellas, Bucobús e outras daquella ant. Capitania do norte do Brasil.

Kroatos ou **Croatos**.—Nome dado aos Coroados do valle do Rio Pomba, a leste de Minas (Sec. 18.°), onde a actual cidade do Pomba já se chamou «Aldeiamento de São Manoel dos Croatos». Vieram de Goyaz para o Triangulo Mineiro e depois para a região sudeste de Minas Geraes.

Kustenáos ou Custenáos—Indios de origem Nu-aruak ou Maipure, do Alto-Xingú, no Amazonas.

L

Layanos.—Indios Aruaks, de Matto Grosso, os quaes bem como os seos irmãos das tribus dos Terenos, Kinikináus e Guanás, são povos da nação Chané, segundo o visconde Alf. de Taunay.

Lambis.—Indios de Matto Grosso, na fronteira da Bolivia. Dizem-se do galho dos tupys occidentaes.

Lengoás.—Nome dado a alguns povos Guaycurús, de Matto Grosso, segundo o naturalista bavaro Dr. Carlos Fried. Phil. von Martius.

M

Machacaris.—Antiga tribu, que vagueava pelos sertões do Mucury, Jequitinhonha, e Serra dos Aymorés, entre Minas Geraes e a Bahia. Eram de sangue Aymoré e Goytacá.

Machaculis.—Selvagens amazonicos, referidos por Mattoso Maia, havendo tambem uma tribu tapuya de Machaculis, entre Minas e Bahia. No antigo «Descoberto do Peçanha», entre o Suassuhy Pequeno e Suassuhy Grande (sec. 18.°) acampavam Machaculis.

Machigangas.—Nome dado á tribu dos Antas, Antis ou Campas, indios Carahibas da fronteira peruana com o nosso Estado do Amazonas. Vide Antas e Antis. Outros consideram os Machigangas como Aruaks, sob o ponto de vista linguistico.

Maconés.—Estes Botocudos da bacia do medio Rio Doce (Minas) estão hoje extinctos. Os Maconés ou Maconis, os Zamplãns, os Machaculis, os Pojichás, os Malalis e outros bugres de Minas. estão muito reduzidos em numero, sendo que algumas tribus já desappareceram.

Macramecrans.—Indios de Goyaz, no Baixo-Araguaya, quasi nas fronteiras do Maranhão (valle do Tocantins.)

Maçunis.—Selvagens de origem Goitacá no valle do Rio Doce (Minas). Extinctos, actualmente.

Macunins ou **Makuinys**.—Estas tribus botocudas dos Macunins, que o Dr. Victor Renault visitou, no rio Mucury (Nordeste de Minas), em 1836 e 37, tinham traços accentuadamente sino-mongolicos. Bravios, estes Indios de sangue Goitacá.

Macuchis.—Nome dado aos Tapuyas e Mamelucos, no interior do Est. do Amazonas, segundo Barbosa Rodrigues, Baena, J. Verissimo, Stradelli. Ferreira Penna, *passim*.

Macuxis.—Tribu Carahyba, entre a Guyana Ingleza e o Brasil, nos contrafortes da serra Paracaima.

Magnés.—O gentio Magné, alliado do Maué. vive em Matto Grosso, na parte norte do Estado. ás margens do rio Madeira. São celebres os Magnés por fabricarem o *guaraná*, excellente alimento de poupança para o organismo humano e muito usado como bebida refrigerante no norte do Brasil.

Mahacus.—Tribu indigena da região do Rio Branco (entre o Amazonas e a Guyana Ingleza).

Mahués ou **Maués.**—Povos tupys septentrionaes (no Amazonas e Pará), occupando a região entre o Tapajóz, o Madeira e o Amazonas. Tambem fabricam o *guaraná*, superior até ao inventado pelos Indios Magnés, de Matto Grosso. E' o *guaraná* um producto hoje introduzido na therapeutica medica e tonico tão poderoso como a *cóca*. dos indios do Perú e Bolivia, ou a *noz de kola*, dos selvagens africanos.

A sciencia deve aos nossos indigenas o conhecimento do *guaraná*, do *timbó*, do *curare*, da *quina*, da *poaya*, da *caróba*, e tantas outras substancias de virtudes curativas ou toxicas.

Maiang-congs.—Selvagens do Amazonas, das missões Jesuiticas do sec• 18.º, e hoje considerados extinctos.

Maimerys.—Nome porque são tambem conhecidos os Jauamerys ou Waimirys, tambem chamados Crichanás, no Jauapery (Rio Negro), no Estado do Amazonas.

Maimunas.—Tribu do Estado de Matto Grosso, hoje desapparecida e mencionada por Almeida Serra.

Maipures.—São os Indios clasificados por Martius, C. von d. Steinen e Ehrenreich. como pertencentes ao grupo Nu-Aruak ou Maipure. Vivem no curso medio do Orinôco os legitimos Maipure. Foi Gillii quem lhes deo a denominação de Maipures. São do grupo Maipure as tribus Chané, Kinikináo, Guaná (Matto Grosso), Aruãn, Manáo Moxa, Ipuriná, Ipuruãn, Goajiro (da Amazonia), etc.

Mairagiquis.—Tribu tupinambá da Bahia de Todos os Santos (sec. 16.º), na qual o celebre Caramurù (Diogo Alvares Corrêa) escolheo para esposa a india Paraguaçú, baptisada com o nome christão de Catharina Alvares. Os Mairagiquis eram anthropophagos e muito bellicosos. Foram bem descriptos por Gabriel Soares, Gandavo, Vasconcellos, Rocha Pitta, Frei José de Santa Rita Durão, Accioli, Varnhagen, etc.

Majacaris.—Tribu de origem Waitaká, na bacia do rio Mucury, a Nordeste do Estado de Minas (contra fortes da serra dos Aymorés). Estão extinctos os Majacaris ou Maxacaris.

Majurunas.—Indics do Pará. de côr escura (são *tupiúnas*), nas cabeceiras do rio Javari (ant. Hiabari), affluente da margem direita do Amazonas.

Makiritarés.—Indios carahybas da região superior do Rio Branco, no Amazonas.

Malalis ou **Mallalis.**—Como os Mallalis, tambem os Maconés, os Camaraxós, os Tocoyós, os Purys, os Monoxós. os Pojichás, os Nak-nanuks, os Macunins. e outras tribus botocudas, de origem Goitacá, dominaram outr'ora os sertões do Rio Doce e seos affluentes, entre Minas Geraes e Espirito Santo. O povo ainda os appellida de *bugres*. Outros dizem que os Malalis procedem dos Coroados ou Croatos (de Minas). idos do valle do Pomba para o do Muriahé, deste ao do Manhuassù e deste ao Cuyethé, Suassuhy-Grande e Itambacury.

Mamanás.—Os Mamanás ou Mamanazes eram do Pará e faziam parte das missões Jesuiticas do sec. 18.º, no extremo Norte.

Mamayanás.—Tribus do Maranhão, onde dominavam juntamente com outras tribus Nheengaibas e Tupinambás: Iguarúnas («navegantes»). Maracatins, Guaianás. Gradahús, etc. Os P. Antonio Vieira, Claude d'Abbeville e Ives d'Evreux os descreveram bem, na era colonial (sec. 17.º).

Mambarés.—Os selvagens Mambarês («homens velhos») são de Matto Grosso, onde poucos Indios dessa tribu subsistem.

Mamorés.—Os Mamorés, no Alto-Madeira, ficam entre Matto Grosso e a Bolivia. Pertencem ao grupo tupy occidental. Deram nome ao grande rio Màmoré, no extremo oéste do Brasil.

Manahós.—Selvagens indomaveis oriundos da região do Baixo-Tocantins (Est. do Pará) e que hoje são mais conhecidos com o nome de Manaós, entre o Rio Negro e o Japurá.

Manajós, Amanajós ou **Tormembós**—São cariboeas do Maranhão, descidos para o norte até o Pará pela bacia do Gurupy.

São oriundos dos Tupinambás os indios Manajós, mostrando muita semelhança com os Gamelas e Timbiras (do Estado do Maranhão).

Manaterys ou **Catianas.**— Indios da região do Alto-Purús, N. do Brasil (Estado do Pará) e do rio das Balsas e Tocantins (Maranhão).

Manáus ou **Manáos.**—Tribu amazonica, inimiga irreconciliavel dos Indios Carayás ou Carayáis. Os Manaos são de origem Maipure ou Nu-Aruak e acampam no curso medio do Rio Negro. Já ficaram atraz descriptos com o nome de Manahós ou Manaós.

Manitsauás.—São tribus de sangue impuro e habitam a região a Noroeste das cabeceiras do rio Xingú. D'elles falam Carl von den Steinen, Max Schmidt e Ehrenreich.

Marabitanas ou **Marapitanas.**—Indios do interior do Est. do Amazonas. onde se vê ainda hoje uma povoação. que lhes recorda o nome: São José de Marabitanas. São alliados aos Indios Arahinis.

Maracatins. — Pertenciam á grande tribu dos Nheengaïbas («más linguas») do Maranhão colonial. Eram excellentes canoeiros os selvagens Maracatins, no valle do Tocantins.

Maracayás — Estes Indios, cujo nome designa «gente despresivel» ou «inferior». viviam na Ilha do Governador, na bahia do Rio de Janeiro, ao tempo da invasão franceza de Villegagnon, no sec. 16.°. Maracayás ou «Gatos Bravos», em lingua gentilica, como ha Jaguarunas «onças prêtas», e outros nomes de guerra, tirados de animaes, entre os selvagens.

Maramomis. — Indios do Brasil, citados por Southey, em sua *Historia do Brasil* (vol. I.°, pag. 318), sem maior explanação.

Maranás ou **Maranhás.** — Selvagens Nú-Aruaks do rio Purús, onde se têm esses Indios como perfeitos typos do gentio Maipure.

Mariáranás. — Tribu do interior do Amazonas, nas margens do Teffé.

Marikitarés. — Tribu carahiba do Rio-Branco, no norte do Amazonas. Inverte-se a pronuncia do nome desta tribu para «Makiritarés», nos chronistas coloniaes.

Mariquitás. — No sec. 18.° ainda vagavam na serra da Mantiqueira (Minas) estes Indios. Escreve-se tambem: Marikitás. Deviam ser de sangue Croato ou Waitaká e foram muito dizimados pelo selvagem Cataguá.

Massacarás. — Estes Indios eram dos Tapuyas ou Gês da Bahia, e estão extinctos, do mesmo modo que os Aracujás, outra tribu Gê d'aquelle Estado.

Mauês ou **Mahués.** — São povos tupis do Baixo-Tapajóz, na Amazonia. Já os descrevemos, sob o nome de Mahués.

Mbeguás. — («os pacificos») Eram povos tupis, de Matto Grosso, onde ainda ha sobreviventes catechisados dessa tribu.

Mehi-nacùs ou **Mehi-na-ku.** — Indios de origem Nu-Aruak, do rio Xingú, onde os estudaram os sabios allemães Hermann Meyer e Max Schmidt, na região entre Matto Grosso e Pará.

Mepuris — Indios das Guyanas e fronteira septentrional do Brasil. São de procedencia cariba ou caraiba.

Mequens — Tribu extincta de Matto Grosso, no rio Corumbá.

Mimanos — Antigos Indios do Rio Gr. do Sul e de S.ta Catharina, inimigos dos Tapes e dos Charrúas. Eram dos tupis meridionaes.

Minharis ou **Menharis** — Indios aimorés do antigo Rio Gr. do Norte, alli perseguidos, no valle do Apodi, pelos guerreiros Potigoaras.

Miranhas — Grande povo amazonico. Constitue um grupo na classificação ethnographica do D.r Paul Ehrenreich, em relação aos povos naturaes do Brasil e Sul America.

Mongoiós — Tribu extincta da Bahia (rio Patipe), onde dominaram esses Mongoiós, os Camaraxós, os Pataxós e outros Indios bravos, de sangue crusado, aimoré e goitacá.

Monoxós — Até os primeiros annos do sec. 19.º todo o sertão de leste, em Minas Geraes, no Rio Doce e affluentes (Cuyethé, Suassuhy Grande, Manhuassú, Matipoó e Guandú), nas divisas com o Esp. Santo, andava infestado das tribus nomades e hostis dos Botocudos, entre os quaes se destacavam os Monoxós.

Moxós — São da familia linguistica dos Nu-Aruaks ou Aruakis, da região do Alto-Madeira (Matto Grosso), rios Mamoré e Guaporé. Moxós ou Moksós, os «Molengas», em idioma *Aruak*.

Motillons — O gentio Motillon, muito feroz e anthropophago, é de origem carahiba; vive no rio Putumayo, no oeste do Estado do Amazonas, extrema da Columbia e Equador.

Mucorys ou **Mucuris** — Tribu do Est. de Matto Grosso, dando-se tambem este nome aos Indios botocudos de Philadelphia (Minas), entre a serra dos Aymorés e rio Mucury.

Mucuinis — Tribu do rio Mucury, em Minas Geraes, nas mattas de Philadelphia, hoje municipio de Theophilo Ottoni, o qual é confinante com Caravellas (Bahia), S. Matheos (Esp. Santo), Peçanha e Arassuahy ou Calhão e Minas-Novas. Chamam-se tambem Macunins, os quaes já descrevemos.

Mundurucús ou **Mundrucús** — Indios bellicosos dos Est. do Pará e Amazonas, bem estudados nas suas varias hordas, por Baena, Chandless, Gonçalves Tocantins, Elisa Scheid, Coudreau e Barbosa Rodrigues. Chama-se «Mundurucania» a região amazonica por elles occupada. Os Mundurucús são tupys impuros da região do baixo e medio Tapajoz. Foram tribus muito numerosas e têm um grão de civilisação bem superior a outras tribus Amazonicas.

Muras — Indios ferozes do Amazonas e do Pará, onde são ainda os implacaveis perseguidores das tribus dos indios Junás, Aruaquys, Cericunás, Crichanás ou Krixanás. Os Muras são muito nomades e percorrem em bandos de guerra os valles do Rio-Negro e do Madeira.

Mutuns — Tribu indigena dos sertões do Maranhão, nos rios Moni e Caraubal. No Maranhão ha Indios Gaviões, Gamelas, Motuns e com outros appellidos extravagantes.

N.

Nahuquás — Indios Carahibas do rio Colisco (Amazonas), descobertos em 1886, pelo D.r Hermann Meyer, explorador allemão das fontes do Xingú.

Nak-ne-nuks, **Nuk-ne-naks** ou **Nak-na-nuks** — (Nak-na-nuk quer dizer «habitante da serra»). Assim como os Puris-Assús

viviam nos sertões do Matipóo, serra dos Arripiados e da Divisão, e os Puris-Mirins, nas florestas do Rio Doce ; tambem os Nak-ne-nuks occupavam a cadeia dos Aymorés, entre Minas e Bahia (de Theophilo Ottoni ou Philadelphia para Caravellas, na zona hoje cortada pela *E. de F. Bahia e Minas* e bem colonisada por allemães e nacionaes).

Nambicuáras — Grande tribu de Matto Grosso, referida por Couto de Magalhães, Milliet de St. Adolphe, Ricardo Serra, Leverger, Taunay, G. Pimentel, H. Meyer e outros. Os Nambiucáras ou Nambiocaras vivem ás margens do rio do Peixe, affluente do Tapajóz. São mansos e bons remeiros de canôas.

Nhamunda's ou **Jamundás** — Indios amazonicos do rio Jamundá e Guyana Brasileira.

Nheengaibas—(«os más linguas», que não falam bem o *Nheengatu*, lingua geral dos tupis da costa.) Indios do Pará (Ilha do Marajó) e do Maranhão. Bem descriptos na era colonial pelo Jesuita Antonio Vieira, e pelos capuchinhos francezes do sec. 17.°, Claude d'Abbeville, Ives d'Evreux, Arsêne de Paris e Ambrose d'Amiens. No sec. 19.° os D.s Candido Mendes, Gonçalves Dias e Cesar Marques d'elles trataram. Ainda hoje existem restos dessa tribu Nheengaiba, que dominava o Mearim e o Gurupi, no Maranhão colonial.

Noroguaguês ou **Norog-na'-gês** — Tribu dos sertões goyanos, nas margens do Tocantins e se dizem tambem de origem Aruak os Norogagés.

Nu-Aruaks ou **Nu-aruakis** — Constituem estes Indios um dos oito grupos ethnographicos, segundo a classificação que dos selvagens do Brasil fez o D.r Carl von den Steinen, o notavel explorador allemão do valle do Xingù. Adoptada pelos nossos Indianologistas, essa classificação admitte o grupo Tupi, o Gê, o Goitacá (Waitaká), o Carahyba, o Pano, o Miranha, o Guaicurú (Waicurú) e o Nu-aruak, tambem conhecido por Maipure. São Indios Aruaks ou Maipures, os Tarumás, Banivas, Paumaris, Catianas, Ipuruãns, Araùnas, Baures, Catoquinas, Goajiros, Aruãns, Javiteros, Antas, Machigangas, Parecis, Custenáos, etc., cujas linguas e dialectos se entroncam no idioma dos Nu-Aruaks.

O

Omaguas — Tambem chamados Cambévas ou Cambivás. Vivem estes Indios nas florestas occidentaes do Estado do Amazonas (no Solimões ou Alto-Amazonas, rios Tunguragua e Putumayo), onde estão de guerra constante com as tribus dos Tocunas e Curinos. Os Omaguas são dos tupis septentrionaes.

Opinazés — Tribu do Estado de Goyaz, das margens do Araguaya. Esses Indios Opinazés ou Oppinazés são os mesmos Apinagés,

notaveis pela sua estatura e bellos traços de physionomia. Vide: Apinagés.

Orizes — Indios da era colonial do Brasil; estão extinctos e eram alliados aos ferozes indios chamados Procazes. Eram tapuias da Bahia, catechisados no seculo 18.º

Ouampys — O gentio Ouâmpi vive nas cabeceiras do Solimões, entre o Amazonas e o Perú.

Oyampis — Tambem ditos Oihâmpis — São povos tupis da fronteira ao Norte do Brasil, entre o Estado do Pará e a Guyana Franceza (rio Araguary). Não devem ser confundidos com os anteriormente citados (os Ouâmpys ou Uampys).

P

Pacahás — Tribu de Matto Grosso (rio Jurucuá) e do Pará, onde tambem se chamam Pacayás, ou Pacajás, entre o Anapú e Cametá, segundo Ferreira Penna.

Pacajás — Tribu de tupis da Amazonia, idos do Maranhão para o Estado do Pará. O gentio Pacajá é de origem caribóca e quasi branco. Vide Pacahás.

Pacúnas — Gentio paraense, mal estudado e conhecido vagamente.

Paiacús — Tambem do Estado do Pará, para onde emigraram idos do Rio Grande do Norte ou Ceará. Indios tupinambás cruzados.

Palmelas — Gentio carahiba do rio Madeira (Amazonas). O gentio Palmela, tambem de Matto Grosso, é de origem carahiba.

Pâmas — Indios matto-grossenses, de côr quasi branca, muito bravios e parecidos com os Muras. Vivem nas margens do rio Juruena e cabeceiras do Madeira, entre os Estados de Matto Grosso e Pará.

Pámarys ou **Pammaris** — Nome dado aos Paramaris, selvagens Nu-aruaks, do rio Purús (Amazonas). No Rio Branco existe a tribu dos Paumarys, actualmente muito mestiçados com os brancos.

Panhâmes — Indios goitacazes da região dos dous rios Suassuahy-Grande e Pequeno, no antigo territorio do Paçanha (Peçanha hoje), no sec. 18.º Eram de tribus irmãns os bugres Malalis, Panhâmes, Moxotós, Monoxós e Puris do valle do Rio Doce, em Minas Geraes.

Panahys — Selvagens do Apody, no Estado do Rio Grande do Norte. Extinctos desde o sec. 18.º

Panatis — Indios do Rio Gr. do Norte, de origem tupinambá, nas cabeceiras do Piancó, onde outr'ora se cruzaram com o gentio Icó e Payacú, tendo este migrado em direcção á Amazonia.

Parananás (Tambem chamados Paravilhana, ou *Paravianas*). Estão extinctos os Indios desta tribu de origem carahiba, que acampavam nos rios Branco e Tacutú, entre o Est. do Amazonas e a Guyana Ingleza, na região do Alto-Rio-Branco.

Paranázinás — Gentio de Matto Grosso, na bacia do Paraná Bons canoeiros e alliados aos bandeirantes paulistas (sec. 18.º).

Pano — Um dos grupos indigenas do Brasil pela classificação de Ehrenreich, que considera os Pano formando o 6.º grupo.

Paraybas, (Parahybas, Parahibas ou Paraïbas)—Nome dado aos selvagens de origem Waitaká do valle do rio Parahyba do Sul (Rio de Janeiro, Minas e São Paulo), secs. 16.º, 17.º, 18.º

Papanazes (ou *Papanás*)—Indios tupis, acossados pelos Aymorés e Tupinakis, que os obrigaram a emigrar do sul para o oéste do Brasil, onde se deixaram ficar no planalto Goyano.

Paramaris (ou *Paumarys*) — São Indios do grupo Maipure ou Nu-Aruak, e formam uma interessante tribu aquatica e ichtyophaga, no rio Purús (Amazonas). Vide Pamarys.

Paraguás — Indios do rio Paraguassù, na Bahia (sec. 16.º) e que se não devem confundir com os Payaguás de Matto Grosso.

Parecis ou **Paregis** — Os selvagens da tribu Pareci são do grupo Nu-Aruak ou Maipure e vivem nas cabeceiras do Rio Tapájós, em Matto Grosso, e na região do Alto-Diamantino. Estão actualmente muito mestiçados com os brancos, em Matto Grosso. Os Parecis ou Paricis das cabeceiras do rio Paraguay foram bem estudados por Dona Maria do Carmo Mello Rego, que até educou um joven indio Pareci, de nome Guido.

Parentintins ou **Parintintins**— Indios de côr bem clara, dos rios Madeira e Tapajós, no Amazonas e Pará. Parecem-se muito com os Indios Andirás («morcêgos»). Têm egualmente o nome de Parentins, simplesmente, e são povos de origem tupi (tupis septentrionaes).

Paricuras — Tribu ao N. da foz do Amazonas, segundo Baena Está extincto, no Pará, o gentio Paricura.

Passés — Tribu indigena do Est. do Pará, nas cabeceiras do rio Xingú e no Rio Negro. Civilisaram-se os Passés desde o sec. 18.º O nome Passé occorre tambem na Bahia e provavelmente este Indio lá o deixou, na tradição local.

Patachos ou **Pataxós** — Tapuyas do Est. da Bahia, Baixo Jequitinhonha ou Belmonte e entre o pedaço do littoral bahiano comprehendido pela foz do rio Santa Cruz e Mucury. A horda dos Formigas ou Içás (comedores de *tanajuras*) era cruzada de Indios Purys e Patachós. No rio Jussiape ou de Contas e no Grugungi (Bahia) acampavam os Patachós, de que algumas hordas, attravessando a Cordilheira dos Aymorés, chegaram ao territorio de Minas Geraes (secs. 17.º e 18.º). Na costa bahiana, eram bons remeiros estes bugres.

Patêtús—Indios de Matto Grosso, pouco conhecidos até hoje, tanto que os viajantes allemães (Martius, V. Steinen, Meyer, Schmidt) a elles não se referem.

Payáyás— Indios citados por Southey, que tambem indica os Parasis, os Potentas e os Paracatis como tribus do Brasil, sem que, entretanto, os localise, geographicamente. Vide op. cit.

Payacús—Indios da antiga capitania do Ceará e Rio Grande do Norte (rio Apody). Tambem se escreve : Paiacús. Vide este nome.

Payaguás—Nação de Indios aparentados com os Guaycurús, no Est. de Matto Grosso, no valle do rio Paraguay e seos affluentes da fronteira paraguaya e boliviana. O melhor estudo sobre os Paya guás é o de Felix Azara, o grande escriptor castelhano do sec. 17.°

Pianokotos— Selvagens carahibas, que vivem na região a oeste do Parú e Jary, no Alto-Trombetas e Jamundá (Amazonia), onde foram estudados por Henri Coudreau, explorador francez, nos fins do seculo passado (19.°) Escreve-se tambem Pianogotos.

Pinarés — Indios de origem tapuya, do sul do Brasil, mal localisados, geographicamente.

Pindarés — («Os pescadores»). Tribu do Maranhão, no rio Pindaré e tambem no Piauhy. São caribócas ou tapuias.

Pimenteiras ou **Pigericúns**—Indios dos sertões do Piauhy e da Parahyba do Norte, onde fizeram outr'ora grande damno aos colonos brancos das fazendas de gado. Segundo Lucien Adam, os Pimenteiras do Piauhy são os Caraibas meridionaes, isto é, ao sul do Amazonas, como os Palmelas, de Matto Grosso, tambem o são.

Pittás— Antigos selvagens da Capitania fluminense (Rio de Janeiro—seculo 18.°), onde acampavam ao lado dos Guarús ou Guarulhos, no baixo Parahyba do Sul.

Pochetis— Tribu do interior do Pará (de origem tupinambá), entre o valle do baixo Tocantins e as nascentes do Mojú.

Pojichás, Pochichás ou **Pugixás** — Gentio bravo, de origem tapuia (Aymoré), das mattas da Poáya (Peçanha), dos valles do Itambacury, Mucury e Todos os Santos, e da Serra dos Aymorés (Philadelphia), a leste e nordeste do Estado de Minas. São bugres traiçoeiros e pouco domesticaveis, como os Puris, os Malalis, os Monoxós e outras tribus botocudas d'aquella parte do Estado de Minas.

Poragis ou **Parexis**— (Poragi significa o «homem superior»). Aos Parexis dão os escriptores coloniaes o nome de Paracizes. Vide o nome : Parecis ou Paregis.

Pocategês— Indios da região do Tocantins, alliados dos Camecrans, ao norte de Goyaz e sul do Maranhão. Talvez Tapuias.

Potegês— Indios dos sertões do Gradahú, no Estado do Maranhão, tribu co-irmãn dos Pencategés, Caraotês Caractagés, etc.

Potyguaras, Potigoaras ou **Petiguares**—(*Potiguara*, «o comedor de camarão») Dominavam até o sec. 17.° desde o rio Jaguaribe (Ceará) ao rio Parahyba do Norte, occupando cêrca de 100 legoas de costa. Fieis alliados dos colonos portuguezes, os Potiguáras se celebrisaram com alguns Indios notaveis, D. Antonio Felippe Camarão (Poty-guaçu) D. Clara, sua mulher, Sebastião Cama-

rão, seo sobrinho, nas luctas hollandezas, desde Pernambuco ao Rio Grande do Norte.

Procazes— Eram uma nação de indios bravos, que infestavam algumas capitanias brasileiras (Bahia, Porto Seguro, Ilheos,) na éra colonial. Eram alliados aos Orizes, indios tapuyas da Bahia, no Itapicurú. Vide: Orizes.

Procotós ou **Purucotós** —São os mesmos Puricotós ou Ipucotós do Amazonas, e que estão, como já vimos (letra I), em contacto e alliança com os Maimerys e Crichanás do rio Jauapery (valle do Rio Negro).

Pucaxarés- Selvagens de Matto Grosso, no valle do Guaporé e Corumbá. Outros escrevem Puchacarés ou Puxacaris, em vez de Pucaxarés.

Purarionês — Gentio bravo dos sertões Matto-grossenses, no valle do rio Apa

Puris ou **Purys**-- Gentio de Minas (leste e nordeste), nos rios Doce, Suassuhy Grande, Suassuhy Pequeno, Urupuca, Mucury, Todos os Santos, Poté e na serra dos Aymorés. De origem Goitacá ou Waitaká, ora aldeado, ora em lucta com os colonos. Dividem-se as tribus em Puris assús e Puris-mirins. Nos municipios de Theophilo Ottoni e Peçanha, ainda ha Puris mansos e bravos, em pequeno numero. Sobre os usos, costumes, armas, religião, anthropophagia dos Purys, ha muitas informações escriptas deixadas por Saint-Hilaire, Martinot, Guido Marliére, Victor Renault, Theophilo Benedicto Ottoni, Schrader, Zeferino Carvalho, Rubim, Silva Pontes, Schieber, Principe Maximiliano, Castelnau, Eugene de La Martiniére, Gerber, Luiz d'Arlincourt, etc. Ha ainda, em Minas, cerca de 10 mil bugres por amansar.

Purunúnas ou **Purupurús**— Os indios Purú purús vivem na parte central do Estado do Pará, nas cabeceiras do rio Purús.

Purùs— Nome dado aos selvagens que habitam a bacia immensa do rio do seo nome, na Amazonia. Varnhagem eguala os Purús do Norte aos Puris do Sul (da Bahia, Minas e Espirito Santo) e diz que o appellido Purús significa «povo anthropophago». Que fossem cannibaes, não ha duvida; porem, quanto á etymologia não concordamos, por achal-a vaga de mais.

Q

Quagehús— Tribu de Matto Grosso, ao norte, na extrema com o Estado do Pará. Extinctos talvez, e Indios mal conhecidos.

Quarahins — Tribu rio-grandense do sul, no valle do rio de seo nome, e já extincta. Além do rio Quarahim, ainda se conserva o nome da tribu na cidade de S. João Baptista do Quarahim (Rio Grande do Sul).

Quimú-muras— Selvagens já extinctos da Bahia, tambem ditos Quinimuras. Dominavam a bahia de Todos os Santos, em principios do sec. 16.º, e foram d'ahi expulsos pelos Tupinambás e pelos primeiros colonos portuguezes.

Quiniquináos ou **Kinikináos** — São de Matto Grosso os bellos e pacificos Kini-ki-náos, dos quaes temos noticia nos escriptos do Visconde Alfredo de Taunay, D.r Severiano da Fonseca, Ricardo Franco de Almeida Serra, commandante Augusto Leverger e outros. Vivem no rio Cuyabá. Vide: Kinikináos.

Quiririns —A tribu Quiririm, do grupo dos Carirys, dominava em São Paulo, na éra colonial, juntamente com as dos indios: Goianá ou Guayanás, Guayó, Chorô, Tremembé e outras.

Quirriahús — Indios do Estado do Amazonas, pouco conhecidos.

R

Rariguáras — Tupis do littoral do Brasil, ao Norte, citados no 1.º vol., pag. 318, da *Historia do Brasil*, de Roberto Southey (trad. do D.r Luiz de Castro) e por Capistrano de Abreu, *Liv. do Centen.* vol. I, pag. 32.

Remaris — Tribu tupinambá da antiga Capitania de Sergype d'el Rey, no valle do Irapiranga. Os Remaris e os Aracis são os unicos povos selvagens, aqui citados, em relação a Sergype—pequeno e interessante Estado brasileiro pela sua copiosa producção de notaveis publicistas, escriptores e historiographos (drs. Tobias Barreto, Sylvio Romero, Felisbello Freire, Manoel Bomfim, João Ribeiro, Martinho Garcez, Laudelino Freire, Gumercindo Bessa, Fausto Cardoso, etc).

Rucuyenas ou **Rucuyennes** — São indios carahibas ou caribas, ao sul da cadeia de Tumucurac ou Tumucumaque, na fronteira do Pará com a Guyana Franceza, na região do Baixo-Amazonas onde os descobrio o explorador H. Crevaux, não ha muitos annos.

S.

Sabujás ou Sabuyás.—Antiga tribu Kiriri, hoje extincta, que vivia no Baixo-São Francisco, entre Bahia e Pernambuco.

Sacarús.—Extinctos estes indios da antiga Capitania do Rio de Janeiro. Eram da grande tribu dos Guarú ou Guarulhos, e acampavam na parte sul da serra dos Orgãos e rios Macabú e Macahé.

Samixumás.—Indios botocudos, de Minas, já extinctos.

Viviam nos sertões do Baixo-Rio-Doce, nas divisas das 2 capitanias: Minas e Espirito Santo.

Sanapanas.—Tribu do rio Apa, em Matto Grosso.

Sarumas.—Tribu extincta de Matto Grosso. Mal conhecida, como a precedente dos Sanapanãns.

Sirionos.—O gentio Siriono é tupi e vive nas cabeceiras do rio Beni e região do Mamoré, no Alto-Madeira.

Sucuryús.—Selvagens amphibios do Amazonas. Ornam-se com grandes pelles de ophidios, enroladas em torno do thorax. D'ahi o nome da tribu tirado dos monstruosos reptis, com cuja pelle se cobrem.

Sinklão.—Nome dado aos Bugres do Estado de Santa Catharina, na Serra Geral e valles do Rio Negro e Mampituba. O nome vem citado por Capistrano de Abreo, no 1.º vol. do «Livro do 4.º Centenario do Brasil», pag. 34.

Sucurùs.—Estes Indios Sucurús eram como os Icós, Jaicós, Jucás, Juremas e Papanazes, do grupo dos Carirys do Norte (sertões do Ceará e Piauhy.)

Suyás.—Indios do grupo dos Gês ou Tapuyas, do curso medio do rio Xingú, inimigos da tribu Apingui ou Apiacá. do Tocantins. Os Suyás parecem parentes dos Apinagés pela lingua e são verdadeiros Cayapós do Norte.

T

Tabajáras.—Povos tupis. extinctos. da antiga Capitania de Pernambuco e que extendiam o seo dominio até á cordilheira de Ibiapaba (Ceará). *Tabajara* quer dizer, em *nheengatù* ou «lingua geral» — «senhor da aldeia».

Tacana.—Grupo de tribus da região do Madeira e do Acre, entre o Brasil e a Bolivia.

Tacanhu'mas.—Indios do Pará, entre o Xingù e o Tocantins. São de origem tupinambá os Tacanhumas.

Tacariju's—Selvagens já extinctos do Ceará, onde foram o terror dos colonos brancos, que penetravam a região da Serra da Ibiapaba ; e, em 1608. ahi trucidaram o missionario Jesuita, P.º Francisco Pinto, escapando o seo companheiro P.º Luiz da Figueira, notavel indianologista. Os Tacarijus, os Jucás e outras tribus do Ceará, têm sido muito bem descriptas pelo Barão de Studart, Coronel João Brigido, eng.ro Henrique Theberge, senador Th. Pompeo e outros estudiosos das cousas do antigo Ceará colonial.

Tacuna's.—O gentio Tacuná vivia na região central Paraense, no rio Jutahi. E' gentio extincto.

Tamarãns.—Vivem em Matto Grosso estes indios. Escreve-se tambem : Tamarãnas.

Tamarés ou **Tamararés.**—Indios caçadores de Matto Grosso, na região do Guaporé, cabeceiras do Madeira.

Tamembós.— Gentio extincto em Goyaz. O seo nome relembra os Temembós, do Tocantins, ou os Tormembós, do Araguaya.

Tamepungas.—Selvagens de Matto Grosso e mal conhecidos. Extinctos.

Tamoyos.—(*Tamoyo* significa «avô» ou «antepassado»). Campeavam no littoral fluminense, desde Cabo Frio e Cabo de S. Thomé até Angra dos Reis (Ocaruçú), cerca de 40 legoas de costa. Inimigos dos portuguezes contra quem se armaram na celebre liga, desfeita pelo abnegado esforço dos Jesuitas Nobrega e Anchieta (sec. 16º) e cantada no poema do Visconde de Araguaya (D.r Domingos J. Gonçalves de Magalhães), «A Confederação dos Tamoyos». Eram fieis alliados dos invasores francezes—contrabandistas do littoral.

Tamuãnas.—Indios do Estado do Amazonas, outr'ora civilisados em Teffé e no Juruá.

Tamuyas.—O nome e pronuncia tupi dos Tamoyos, indios fortes, bellicosos e bons navegantes. Rodolpho Amoedo os celebrisou, no seo quadro «O ultimo Tamoyo» (Escola de Bellas-Artes, do Rio de Janeiro). De *tamuya* procede a palavra *Tapuya*, segundo o D.r João Mendes de Almeida. (Vide *Notas Genealogicas*).

Tapacoás.—Indios bravos do norte de Goyaz, nas margens dos rios Tocantins e do Somno. Ainda se encontram em Goyaz restos da tribu dos Tapacoás.

Tapajós.—Indios inimigos dos Mamorés e Guaimurés ou Aimorés, e que dominaram por longos annos o affluente amazonico do seo nome. *Tapajó* (de *taba* e *uoc*) significa «nascido em aldeia.»

Tapanhunas. — Estes Indios são dos tupis meridionaes em Matto Grosso, nas margens dos rios Arinos, Juruena e Tapanhúna.

Tapes.—Indios do Rio Grande do Sul, quasi extinctos, como os seos irmãos dos Pampas do Brasil meridional: o gentio Camacam, o Quarahim e outros da terra *gaúcha*.

Tapiranás.—Tambem chamados Antas, no valle do Tocantins. São de origem tupi e aruak, já misturados os dous sangues e as linguas, na tribu Tapiraná ou Antas.

Tapirapés.—São tupis do valle do Araguaya, em Matto Grosso e Goyaz, e se dizem tambem Tapiraquês. Vide Tapiraquis.

Tapiraquis.—São tambem de Goyaz estes Indios, em cujo nome se poderia talvez descobrir o cruzamento tupi dos Tapes com os Aroaquis (Nu-Aruak).

Tapu's.—Povo tupi septentrional, do Amazonas, no rio Madeira. O gentio Tapú é tupi e fica na fronteira boliviana com o Brasil (rio Madeira.)

Tapuyas.—(Tapuya ou Tamuya—de *taba* ou *tama*, aldeia, e *puir*, fugir. Significa «o que foge da aldeia, do paiz»). Acampavam os barbaros indios da nação tapuya desde o Amazonas ao rio Jaguaribe, no Ceará, dominando cerca de 200 légoas, na costa norte do Brasil, para onde emigraram idos do Sul.

Taramambázes.—Tribu extincta, nos sertões do Pará.

Tarumás.—Indios do Rio Negro (Amazonas), muito perseguidos dos Aruaquys e alliados dos Urichanás ou Guaribas—Tapuyas.

Os Tarumás foram catechisados, no sec. 17.°, pelos Jesuitas P.es Manoel Pires, Francisco Velloso, Francisco Gonçalves, Pedro Pires, João Maria Garçoni e João Justo de Lucca. São indios mansos e amigos da gente branca. Os Tarumás pertencem ao extenso grupo ethnographico dos Nu-Aruak. Delles deu noticia Barbosa Rodrigues, op. cit.

Tecunás.-(Ticunãs ou Tekunás) são indios Nu-Aruaks do oeste amazonico, na fronteira com a republica do Perú. Outros consideram os Tekunás como formando um grupo ethnographico aparte, no Brasil, assim como os Trumais e os Uaupés.

Tecunapenas—São indios tupis do Baixo Xingú, citados pelo Dr. Carlos von den Steinen.

Tembés.—Tribu tupi, extincta, do Maranhão, onde, já o vimos, dominavam muitas tribus de gentio tupinabá, tapuia e caribóca.

Temembós.—Gentio dos Estados do Pará e Maranhão, nos rios Manoel Alves-Grande e Tocantins.

Temiminós.—*temiminò* significa «o neto», descendente do Tamoyo, que é «o avô» ou «antepassado». Dominavam na antiga capitania do Espirito Santo, onde muito ajudaram os portuguezes contra os Goitacazes. Era chefe *temímino'* o celebre Martim Affonso Ararigbóya («o Cobra Feroz»), alliado dos portuguezes contra os invasores francezes do Rio de Janeiro, no sec. 16 ° e fundador da Praia-Grande (hoje Nichteroi). *Nicteróig* quer dizer: «agua escondida», por causa da curva ou volta da bahia de Guanabara, defronte da costa da capital fluminense.

Terenas ou **Terenos.**—Os Indios Terenos são do centro de Matto Grosso e pertencem á nação Chané, sendo de origem Aruak.

Tessemidús.—Indios do valle goyano do Araguaya, visinhos da grande ilha do Bananal ou de Sant'Anna.

Timbués.— Pertencem ao grupo dos tupis meridionaes, no planalto central do Brasil.

Tobajáras.—(*Tobajara* significa «o cunhado»). Quasi irmãos dos Tupis, ou Tupis quasi puros, ao Norte do Brasil. Não confundir com os Tabajáras, inimigos dos Caetés, de Pernambuco (sec. 16.° e 17.°). Os Tobajáres ou Tobajaras do Ceará fizeram uma guerra de morte aos Tocarijús, no sec. 17.°

Tocayós ou **Tocoiós.**—Povo Botocudo, de origem goiatacá, da antiga capitania de Minas, no territorio banhado pelo Jequitinhonha, comarca de Minas Novas do Fanado. Temos uma velha povoação dos Tocoiós, no actual municipio de Arassuahy ou Calháo (Minas).

Tocujús.—Indios amazonicos do sec. 17.°, na ilha hoje de Sant'Anna e então chamada dos Tocujús, na bôcca do Amazonas (Guyana Brasileira). Os Tocujús eram alliados dos Hollandezes e inimigos dos Portuguezes, na éra colonial.

Torás. — Indios do oéste do Pará e do Alto-Amazonas.

Tormembós ou **Manajós.** — Indios Maranhenses, valle do Mearim. Vide Manajós e Amanajós.

Tremembés. — Tribus do sul (em São Paulo) no valle do Tieté e Parnahyba. No Maranhão e Ceará, ao Norte, ha vestigios desses Indios Teremembé. Ha ainda uma localidade paulista, Bom Jesus do Tremembé, perto da capital. Eram Gês ou tapuyas os Tremembés, inimigos dos Tupinabá e Tupinaki. Tramembés ou Tremembés significam «os vagabundos». Os Tremembés são considerados Tapuias (Gês) por uns, e Carirys por outros autores, quanto á classificação do grupo de que derivam.

Trumays. — Selvagens da região do Xingú e seos formadores, os rios Ronuro e Coluena, no Estado de Matto Grosso. Nessa região, além dos indios Trumays, vivem as tribus Nahugá e Bacahirys, esta admiravelmente estudada, sob o ponto de vista linguistico, pelo dr. Carl von den Steinen. Os Trumahys ou Trumais constituem um grupo aparte na classificação ethnographica dos selvagens do Brasil.

Tumbirás. — São Indios amazonicos, que se não devem confundir com os Timbyras ou Timbiras (do Maranhão).

Tupinaes ou **Tupinaêns.** — Tupis visinhos da costa, entre Bahia e Alagôas, reputados «os mais velhos parentes» pelos Tupinabás, segundo Diogo Vasconcellos, em desaccordo com F. Ad. de Varnhagem, que os eguala aos Tupinakis (*tupi*,—povo, *na'*—parente, *Ki*—espinho, ruim — isto é «parente ruim», perverso ou degenerado do tupi:) Para aquelle primeiro escriptor citado, o Tupinaé proveio do cruzamento mais antigo do Tupi e Tapuia, os dous ramos ancestraes do nosso Indio.

Tupinambarânas. — São tupinambás illegitimos, já muito cruzados, na região do Madeira. no Estado do Amazonas. Os tupis puros designavam os Tupinambarãnas como «tupinambás bravos.»

Tubinambás ou **Tupinabás.** — (*Tupi-na-ba'* significa : «o tupi sahido do tronco primitivo». E' o legitimo e bom parente da nação tupi), Estiveram em contacto com os Portuguezes desde o sec. 16.°, desde o sul da Bahia, até o rio de São Francisco. Dominavam cêrca de 130 leguas, na actual costa dos Estados da Bahia. Sergype e Alagôas. O celebre Diogo Alvares Corrêa (o Caramurú) casou-se n'uma tribu Tupinabá. Sua mulher Paraguaçú, sua favorita Moêma, eram indias Tupinabás. Na Bahia se formou o primeiro cruzamento historico dos mestiços de sangue luso e indiano, entre colonos brancos e mulheres tupinabás

Tupiniquins ou **Tupinakis.** — (*Tupi-na-ki* significa, «o máo parente do tupi»). Foi a primeira tribu encontrada pelos Portuguezes na costa brasileira (abril de 1500), durante a estada da frota de Cabral, em aguas do littoral bahiano, na enseada de Porto Seguro, Bahia Cabralia, rio Cricaré, Morro de São Paulo, Ilhéo da Corôa Vermelha, etc. Os Tupiniquins dominavam o territorio das capitanias da

Bahia, Ilhèos e Porto Seguro até o interior, junto aos contrafortes da Serra dos Aymorés, em 18.º de Lat. Sul. Cêrca de 70 legoas de costa occupavam elles. Os valles dos rios Camamú, Cricaré e outros estavam cheios das suas hordas pacificas e de facil tracto com os colonos brancos, europeos.

Tupis ou **Tupys.** — Os Tupis e os seus irmãos de raça e de lingua, os Guaranis, formam a grande familia *brasilio-guarany*, de Baptista Caetano, ou o grupo ethnico dos tupys-guaranys, de Martius. Ehrenreich os divide em tupis meridionaes, centraes, orientaes, occidentaes e septentrionaes. Toda a costa brasileira, no sec. 16.º, tinha tribus tupis. Nos 8 grupos dos povos naturaes do Brasil, conforme a classificação de Carlos von den Steinen, os Tupis formam o 1.º grupo, abrangendo os Guaranys. Tupi significa : «o cabeça, o tronco de geração.» *Tupiúnas*, são os tupis de pelle escura ; *tupitingas*, são os tupis de côr mais clara, menos carregada na pigmentação bronzeada da epiderme. Sua lingua, o *nheengatú*, é muito bem conhecida. Era a «lingua geral,» no Brasil, selvagem, tão chegada ao *abaneenga* dos Guaranys, como o latim em relação á lingua grêga. Os colonos e exploradores portuguezes encontraram povos tupis por todo o Brasil, desde o extremo sul ao extremo norte, tanto no littoral, como no extremo oeste, beirando os Andes : Tapes, Carijós, Tamoyos, Tupiniquios, Tupinambás, Tupinaens, Tabajáras, Rariguáras, Caetés, Potyguáras, Mundurucús, Jurúnas, Mauès, Apiacás, Tupinambarãnas, Chirigoãnos, etc.

Tymbiras ou **Timbiras.**— Povo tapuya do Norte do Brasil (Maranhão), estudado nas suas tradições pelo Dr. Antonio Gonçalves Dias, que até as cantou em verso, e ainda pelos drs. Candido Mendes de Almeida e Cesar Augusto Marques. Além de um cruzador-torpedeiro da marinha brasileira com o nome *Tymbira*, existe em Bello-Horisonte (a moderna Capital de Minas), uma bella rua com o nome de Tymbiras, assim como outros nomes, de tribus indigenas do Brasil, se vêem nas ruas da mesma cidade : Aymorés, Guajajaras, Goitacazes, Tupys, Carijós, Tamoyos, Tupinambás, Caethés, Goyanazes, etc., no bairro commercial da «rainha do planalto mineiro». Timbyra ou Timbirá quer dizer «o infame», o «despresado». Ainda são chamados Canellas Finas, no Maranhão, onde vivem restos dessa tribu, nas margens do rio das Balsas e do Manoel Alves, na bacia do Tocantins. São puros Gês ou Tapuias os Tymbiras.

U

Uacaráuhãns ou **Uacaráuhás** — Indios Amazonicos (rios Juruá e Jutahy), celebres pelo uso das *zarabatanas* e das flechas hervadas com o *curare*, fortissimo toxico vegetal, tambem chamado *uirary*.

Uahiás ou **Uaiás** — Selvagens matto-grossenses, muito bravios, nas margens do Juruena e Arinos. Escreve se tambem Uhaihás.

Uaiumarás — Tribus das margens do Rio Branco, ao Norte do Estado do Amazonas (fronteira da Guyana Ingleza).

Uaimunas — Indios Nu-Aruaks do Baixo Içá ou Putomayo, a oeste do Amazonas.

Uakys — Vivem na região do rio Branco, como os Uapixanas e Uaimarás, estes Indios Uakys, citados por Schomburgh, o conhecido explorador inglez do Tacutú e Pirára.

Uamerys, Uaimeris ou **Uaimirys** — Nomes dados aos Jauaperys, ou Jauamerys do Amazonas, e que outros Indios não são senão os Crichanás, seos actuaes descendentes, segundo entende Barbosa Rodrigues.

Uapixanás — Indios do Rio-Branco. (Amazonas).

Uaiupis — Indios amazonicos, já extinctos, no rio Teffé.

Uaracás — Tribu amazonica, no Baixo-Rio Negro, na chamada Guyana Brasileira.

Uaraicús — Tribu paraense, tambem do Baixo-Amazonas.

Uarihuás — Tribu de Indios da Guyana, margem do rio *Uerêrê*, na margem esquerda do Rio Negro.

Uassahys ou **Uassuhys** — Indios amazonicos do rio Carinoany, affluente do Jatapú. São aparentados com os Ipurucotós, das vertentes do Ararikuera (Barb. Rod.). Em Minas Geraes, o nome dos dois rios Suassuhys tem alguma semelhança com o appellido dessa tribu do Norte do Brasil.

Uaupés — Grande tribu amazonica. Bellos typos entre estes selvagens, segundo Barb. Rodrigues, Oscar Leal, Stradelli, Alexandre Ferreira, Baena e outros exploradores. Vivem os Uaupés, no rio do seo nome, affluente do Rio-Negro, nos Estados do Pará e Amazonas. Os Uaupés constituem nação á parte dos grupos até agora classificados, por Martius e Ehrenreich, na ethnographia dos povos naturaes do Brasil.

Uaycurús ou **Guaycurús** — Indios de Matto Grosso, notaveis pela sua robustez physica e por serem cavalleiros excellentes. Sobre seos usos, religião e costumes, ha uma interessante *Memoria* escripta pelo Sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra; e no trabalho «Nações Indigenas de Matto Grosso», do Coronel Galdino Pimentel, ha uma descripção do gentio Uaicurú ou Guaicurú.

Ubirajáras ou **Ibirajáras** — Vide nomes Bilreiros, Cayapós e Ibirajáras, nesta «Nomenclatura». Eram gês ou tapuyas os Indios Ubirajáras.

Uhaihás — Tribu matto-grossense, dos rios Juruena e Arinos, e já descripta neste trabalho, sob o nome: Uahiás.

Uitôtos — E' carahiba o indio Uitoto, do Alto-Japurá (Amazonia).

Umãns ou **Umãn** — Antigos selvagens de Pernambuco, nos rios Pajehù e Moxotó. Já extinctos.

Umànas — Tupis do Alto-Japurá. Os Umanas ou Uamanis foram depois para o Coary.

Umturucus — Tribu acampada entre os rios Preto o Solimões (Estado do Amazonas). São os mesmos Mundurucús, segundo alguns exploradores opinam, e, portanto, são tupis.

Unapichânas ou **Unapixânas** — Indios da região Amazonica.

Urubús — Nome dado a uma tribu do Pará, que, como os Gaviões, do Maranhão, e os Sucuriús, do Amazonas, tomava para designar a horda um nome de ser animal da fauna do paiz.

Urucarumis ou **Urucúrunis** — Indios de Matto Grosso mal conhecidos e localisados. Suppõe-se estarem extinctos.

Urucunis — Parece que são os mesmos Urucarunis matto-grossenses.

Urupucas — Outra horda já extincta, em Matto Grosso, havendo em Minas Geraes um rio Urupuca, na região da Poaya (Peçanha).

Ururis — Tambem é tribu do Estado de Matto Grosso, simplesmente citada por Milliet de Sainte-Adolphe.

V

Vajaris — Indios de Matto-Grosso, fronteira da Bolivia.

Vaurás — São Indios Nu-Aruaks da região a leste do rio Xingú.

Vouvés — Selvagens extinctos, no Est. de Pernambuco, onde os Vouvés estavam de guerra aberta com os Umâns, Pipiâns e Chocós, na região entre os rios Moxotó e Pajehú, serra de Araripe, etc. Foram, afinal, batidos pelos Caetés.

W

Wayavaí — E' um povo carahiba, da região Guyanica, ao Norte do Amazonas.

Waiganna — Indios descriptos por Hans Staden, no sec. 16.° e que serão talvez representados hoje pelo gentio Ingain (do Paraná) ao Sul do Brasil.

Waitacás — Nome dado por Ehrenreich ao grupo dos Goitacás ou Goytacazes da antiga capitania da Parahyba do Sul, e que se espalharam pelo territorio do Esp. Santo, Rio de Janeiro, Minas e Bahia, nos valles dos rios Parahyba do Sul, Itapemirim, Pomba, Muriahé, Doce, Mucury, São Matheos e Jequitinhonha (secs. 17.° e 18.°). Vide: Goitacás, neste trabalho. Escreve-se tambem: Waitakás.

Wanás — Indios do extremo norte, do grupo dos Caribas amazonicos.

Wapixanás—Indios Maipures ou Nu-Aruaks, do extremo norte do Brasil, na região Guyanica.

Wáuras — Tribu de origem Aruak, das nascentes do Xingú.

Wayarais — Povo amazonico da Guyana, ao Norte.

X

Xambioás—(Vide: Chambioás). Indios bellicosos do Araguaya e da grande nação dos Carayá, em Goyaz e Maranhão, nas ma gens do Tocantins. Tambem se esscreve Ximbiuás. Em 1775, começaram a ser aldeiados estes Indios em Matto Grosso, (Saint-Adolphe, op. cit., 2.° vol. pag. 791).

Xanidãnas — Indios de origem Pano, nos rios Juruá, Tarauacá e Emvirá, na Amazonia.

Xaulapittis — Indios Aruaks descobertos por von Steinen, nas cabeceiras do Xingú, entre Matto Grosso e Pará.

Xavantes ou **Chavantes** — Indios da parte central do Estado de Goyaz, e que para o sabio allemão Ehrenreich são os Akuens da margem esquerda do Araguaya, notaveis por serem os mais bellos typos dos Gês centraes. Vide: Akuens e Chavantes.

Xerentes ou **Cherentes** — Indios do Araguaya, levando suas corridas além de Goyaz, para oeste (Matto Grosso) e para o Norte (Maranhão e Piauhy) O Xerente é de origem tapuya ou do grupo dos Gês. Os missionarios actualmente os catechisam, bem como aos Xavantes, chamando- s á civilisação. Diz Ehrenreich que os Xerentes não são mais do que Xavantes meio civilisados. Têm o mesmo typo, côr mais ou menos clara, grande estatura e robustez e feições regulares; são acces·iveis ao tracto dos christãos e exploradores brancos, d'aquelles longinquos sertões do Araguaya. Vide: Cherentes.

Xicriabás —(Vide Chacriabás e Chicriabás) —Tapuyas do Baixo São Francisco, na Bahia e Pernambuco, e já extinctos.

Ximanos ou **Chimanos** — Tupis amazonicos, no valle do Javari — Vide Chimanos.

Ximbinás — São Indios de Matto Grosso, sobre os quaes nada falam o Barão de Langsdorff, Leverger, Oyenhausen, Taunay, etc. que escreveram sobre as tribus matto-grossenses.

Xipaias — Tribu de Indios ainda existentes no Alto-Xingú. Estado do Pará, a cuja capital (Belem) veio ha pouco (jan. 1905) o *Tuchaua* ou chefe dos Xipaias, pedir armas, ferramentas e vestes para os seos vassallos das nascentes do rio Xingú.

Xiquitos ou **Chiquitos** — Indios de Matto Grosso, e Bolivia, tambem chamados Naquinônois.

Xocrens — Nome tribal dos Bugres (*Shòkleng*, dizem os colonos allemães e tento-brasileiros) do Estado de S.ta Catharina. Já vimos os nomes: Burung e Sinklão — designando os bugres catharinenses, na região do Mampituba, Serra do Mar, Lages, etc.

Xumetos — Indios da antiga capitania do Rio de Janeiro (seculo 18°), onde esses selvagens e os Guarùs, os Sacarús e outras hordas foram sempre batidas pelo indomito gentio Goitacá, no valle do baixo Parahyba do Sul.

Y

Yarumas ou **Arumas** — Tribu carahiba descoberta por Hermann Meyer, na região dó Alto-Xingú.

Yurùnas—Tribu indigena do Baixo-Xingú, segundo Carl v. d' Steinen. Chamam-se tambem Jurúnas (*Jurû-únas*—os «boccas pretas»)'

Yavahés — Indios da Ilha de Sant'Anna ou Bananal, no rio Araguaya (Goyaz), pertencentes á nação dos Carayá, e muito pouco conhecidos. Escreve-se: Javahés ou Javaés.

Ycamiabas — Tribus de indios Cunuris da margem esquerda do Amazonas, entre os rios Cunnuri, Oriximina e Ycamiaba.

Yacarayabás — Indios do Brasil, referidos pelo inglez Southey, sem determinar-lhes a localisação, o *habitat*, etc.

Yguarunas — Selvagens do antigo Maranhão. Vide: Iguarúnas.

Yorimâns—Indios amazonicos ao N. do rio Japurá e notaveis pela esbelteza de seos corpos.

Z

Zamplâns — Tribu indigena de Minas, domesticada por Guido Thomas Marlière, no começo do seculo 19.°. Os Zamplãns eram bugres do valle do Rio Doce e alliados dos Coropós e Malalis.

Zarguncbos — Povos semi barbaros dos sertões do rio São Francisco (Minas e Bahia), provindos do demorado cruzamento indigena, na era colonial. Esses Zarguncbos ou *jagunços*, na gyria do povo, são genuina descendencia mamelúca—mistura do sangue do indio goianá e do colono branco e do negro. Segundo o Dr. Diogo de Vasconcellos (*Hist. Ant. das Minas*. ed. de 1901, pag. 113). formam uma verdadeira nação á parte dos civilisados e são os Ciganos do interior do Brasil, sempre errantes e levando uma existencia nómade e extravagante pelas remotas paragens centraes do nosso paiz. Em Minas,

ao Norte, o sertanejo da Jahyba e o campeiro *gorotubano*, no Rio Verde, (Grão Mogol) recordam esse typo valente e semi-barbaro do jagunço ou zarguncho sahido do cruzamento de mamelúcos e ciganos.

FIM

Bello Horizonte, novembro de 1908.

Nelson Coelho de Senna (natural da cidade do Serro), socio dos Institutos Historicos e Geographicos do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia e de Minas Geraes; das Sociedades de Geographia de Lisboa e do Rio de Janeiro; da Academia Nacional de La Historia de Venezuela, & &.

NOTA FINAL. — Emquanto Milliet de Saint-Adolphe (op. cit. pags. 459-463) só enumerou — sem mais commentarios — 168 tribus e nações de Indios do Brasil, nós deixamos aqui, nesta lista alphabetica, noticia de cerca de 450 povos, tribus, grupos e nações selvagens de nosso paiz.

Saint-Adolphe, na sua lista, nenhuma tribu referio, cujo nome começasse pelas letras D, E, F, H, K, W e Z; ao passo que nesta nomenclatura citamos tribus e povos indigenas do Brasil, correspondentes a todas as letras do nosso alphabeto.

(Nota do A.)